

Mestrado

Comunicação e cultura

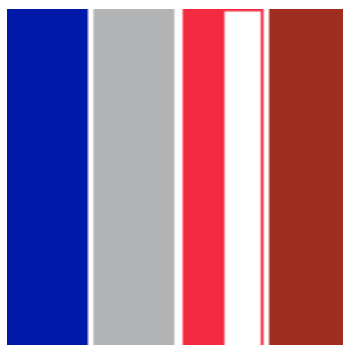
Percursos pedestres no Porto:

O estudo de caso das Visitas d'Autor

Silvia Resende

M

2021



Silvia Resende

Percursos pedestres no Porto:

O estudo de caso das Visitas d'Autor

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Comunicação e Cultura, orientada
pela Professora Doutora Alice Semedo

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2021

Silvia Resende

Percursos pedestres no Porto: O estudo de caso das Visitas d'Autor

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Comunicação e Cultura, orientada
pela Professora Doutora Alice Semedo

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

Sumário

Sumário	2
Declaração de honra	5
Resumo.....	7
Abstract	8
Índice de Gráficos.....	9
Lista de abreviaturas e siglas	10
1.Introdução.....	11
1.1. Relevância e objetivos do estudo.....	11
1.2. Abordagem metodológica e estrutura do trabalho	14
2.Turismo cultural	17
2.1. Notas sobre as origens do turismo cultural	17
2.2. O perfil e as motivações do consumo cultural	25
2.2.1. O turista cultural: segmentações possíveis	27
2.2.2. O consumo cultural e patrimonial.....	28
3.Turismo cultural: o lugar do património.....	30
3.1. Um breve olhar sobre o conceito de Património.....	30
3.2. O turismo patrimonial	33
3.3. A interpretação do património	36
4.Itinerários e rotas culturais	40
4.1. Itinerários culturais e rotas turísticas.....	43
4.2. Rotas patrimoniais urbanas.....	46
4.3. Rotas patrimoniais urbanas em Portugal.....	49
4.4. Rotas patrimoniais urbanas no Porto	52
4.4.1. Alterações no cenário do Porto nas últimas décadas	52
4.4.2. Percursos promovidos pela Câmara Municipal do Porto.....	55
4.4.3. Percursos promovidos no Porto por outras instituições.....	59
5.As Visitas d’Autor: um estudo de caso	63
5.1. Técnicas de investigação	63
5.1.1. Levantamento documental	64
5.1.2. Inquérito por entrevista	65
5.1.3. Inquérito por questionário online	66

6.As Visitas d´Autor	70
6.1. A Misericórdia do Porto e o Museu e Igreja da Misericórdia do Porto	70
6.2. As Visitas d´Autor: autores e temas	73
7.Quem são os participantes das Visitas d´Autor?	76
7.1. Perfil sociodemográfico dos participantes.....	76
7.1.1. Nacionalidade, idade e género	76
7.1.2. Escolaridade e condição perante o trabalho	77
7.1.3. Nacionalidade e área de residência.....	79
7.1.4. Lugar de residência X transporte.....	80
7.1.5. Meio de transporte x satisfação	80
7.2. Contexto da participação	81
7.2.1. Nível de satisfação e fidelização	81
7.2.2. Visitas d´Autor e os media	84
7.3. Motivação da visita	85
7.3.1. Razões para a visita	85
7.3.2. O papel dos autores na decisão de participar	88
7.3.3. Visitas d´Autor como atividade social	89
7.4. Avaliação e satisfação	90
7.4.1. Preço dos bilhetes	91
7.4.2. O que melhorar?.....	91
7.5. Construção de significados.....	92
7.5.1. Aprendizagem e admiração	92
8.Considerações finais	95
8.1. Sugestões de melhorias.....	97
8.2. Principais dificuldades e limitações.....	99
8.3. Sugestões para investigações futuras	100
Referências.....	101
Anexos	113
Anexo A	114
Anexo B	116
Anexo C	117
Apêndices.....	119
Apêndice A	120
Apêndice B	121
Apêndice C	123

Apêndice D	124
Apêndice E	126
Apêndice G	129
Apêndice H	131
Apêndice I	134
Apêndice J	155
Apêndice K	161
Apêndice L.....	162
Apêndice M	163
Apêndice N.....	165
Apêndice O.....	168
Apêndice P	169
Apêndice Q.....	171
Apêndice R	173
Apêndice S.....	178
Apêndice T	179
Apêndice U.....	180

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 29 de Junho de 2021

Silvia Resende

Resumo

Os percursos pedestres guiados têm-se tornado uma atividade de lazer comum nos grandes centros urbanos. Apesar de seu modelo ser comumente associado ao turismo, os roteiros destes *walking tours* podem ser pensados para diferentes públicos-alvo, incluindo as comunidades locais. Nesses casos, podem servir como uma importante ferramenta de valorização da própria cidade, da sua cultura e património. Atualmente, esses percursos integram a lista de dinâmicas oferecidas por autarquias, empresas privadas e pelos serviços educativos de espaços culturais.

A presente investigação propõe uma reflexão acerca dos percursos pedestres guiados com tema patrimonial que se realizam na cidade do Porto, tendo como estudo de caso o Projeto Visitas d'Autor promovido, desde 2016, pelo Museu e Igreja da Misericórdia do Porto. Nos últimos anos, o projeto ampliou-se, não só em termos do número de visitas oferecidas, como no elenco de guias e número de participantes. Estas visitas têm como público-alvo a comunidade local e abordam temas da história e património cultural portuense.

Esta dissertação procura reunir conhecimento acerca deste modelo de atividade que, apesar de cada vez mais popular, ainda é pouco estudado. Procura-se caracterizar a oferta destes percursos no Porto e produzir conhecimento acerca dos seus públicos para apoiar a melhoria contínua desta oferta cultural. Assim, este estudo apresenta uma reflexão sobre a natureza destes eventos, nomeadamente sobre os seus objetivos, temáticas, territórios relacionados e públicos e reúne conhecimento atualizado sobre os perfis motivacionais dos públicos do projeto "Visitas d'Autor" e sobre o seu grau de satisfação com a atividade.

Palavras-chave: percursos pedestres; percursos culturais; rotas culturais; turismo patrimonial; públicos da cultura.

Abstract

Guided walking tours have become a common leisure activity in large urban centers. Although their model is commonly associated with tourism, the routes of these walking tours can be designed for different target audiences, including local communities. In these cases, they can serve as an important tool to enhance the city itself, its culture and heritage. Currently, these tours are part of the list of dynamics offered by municipalities, private companies, and the educational services of cultural spaces.

The present research proposes a reflection about the guided walking tours with a heritage theme that take place in the city of Porto, having as a case study the project *Visitas d'Autor* (author's tours) promoted, since 2016, by the Museum and Church of Misericórdia of Porto. In recent years, the project has expanded, not only in terms of the number of visits offered, but also in the list of guides and number of participants. These visits target the local community and address themes of Porto's history and cultural heritage.

This dissertation seeks to gather knowledge about this model of activity that, although increasingly popular, is still understudied. It seeks to characterize the supply of these routes in Porto and produce knowledge about their audiences to support the continuous improvement of this cultural offer. Thus, this study presents a reflection on the nature of these events, namely on their goals, themes, related territories and audiences and gathers updated knowledge on the motivational profiles of the audiences of the project "*Visitas d'Autor*" and on their degree of satisfaction with the activity.

Keywords: walking trails; cultural routes; cultural routes; heritage tourism; cultural audiences.

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1 GRUPO ETÁRIOS E GÊNERO DOS PARTICIPANTES DAS VISITAS D'ÁUTOR.....	77
GRÁFICO 2 NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS PARTICIPANTES	78
GRÁFICO 3 CONDIÇÃO PERANTE O TRABALHO DOS PARTICIPANTE	79
GRÁFICO 4 LUGAR DE RESIDÊNCIA DOS PARTICIPANTES	80
GRÁFICO 5 MEIO DE DESLOCAMENTO ATÉ AS VISITAS D'ÁUTOR	81
GRÁFICO 6 FREQUÊNCIA NAS VISITAS D'ÁUTOR.....	82
GRÁFICO 7 PARTICIPAÇÕES EM PERCURSOS PROMOVIDOS POR OUTRAS INSTITUIÇÕES.....	83
GRÁFICO 8 NÍVEL DE SATISFAÇÃO GERAL COM AS VISITAS D'ÁUTOR.....	84
GRÁFICO 9 COMO CONHECERAM AS VISITAS D'ÁUTOR	85
GRÁFICO 10 MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO ÀS VISITAS D'ÁUTOR.....	87
GRÁFICO 11 PERFIS MOTIVACIONAIS IDENTIFICADOS	88
GRÁFICO 12 RAZÕES DE ESCOLHA DO GUIA / AUTOR APONTADO COMO FAVORITO	89
GRÁFICO 13 POR QUEM SE FAZEM ACOMPANHAR.....	90
GRÁFICO 14 EXPERIÊNCIA E AVALIAÇÃO EM RELAÇÃO ÀS VISITAS D'ÁUTOR.....	92
GRÁFICO 15 PERCEÇÃO DOS SIGNIFICADOS DAS VISITAS D'ÁUTOR.....	93

Lista de abreviaturas e siglas

MMIPO	MUSEU E IGREJA DA MISERICÓRDIA DO PORTO
SCMP	SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DO PORTO
CMP	CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
U.PORTO	UNIVERSIDADE DO PORTO
INE	INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
OMT	ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO
UNWTO	THE WORLD TOURISM ORGANIZATION
ONU	ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS
UNESCO	ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO A CIÊNCIA E A CULTURA
ICOMOS	CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS
CRUARB	COMISSARIADO PARA A RENOVAÇÃO URBANA DA ÁREA RIBEIRO-BARREDO
LGPD	LEI GERAL DE PROTEÇÃO DE DADOS

1. Introdução

1.1. Relevância e objetivos do estudo

As cidades históricas são frequentemente compreendidas como museus a céu aberto. A cidade do Porto é um exemplo disso, com parte de sua zona classificada como Património Nacional da Humanidade pela Unesco em 1996. Desde a sua classificação, a cidade vem-se tornando um cobiçado destino turístico internacional, tendo vencido inúmeros prémios, incluindo o de Melhor Destino Europeu, por 3 anos consecutivos. O turismo na Área Metropolitana do Porto mais que duplicou entre 2011 e 2019¹. A cidade testemunhou uma transformação urbana nos últimos 20 anos, com a requalificação de diversas áreas estratégicas, melhoria nos transportes e abertura de novos espaços culturais e áreas comerciais.

O desejo de percorrer as ruas do Porto e entrar em contacto com a sua história e património cultural deixou de ser algo exclusivo dos turistas. Entre 2013 e 2019 só a Câmara Municipal do Porto - CMP realizou cerca de 300 visitas guiadas pelas zonas históricas da cidade, através do programa “Percurso Culturais”, contabilizando cerca de 5 mil participantes somente nos 5 primeiros anos². Nas suas primeiras edições, a CMP chegou a disponibilizar visitas orientadas em inglês e francês, mas logo percebeu que a maioria do seu público era local. O grupo “Romper os Sapatos”, criado em 1996, reúne professores e amigos, tendo realizado, até ao presente momento, mais de uma centena de percursos pedestres no Porto, Matosinhos e até mesmo fora do Distrito. A Confraria do Corpo Santo de Massarelos também já promoveu, desde 2013, pelo menos 80 visitas pela cidade, acompanhadas por especialistas de história do Porto. E, desde 2016, já são mais de 80 os percursos organizados pelo Museu da Misericórdia nesse mesmo formato. E esses são apenas alguns exemplos de entidades que atuam de modo regular nesse campo, direcionando os seus esforços para o público local.

¹ Segundo dados disponíveis no site do Instituto Nacional de Estatísticas, o número de dormidas no país era de 39.440.315 em 2011 e passou para 70.158.964 em 2019. A Área Metropolitana do Porto apresentou crescimento proporcionalmente maior: passou de 2.966.657 dormidas em 2011 e 7.013.152 no ano de 2019 (INE, 2020).

² A Câmara Municipal do Porto só conseguiu fornecer dados acerca do número de participantes das edições realizadas entre 2013 e 2017.

A oferta desse tipo de atividade deixou de estar circunscrita ao âmbito da educação formal, do turismo e de grupos privados³. Passou a fazer parte do cardápio cultural da cidade durante todo o ano e não apenas em datas comemorativas, sendo oferecida ao público mediante aquisição de bilhete. Estes percursos pedestres apresentam um formato que difere do modelo turístico tradicional por apresentarem um conteúdo mais denso, rico em detalhes, com muitas referências à personagens e factos locais, somente identificáveis por quem efetivamente possui estreitas relações com a cidade. Os lugares tidos como “cartões postais da cidade” não são excluídos dos roteiros, mas não são o seu foco principal. Mais do que mostrar paisagens já habituais a quem aqui vive ou trabalha, estes percursos revelam lugares escondidos - quase exclusivos - permitindo aos participantes sentirem-se parte integrante da cidade e dos seus bastidores, gerando experiências “autênticas” e promovendo um acesso emocional das áreas visitadas.

Desde 2015, quando a autora desta dissertação deixou o Brasil e se mudou para o Porto, as visitas guiadas de tema patrimonial passaram a atrair a sua atenção. Inicialmente, representaram uma maneira de conhecer a cidade, pois além de percorrer fisicamente áreas que nunca havia visitado, também se apresentavam nomes relevantes da cultura e da história local e nacional. Essas visitas fizeram-na admirar ainda mais a cidade, despertando nela um sentido de pertença. As participações em visitas promovidas por diferentes instituições levaram-na a realizar estudos na área, tendo escrito em 2019 o seu primeiro artigo sobre os “Percursos Culturais” promovidos pela Câmara do Porto⁴. A partir desta experiência pessoal foi possível constatar que a informação documentada sobre o tema é escassa. As informações fornecidas durante as visitas constam de livros sobre a história do Porto. No entanto, existem poucos estudos sobre esses percursos pedestres e ainda menos se sabe acerca do perfil motivacional de quem os procura como alternativa de lazer. Parte-se do princípio de que os programas com esse perfil são importantes para a formação de indivíduos mais conscientes em relação à

³ No Porto, a Sessão Regional Norte da Ordem dos Médicos, o Conselho Regional do Porto da Ordem dos Advogados, Associação dos Professores do Norte são grupos que se reúnem esporadicamente para realizar passeios com essas características. Para participar dessas atividades, faz-se necessário ser membro desses grupos.

⁴ Artigo desenvolvido para a disciplina de Estudos e Práticas de Património do curso de Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual da Universidade do Porto, lecionada pela Prof. Doutora Maria Leonor Botelho, e depois adaptado para o Congresso Diálogos Sobre Gestão Cultural, realizado pela Universidade Federal da Bahia, cuja publicação está no prelo.

importância do património histórico cultural da sua cidade, e que são fundamentais para a sua valorização.

O objetivo geral deste estudo é produzir conhecimento acerca dos percursos pedestres com tema patrimonial no âmbito do turismo cultural. Neste sentido, procura-se caracterizar a oferta destes percursos no Porto e produzir conhecimento acerca dos seus públicos, resultando no apoio à melhoria contínua dessa oferta cultural.

Como objetivos específicos e que apoiam o desenvolvimento do estudo em causa, destacam-se os seguintes:

- Apresentar uma reflexão sobre a noção de turismo cultural: definição e ampliação do conceito, categorias e públicos do turismo cultural;
- Definir o conceito de percurso pedestre com tema patrimonial, apontando as suas características;
- Caracterizar públicos da cultura e públicos dos percursos pedestres do património;
- Mapear temas, objetivos, públicos alvo da oferta e área de cobertura geográfica dos percursos;
- Identificar promotores de percursos pedestres patrimoniais no Porto e frequência da oferta;
- Identificar custos de participação em percursos;
- Apresentar os formatos em termos de espaços percorridos e duração dos percursos;
- Caracterizar a seleção e formação dos autores que atuam como guia nas Visitas d'Autor;
- Descrever ações de marketing e promoção dos percursos, identificando quais os materiais utilizados e principais meios de comunicação utilizados na divulgação;
- Identificar e descrever materiais de apoio ao percurso;
- Apurar o número de participantes das Visitas d'Autor de 2018 a 2020;

- Caracterizar sociodemograficamente os públicos das Visitas d'Autor, especificando, nomeadamente, idade, género, escolaridade, profissão;
- Identificar perfis motivacionais dos participantes das Visitas d'Autor e frequência de participação;
- Avaliar grau de satisfação dos participantes, nomeadamente em relação aos seguintes aspetos: escolha do tema da visita, facilidade de comunicação do guia-autor, oportunidade de interação, facilidade de acesso ao percurso, aquisição dos bilhetes, mobilidade, materiais de apoio e acesso a serviços de apoio;
- Propor medidas de melhoria do serviço que respondam às expectativas, necessidades e motivações dos visitantes;

1.2. Abordagem metodológica e estrutura do trabalho

Para alcançar os objetivos deste estudo fez-se necessária uma revisão de literatura, que apoiasse a reflexão sobre conceitos utilizados, tais como o de turismo, turismo cultural, percursos pedestres e património. Esta reflexão também foi útil para apoiar a componente empírica desta investigação e justificar a sua relevância. Além de explorar tais conceitos e analisar tendências e atualizações nessas áreas, procurou-se fazer um levantamento da produção científica sobre o tema “percursos pedestres”, especialmente na zona do Porto, procurando conhecimento sobre esta temática e identificando lacunas que pudessem ser preenchidas por esta dissertação. Grande parte da pesquisa bibliográfica foi realizada online, através de ferramentas de pesquisa científica em bases de dados e catálogos de editoras, tais como o B-ON, o EBSCO, o SCOPUS, RCAAP e a Plataforma de Pesquisa da U.Porto. Para tal, foram utilizadas as palavras-chave “percursos pedestres”, “turismo cultural”, turismo patrimonial”, “rotas culturais”, “itinerários culturais”, “percursos guiados”, “percursos interpretativos”, “estudos de públicos” e suas traduções em inglês e espanhol, com utilização de operadores booleanos e truncaturas. Desta bibliografia também constam diversos livros em formato físico e eletrónico, disponibilizados em bibliotecas públicas e/ou adquiridos pela autora.

Nesta dissertação foi utilizada uma metodologia mista, com carácter qualitativo e quantitativo, baseada no levantamento e análise de documentos, inquérito por entrevista e questionário. Por se tratar de uma temática pouco estudada academicamente e com foco local, foi necessário aceder a fontes primárias de informação para a caracterização inicial do campo de estudo. Para tal foram realizadas entrevistas semiestruturadas com alguns intervenientes importantes no cenário dos percursos guiados no Porto, como a alguns guias já habituais nos percursos pedestres da cidade, organizadores de percursos e empresários do setor. As entrevistas procuraram abordar aspetos relacionados com a história dos percursos, organização dos roteiros, caracterização dos públicos-alvo e possíveis aspetos a melhorar.

Já para o inquérito por questionário, optou-se pela sua realização online. Os questionários foram enviados por email aos participantes das Visitas d'Autor diretamente pelo Museu da Misericórdia a partir da sua base de dados, respeitando a lei de proteção de dados (Lei nº 58, 2019) e todos os procedimentos éticos aceites pela comunidade científica. Este inquérito por questionário utilizou a plataforma Google Formulários online para recolher dados sociodemográficos, identificar perfis motivacionais (motivações, expectativas e necessidades) e graus de satisfação dos participantes. O hiperlink de acesso ao inquérito foi também amplamente divulgado pelos autores das Visitas d'Autor através das redes sociais.

Essa dissertação apresenta-se dividida em 7 capítulos, sendo o primeiro de carácter introdutório, apresentando a relevância e os objetivos do estudo, assim como a sua abordagem metodológica e a organização dos conteúdos. Os Capítulos 2, 3 e 4, expõem uma breve discussão sobre os conceitos teóricos contextuais. O Capítulo 2 versa sobre turismo e turismo cultural, analisando o perfil e as motivações dos turistas culturais, assim como as variadas tipologias de consumo cultural. O Capítulo 3 apresenta um olhar sobre o turismo patrimonial e suas abordagens a partir do alargamento da definição de património ao longo das últimas décadas. O Capítulo 4 desenvolve o tema dos itinerários culturais e suas variadas modalidades, e expõe as diferenças entre os itinerários orgânicos e as rotas temáticas criadas para atender o mercado turístico. Esta parte teórica é encerrada com uma breve apresentação do cenário atual dos percursos pedestres de tema patrimonial oferecidos em Portugal e, mais especificamente, na cidade do Porto.

Já o Capítulo 5 apresenta informações mais detalhadas sobre a abordagem metodológica empregue no estudo de caso, descrevendo as técnicas de investigação utilizadas, como a seleção dos entrevistados e a criação e aplicação dos questionários. O Capítulo 6 introduz a Santa Casa de Misericórdia do Porto e o seu Museu e Igreja da Misericórdia do Porto, e caracteriza o programa Visitas d'Autor, seus autores, temas e áreas geográficas compreendidas nas visitas. Já o capítulo 7 apresenta os resultados obtidos através do questionário, fornecendo dados sobre o perfil, as motivações e o grau de satisfação dos seus visitantes, correlacionando-os com outras pesquisas realizadas em diferentes espaços culturais.

Por fim, as considerações finais apresentam uma síntese do trabalho e correlaciona os dados obtidos a partir do questionário com o levantamento teórico inicial, apontando as limitações do estudo e propondo melhorias para tornar os percursos culturais mais atrativos para a população local.

Os anexos e apêndices da Dissertação disponibilizam conteúdos importantes como são as transcrições das entrevistas, os dados sobre percursos culturais promovidos por diversas instituições, diversas informações sobre os guias-autores, alguns esquemas relacionados com as definições teóricas, descrições referentes à abordagem metodológica, entre outros, que a autora considera poderem ser relevantes para outros pesquisadores que desejem dar continuidade a esse estudo.

2. Turismo cultural

Esta investigação parte de alguns conceitos-chave que aqui se começam por apresentar, como os de turismo cultural e turismo patrimonial, ou ainda o de visita / roteiro cultural, analisados em relação ao próprio conceito de património e da sua importância no mundo contemporâneo. Também parece importante explicar a definição de rotas culturais de interesse turístico, diferenciando-as dos itinerários culturais patrimoniais orgânicos, classificados pela Unesco.

O turismo cultural vem crescendo e se diversificando para atender a públicos que procuram produtos diferenciados e que lhes proporcionem uma experiência *autêntica*. Nesse contexto, torna-se útil apresentar aqui o conceito de interpretação, apontando, além disso, estudos que destacam a relevância do papel do guia como *broker* de experiências, capaz de construir experiências satisfatórias que criem uma impressão marcante dos sítios visitados.

2.1. Notas sobre as origens do turismo cultural

Não se pode precisar com exatidão quando a história do turismo se inicia, pois, o facto é que o ser humano sempre viajou, por variadas razões, fossem elas religiosas, políticas, comerciais ou expansionistas (Cunha, 2016, p.21). Estar em contacto com outras civilizações, percorrer novos territórios e conhecer culturas diferentes sempre fez parte da curiosidade humana.

A partir do século XVII, as viagens frequentemente realizadas por jovens das elites ocidentais passam a estar cada vez mais associadas a um objetivo educacional e de formação do indivíduo. O *Grand Tour*, viagem de longa duração, percorria vários países, sendo a Itália um dos destinos mais desejados. Geralmente durava 3 anos e passava por Paris, cidades italianas, além de Alemanha e Países Baixos. “Com o *Grand Tour* nasce o conceito de turismo e, pela primeira vez, começam a designar-se as pessoas que viajam, por “turistas” (Cunha, 2016, p.26). Mais tarde, surgem as primeiras agências de viagem como a Thomas Cook, na Inglaterra (1841), e, em Portugal a Agência Abreu (1840), que passam a oferecer pacotes organizados e até viagens de volta ao mundo.

Uma série de eventos marcaram a consolidação e a popularização da atividade turística, a começar pela Revolução Industrial, com o aumento da produção de bens e do rendimento médio da população. A necessidade de escoamento da produção industrial promoveu uma melhoria nos transportes, com a ampliação de redes ferroviárias, que passaram a ser usadas também para a realização de viagens de lazer. A criação do barco a vapor (1807), do automóvel moderno (1886), seguida pela aviação comercial (1914) permitiram um encurtamento das distâncias. No campo social, é importante destacar o surgimento das férias remuneradas e da redução das jornadas de trabalho com consequente aumento dos tempos livres (Pérez, 2009, p.107).

Todas essas condições foram fundamentais para o impulsionamento do turismo como uma indústria, tornando-se um dos setores mais importantes para o desenvolvimento das sociedades, gerando novos negócios e empregos, combatendo o despovoamento, e promovendo ações voltadas para a preservação de identidades culturais locais (Gonçalves, 2013, pp.32 -33). O turismo desenvolveu-se ainda mais no período pós Segunda Guerra, tirando proveito de avanços tecnológicos então alcançados⁵, e sendo visto como uma ferramenta estratégica de reconstrução da economia e de integração entre povos.

As décadas que se seguiram à 2ª Guerra Mundial testemunharam a popularização das viagens turísticas, que passaram a fazer parte da vida de grande parte da população, deixando de estar restritas às elites e tornando-se cada vez mais um fenómeno de massas. Como refere Cunha (2016, p.32), a ascensão de muitos países à independência, o aumento da produção mundial e do rendimento da população, o desenvolvimento tecnológico e científico, a redução das jornadas de trabalho, a generalização das férias pagas e uma estabilização da economia foram alguns dos fatores que fizeram com que o turismo se expandisse após 1950 na Europa.

⁵ Como refere Rosa (2016), as duas grandes guerras mundiais marcaram a história do desenvolvimento e modernização de tecnologias ligadas à comunicação. A Primeira Guerra impulsionou o desenvolvimento de técnicas sofisticadas de emissão e receção, utilizadas no rádio (p.82). Na Segunda Guerra os avanços ocorreram na área da computação, utilizada para decifrar códigos secretos e realizar cálculos complexos. Após as guerras todas essas inovações foram incorporadas ao uso cotidiano, em evolução contínua (pp.115-120).

O direito conquistado a um período de férias pago por uma grande parte de países do mundo ocidental foi fundamental para a popularização das viagens turísticas. De acordo com Urry e Larsen (2011), antes do século XIX eram poucas as pessoas que faziam viagens não relacionadas com o trabalho ou os negócios. De resto, dizem, “essa é a característica central do turismo de massa nas sociedades modernas, ou seja, que grande parte da população viaja na maioria dos anos para outro lugar para contemplá-lo e por lá permanecer por razões não relacionadas ao trabalho” (p.6, tradução própria). Os autores ressaltam que o conceito de férias e a criação de tempos livres e de lazer transformam a noção da viagem turística em sinónimo de fuga da rotina e de restauração da saúde mental do indivíduo. Viajar também se torna um marcador de status (Urry & Larsen, 2011, p.6), e a tipologia de viagem escolhida também distingue seus públicos dentro da sociedade.

A popularização do turismo leva a uma diversificação do lado da procura e da oferta. Cresce o número de operadoras turísticas, e a concorrência entre elas, levando o mercado a desenvolver diferentes produtos para atender a demandas específicas. Surgem produtos turísticos segmentados: turismo de natureza, turismo religioso, turismo rural, turismo de praia e o turismo cultural (Baltazar, 2008, p.10).

Muitos autores apontam que as origens do turismo cultural são bastante antigas. Para Pérez (2009), por exemplo, o *Grand Tour*, por ser uma viagem de formação e criação de capital cultural, pode ser interpretada como um modelo de turismo cultural. O autor cita Malkin (1999) para afirmar que determinadas experiências dos viajantes do passado se assemelham muito às de turistas atuais (p.110). Pérez também menciona a abordagem de Pascal Ory no seu artigo *Voyages, Culture et Littérature*, publicado em 1993, de que o turismo cultural é um fenómeno histórico, sendo a curiosidade humana o seu grande fio condutor e elo de ligação entre os turistas culturais modernos e os turistas da era das peregrinações e do *Grand Tour* (pp.113-114).

Se a essência cultural do turismo é antiga, a exploração comercial da cultura através do turismo pode ser vista com um fenómeno mais recente. O reconhecimento do turismo cultural como categoria distinta acontece entre finais de 1970 e início dos anos 1980, sendo inicialmente visto como atividade especializada de nicho e mais tarde tornando-se um produto de massa (ver, por exemplo, Cros e McKercher, 2015;

Richards, 2018). Richards (2018), por exemplo, destaca que o aumento nas viagens internacionais e do consumo de cultura nas décadas de 1960 e 1970, se deu na medida em que o rendimento e o consumo generalizado também cresciam. Além disso, “em 1980, o fluxo de turistas internacionais para os principais locais e atrações começou a atrair atenção suficiente para o rótulo turismo cultural ser anexado a um nicho de mercado emergente” (p.12, tradução própria). Como destaca o autor, no início dos anos 1990 o turismo cultural já representava 37% do turismo internacional, crescendo ainda mais ao longo da década, impulsionado pelo sucesso repentino do património. A categoria atendia aos anseios de um mercado cada vez mais exigente, com escolaridade mais elevada e boas condições financeiras (Cros & McKercher, 2015, p.3). Richards (1996) sugere uma definição técnica de turismo cultural como sendo “todos os movimentos de pessoas para atrações culturais específicas, como locais de património, manifestação artísticas e culturais, artes e teatro fora de seu local normal de residência” (como citado em Eusébio *et al.*, 2012, p.117, tradução própria).

Existem muitas definições de turismo cultural. Algumas com uma abordagem mais operacional, outras mais voltadas para as motivações do viajante, ou focadas na experiência. Para Cros e McKercher (2015, p.3), apesar dessa multiplicidade de interpretações, o turismo cultural ainda é mal compreendido⁶.

Apesar do termo ser abrangente, pode-se afirmar que a cultura é a matéria-prima do turismo cultural. Como qualquer lugar possui cultura, esse é um segmento do turismo que pode ser visto como estratégico para muitas sociedades. Trata-se de uma indústria potencialmente lucrativa, e por isso estimulada em todo o mundo. E tal como nos dizem Timothy e Boyd (2006):

O turismo provou muitas vezes ser uma das forças econômicas, sociais, culturais, ecológicas e políticas mais poderosas do mundo hoje. Ele atinge todas as nações e comunidades, direta ou indiretamente, mesmo onde o turismo não existe, e influencia a tomada de decisões até mesmo nos mais altos níveis nacionais e supranacionais. (p.1, tradução própria)

⁶ O Apêndice A procura reunir e organizar algumas das definições mais relevantes para este estudo.

Para alguns governos, o turismo cultural é tido como a única opção económica para competir na arena global (Smith, 2003, p.11), já que mesmo destinos sem reputação para o turismo cultural podem criar novos produtos para atrair viajantes (Richard & Wilson, 2008, como citado por Marujo, 2015, p.4). Richards cita o exemplo do Canadá, onde 40% de todas as atrações turísticas foram criadas após os anos 1980 (2000, p.12).

Haverá ainda que sublinhar que a popularização do turismo cultural acontece como reflexo de uma sociedade de consumo que passou a ver a cultura como um produto e, como destaca Choay (2006), “a cultura perdeu o seu carácter de realização pessoal, torna-se empresa e logo indústria” (p.211). De um lado, obras que dão prazer e conhecimento, e do outro, produtos culturais “fabricados, empacotados e distribuídos para serem consumidos” (p.211). Essa noção está presente na definição de 2005 de McKercher e Cros quando definem o turismo cultural “como uma forma de turismo que se baseia nos bens culturais de um destino e os transforma em produtos que podem ser consumidos por turistas” (como citado por Cros & McKercher, 2015, p.5, tradução própria). Nesse sentido, o turismo cultural também se nutre de produtos da “Indústria Cultural”⁷ (Smith, 2003, p.15).

O uso do termo turismo cultural é hoje amplamente debatido, uma vez que “qualquer viagem (férias, negócios, lazer) envolve elementos culturais” (Marujo, 2015, p.3) e “todo o turismo é um fenómeno essencialmente cultural” (Molinar, 2006). Cros e McKercher (2015) afirmam que “todas as viagens envolvem algum elemento cultural causado por deixar a sua própria casa e viajar para lugares diferentes” (p.4). Para Pérez (2009), “o turismo pode ser entendido como um acto e uma prática cultural, pelo que falar em “turismo cultural” é uma reiteração”. Este autor conclui que “não pode existir turismo sem cultura”, portanto, “em termos filosóficos, toda a prática turística é cultural” (p.108).

⁷ A expressão *Indústria Cultural* foi usada em 1947 por Adorno e Horkheimer (1985), pensadores integrantes da Escola de Frankfurt, para argumentar que os objetos culturais eram produzidos de modo semelhante a outros bens de consumo, sendo dependentes do mercado. Para estes autores, a cultura era um produto ditado por regras capitalistas, criado de maneira padronizada para as massas. A sua essência não gerava questionamentos, sendo consumida de forma passiva e levando à alienação dos seus consumidores.

Também a definição de turismo cultural como uma categoria particular é questionada. Perante o amadurecimento do campo, Smith (2003) argumenta que, mais do que uma forma distinta de turismo de nicho, o turismo cultural deve ser visto como um guarda-chuva para uma variedade de tipologias turísticas com essência cultural. A autora lista algumas das categorias genéricas de turismo cultural:

- Turismo patrimonial, preocupado com a interpretação do passado e das novas manifestações patrimoniais da contemporaneidade;
- Turismo de artes, voltado para eventos, performances, exposições;
- Turismo criativo, direcionado para a pintura, cerâmica, culinária, trabalhos manuais, aprendizagem;
- Turismo cultural urbano, centrado nos centros urbanos e cidades históricas;
- Turismo cultural rural, com uma abordagem voltada para regiões rurais ou periféricas, quintas, parques nacionais, ecomuseus;
- Turismo cultural indígena, que promove o contato com povos indígenas e comunidades tribais;
- Turismo Popular, que inclui parques temáticos, eventos esportivos, centros comerciais, locações cinematográficas (pp.37-43).

Apesar de reconhecer a necessidade dessa diferenciação no âmbito do setor do turismo cultural, apontando subconjuntos ou nichos, Smith (2003) admite que, em muitos casos, a distinção entre esses grupos menores é difícil de estabelecer e dá como exemplo as cidades históricas em que arte e património estão intrinsecamente ligados, e o turismo étnico, que também engloba arte e artesanato (p.30).

Por sua vez, Xerardo Pérez (2009) divide o turismo cultural em quatro grupos, de acordo com o perfil das atrações:

- Património cultural: sítios históricos e naturais, sítios arqueológicos, monumentos e museus;

- Lugares de recordações e memórias: cenários de batalha e factos históricos, e lugares associados à biografia de artistas e intelectuais;
- Artes: ópera, dança, teatro, música e festivais;
- Atividades de aprendizagem cultural (p.121).

O incremento do turismo nas últimas décadas é inegável. De acordo com a investigação levada a cabo por Urry e Larsen (2011, p.5), em 1950, registaram-se em torno de 25 milhões de chegadas de passageiros internacionais por ano; enquanto em 2011 esse número já somava 880 milhões. Em 2019, esse volume praticamente dobrou para 1,5 bilhões de chegadas de turistas internacionais no mundo, conforme relatório divulgado pela *The World Tourism Organization - UNWTO*.⁸

O turismo cultural segue essa mesma tendência de aumento fortemente impulsionado pelos meios de comunicação, com a divulgação de imagens que estimulam ainda mais o desejo dos viajantes. A indústria do turismo continua a criar novas necessidades de consumo, retroalimentando-se através da internet, em sites especializados e redes sociais, ou em programas televisivos especializados na promoção de lugares exóticos espalhados pelo globo. Essa difusão também acontece através do cinema e de séries de televisão que promovem as cidades que servem de cenário para suas histórias, em ações muitas vezes pensadas em parcerias com os governos locais⁹. O sucesso mundial na Netflix, a série *La Casa de Papel*, teve trechos de sua 5ª temporada gravados em Lisboa (Pina, 2020).

O crescimento do turismo cultural também acontece através do aumento do número de atrações que passam a ser consideradas como culturais tendo o turista atual “uma gama deslumbrante de atrações novas e antigas para escolher, todas competindo para fornecer uma experiência cultural única para este mercado em crescimento.”

⁸ Dados divulgados em 20/01/2020 no relatório *World Tourism Barometer da World Tourism Organization* apresentam um crescimento de 4% em relação ao ano anterior, demonstrando uma leve desaceleração no crescimento, se comparado à 2018 e 2017, cujo crescimento foi de respetivamente +6% e +7%. Disponível em https://webunwto.s3.eu-west-1.amazonaws.com/s3fs-public/2020-01/UNWTO_Barom20_01_January_excerpt_0.pdf

⁹ Em Portugal, já existe um Fundo de Apoio ao Turismo e Cinema, gerido pelo turismo de Portugal, em parceria com o Instituto do Cinema e do Audiovisual. Até 2020, o fundo já havia apoiado 48 produções, entre elas o sucesso *Hellboy*, que embora não tenha sido filmado em solo português, foi responsável pela instalação de um estúdio de pós-produção em Braga (Laranjeiro, 2019; Rebelo, 2018).

(Richards, 2000, p.12, tradução própria). De museus a produtos da indústria cultural, praticamente tudo pode ser interpretado como cultural na sociedade pós-moderna. A dificuldade em conceptualizar o turismo cultural é reflexo da complexidade da definição de cultura (Eusébio *et al.*, 2012; Smith, 2003).

Cabe destacar que a noção de cultura se transformou ao longo dos séculos, passando de uma interpretação elitista, etnocêntrica e eurocêntrica, para uma visão mais plural que valoriza a sociedade e questiona a divisão entre cultura erudita / cultivada e popular, como afirma Melanie Smith (2003). Esta autora observa que nos séculos XVIII e XIX, a cultura era tida como oposição à natureza, “com uma gama de valores sociais, políticos, éticos, religiosos, filosóficos e técnicos” (p.10), que considerava a cultura cultivada como superior à cultura popular, assim como a cultura ocidental superior à de povos tribais. Contrariando essa noção, Smith destaca a postura de autores como Johann Gottfried Von Herder (1774) que, em épocas remotas, já compreendia a cultura como “modos de vida distintos”, em vez de um valor único universal, abrangendo formas de atividade social, atividades artísticas, costumes e tradições na sua definição. A autora também ressalta a pesquisa do teórico Raymond Williams (1976) que aborda o conceito de cultura a partir de uma perspectiva antropológica, sociológica, para além de estética, e a partir da qual define que:

A cultura não diz respeito apenas às artes e aos julgamentos estéticos de uma seleta minoria que foi educada para a precisar certas atividades culturais; é também sobre a vida e os interesses de pessoas comuns, tanto moradores urbanos, quanto rurais, comunidades indígenas e imigrantes artistas e artesãos.
(p.10, tradução própria)

Essa abordagem de Smith é aqui apresentada para sublinhar as dimensões políticas da cultura, e afirmar que “se a cultura é politizada, logo o turismo cultural também o é” (2003, p.12). O turismo cultural pode funcionar como um estímulo para que muitas comunidades reconheçam e conservem as suas identidades culturais. Quanto mais as culturas nacionais se expõem às influências estrangeiras, maior é o fascínio com o local e com todas as manifestações culturais que identificamos como particulares e únicas (Hall, 2005, p.77). No caso de comunidades cosmopolitas, com grande afluxo de

turistas internacionais, esse desejo de autenticidade é bastante evidente. Como é, aliás, também realçado por Richards:

a aparente ameaça que o turismo representa para as identidades locais por meio da mercantilização da cultura pode se tornar uma força de preservação da identidade local, pois a presença de turistas permite que os moradores se identifiquem com os elementos de sua cultura que os unem. (2000, p. 13)

2.2. O perfil e as motivações do consumo cultural

Durante muito tempo o perfil do turista cultural foi ignorado, sendo visto como um grupo indiferenciado de viajantes (Cros & McKercher, 2015; Stylianou-Lambert, 2011). Atualmente, não só o perfil socioeconómico, mas principalmente as motivações destes turistas têm sido objeto de estudo a partir das mais variadas perspetivas, como o marketing, a psicologia e a sociologia. Existe alguma dificuldade em definir o turista cultural e o objeto cultural como categorias estáticas, pois o objeto do turismo muda à medida que o turismo cultural se amplia, e o mesmo acontece com o perfil do turista (Richards, 2018, pp.16-17). Isso evidencia a necessidade de estudar o turismo cultural não como um produto específico, mas como um conjunto de práticas culturais desempenhadas por visitantes e locais.

Contudo, compreender as motivações dos turistas culturais é essencial para entender como estes viajantes se comportam (Dias, 2009) e consomem (Eusébio *et al.*, 2012), e, claro, para promover uma oferta de produtos orientada. A tarefa não é simples, especialmente devido ao carácter interdisciplinar dos estudos de turismo. Cada abordagem traz conclusões diferentes. Também o modo como os estudos são realizados são, muitas vezes, criticados por teóricos. (Croes & Semrad, 2015; Cros & McKercher, 2015).

Um dos problemas também apontado, é que o turismo cultural possui uma definição subjetiva que está mais sujeita às motivações e interpretações do consumidor, do que à tipologia da viagem em si. As visitas a espaços culturais também podem acontecer de modo não intencional, confundindo a perceção do viajante. Muitos turistas culturais não se consideram como tal, e o inverso também pode ocorrer. Atualmente, existe a tendência para incluir nas viagens uma ampla gama de atividades, que vão do

consumo de bens culturais a experiências criativas, de lazer e compras (Richards, 2011, p.26; Smith, 2003, p.43). Dessa maneira, ao participarem em pesquisas sobre o assunto, muitos turistas não se sentem seguros para se auto-representarem como turistas culturais.

Para Cros e McKercher (2015), existe uma diferença entre um turista que escolhe um destino por causa de alguma atração cultural e aquele que visita uma atração cultural, independente dos motivos que o levaram a escolher o destino. Croes e Semrad (2015) também apontam para o facto de que muitos turistas escolhem uma mistura de cultura e recreação na mesma viagem e que essa separação não é rastreada em pesquisas realizadas por organizações de turismo. Desse modo, "é preciso confiar em dados suplementares para estimar a percentagem do impacto relacionado ao turismo que pode ser impulsionado culturalmente" (p.474, tradução própria).

O mercado do turismo cultural torna-se cada vez mais heterogéneo e composto por segmentos definidos, que se distinguem pelo grau de importância da cultura como motivo da viagem, e a profundidade da experiência procurada (Cros & McKercher, 2015). Para Richards (2018), esse cenário seria reflexo da mobilidade social e surgimento de novos interesses e comportamentos, que por sua vez geram estilos de consumo mais diferenciados.

Em 1996, Richards afirmava que o mercado do turismo cultural tinha a tendência de ser composto por viajantes com alta escolaridade, alto nível socioeconómico, com ocupações relacionadas com indústrias culturais e educação (como citado por Eusébio *et al.*, p.117). Mas o crescimento contínuo do turismo cultural alterou a sua posição, "de um nicho de mercado composto por visitantes relativamente bem-educados e de alta renda, para um mercado de massa aberto e uma gama muito mais ampla de pessoas" (Richards, 2018, p.16, tradução própria).

Silberberg admite que o perfil dos turistas culturais varia mediante o tipo de produto cultural consumido, mas afirma que no Canadá e Estados Unidos, estes são tendencialmente mais bem remunerados, gastam mais nas férias, são mais instruídos, passam mais tempo no mesmo destino, se hospedam em hotéis e motéis, e fazem compras. Também destaca a predominância de mulheres e pessoas com idade mais

avançada (Silberberg, 1995, p.363). Esse mesmo perfil é descrito por Bodo (1995) e Prentice (1993) (como citado em Pérez, 2009, pp. 123-124).

Um estudo conduzido entre 2011 e 2012, em zonas turísticas de elevada importância patrimonial da cidade do Porto, revelou que os turistas que visitam essa cidade são maioritariamente homens (56,5%), com idade média de 36 anos e formação superior (64,1%). A maioria hospeda-se em hotéis (52,5%), viaja com cônjuge (34%) e organiza a própria viagem (72%). Vêm à cidade principalmente para visitar as caves de vinho do Porto (63%), conhecer o património e arquitetura local (55,5%) e fazer compras (53,4%) (Ramires *et al.*, 2014).

2.2.1. O turista cultural: segmentações possíveis

Existem várias segmentações de turistas culturais. Os primeiros estudos nessa área adotam uma abordagem binária, em que a motivação cultural pode ser primária ou secundária, num contexto de decisão de escolha do destino da viagem (Ashworth & Tunbridge, 1990; Stebbins, 1996). No entanto, logo foram identificados diferentes graus de interesse cultural descritos como fases intermediárias de reconhecimento dessa importância (Silberberg, 1995; McKercher, 2002), como apresentado no Apêndice B.

O turismo cultural também pode ser visto como uma forma de lazer sério, como via de desenvolvimento pessoal e aprendizagem, contrastando com a ideia de diversão e relaxamento (Richards, 2013, p.488). Essa noção é compartilhada por Stebbins (1996) quando afirma que o turismo cultural, ao contrário do turismo recreativo, requer um “certo nível de habilidade, conhecimento, condicionamento ou experiência” (p. 947, tradução própria). Além disso, segundo Cros e McKecher (2015) nem todos têm interesse ou capacidade para ter uma experiência qualitativamente semelhante. Ou seja, a “capacidade de um indivíduo ter uma experiência profunda em atrações culturais também é afetada por uma série de fatores, incluindo disponibilidade de tempo, conhecimento prévio, afinidade cultural com o bem, nível de escolaridade e outras questões” (p.125, tradução própria). Os autores destacam a relação clássica entre conhecimento e profundidade da experiência. Os turistas culturais propositais são aqueles que procuram nas viagens a oportunidade de crescerem pessoalmente e aprenderem sobre o património cultural do destino visitado. São também os maiores

consumidores de experiências museológicas, de galerias de arte e cultura erudita e tendem a passar mais tempo no mesmo destino procurando qualidade e profundidade. Estes autores também observaram uma relação entre o tipo de turista e a distância física percorrida ou, ainda, a distância cultural encontrada. Uma maior distância percorrida remete para um maior interesse (no caso, representado pelos turistas propositais e turísticos). Isso também se reflete na distância entre a cultura anfitriã e do viajante: “quanto maior for a distância cultural entre a cultura anfitriã e a própria cultura do viajante, maior a probabilidade de que o destino atraia turistas intencionais” (p.129).

O turismo cultural passou, portanto, a oferecer novos produtos e cada vez mais diversificados, deixando de ser um modelo de viagem restrito às classes mais altas e com maior capital cultural, e tornando-se objeto de desejo de massa. No entanto, ao observar de perto cada um dos segmentos que compõem essa massa, que parecia ser heterogênea, distinguem-se grupos com interesses e motivações semelhantes. Ao isolar o grupo de viajantes mais motivados e que procuram experiências mais profundas, é possível regressar à definição original dos turistas culturais e afirmar que “a participação no turismo cultural pode ser uma atividade de mercado de massa, mas o núcleo do mercado do turismo cultural é ainda um mercado de nicho pequeno” (Cros & McKercher, 2015, p. 132, tradução própria).

2.2.2. O consumo cultural e patrimonial

Numa abordagem menos focada no turismo e mais centrada em museus, parques zoológicos, aquários e centros de ciência, John Falk (2005, 2006) também reconhece esses diferentes níveis de assimilação da cultura, relacionando a memória da experiência com a aprendizagem. Para este autor, identidades, motivações e aprendizagem estão interligados. De modo simples e objetivo, podem-se descrever as seguintes identidades motivacionais¹⁰ apontadas por Falk (2006):

- exploradores (curiosos, com interesse genérico no conteúdo do espaço);

¹⁰ Falk não se refere às identidades, mas sim à papéis e necessidades motivacionais. O modelo não é fechado e às categorias listadas, ele acrescentou posteriormente mais duas: peregrinos respeitosos (que têm o dever de honrar a memória), e os exploradores de afinidades (acreditam que a visita se relaciona com seu sentido pessoal).

- facilitadores (socialmente motivados, acompanham alguém na visita e visam facilitar a aprendizagem destes);
- profissionais / amadores (têm forte interesse no conteúdo, como professores e pesquisadores);
- colecionadores de experiências (têm o desejo de ver e experimentar um lugar que considere importante);
- recarregadores de energia (introspectivos, procuram espaços culturais para reflexão e refúgio) (p.156-157).

Na sua teoria, Falk afirma que todos os indivíduos podem adotar identidades situacionais fluidas e múltiplas, em resposta a um contexto social e físico, ou seja, mediante as circunstâncias. Estas identidades podem-se alterar a cada nova visita de um mesmo indivíduo a um mesmo espaço. Também serão parcialmente responsáveis pelo nível de assimilação e memorização dos conteúdos apresentados. Um exemplo clássico é o do pai que acompanha um filho num espaço cultural e, como facilitador, se envolve mais com o espaço e os conteúdos para ser capaz de explicá-los ao filho. Nesse caso, a memorização da visita ocorre também por questões afetivas.

Ainda no campo do consumo cultural em museus a partir da perspectiva de identidade motivacional, destaca-se aqui o estudo de públicos realizado em Portugal por Semedo *et al.* (2018), que abrangeu 3 espaços museológicos do norte país¹¹ e que procurou identificar as principais motivações de seus visitantes. Com base nas entrevistas realizadas nesse estudo, as pesquisadoras desenvolveram uma tabela com quatro dimensões motivacionais centrais para as visitas a museus e monumentos (Anexo A). Essas dimensões, assim como as necessidades motivacionais descritas por Falk, serão utilizadas como referência no estudo de públicos aqui proposto, por se tratar de categorias relacionadas com o consumo cultural em espaços específicos e que estão voltados tanto para os públicos locais quanto os turistas. Essa inter-relação será apresentada mais adiante, na análise dos resultados do questionário.

¹¹ Estudo realizado entre 2014 e 2018 sobre a qualidade das experiências de visita nos seguintes museus e monumentos de Portugal: Museu Paço dos Duques de Bragança, Museu Abade de Baçal e Monumento da Igreja do Mosteiro de Leça do Balio (Semedo *et al.*, 2018).

3. Turismo cultural: o lugar do património

Conforme apresentado no capítulo anterior, existem variadas categorias de turismo cultural e, como apontado por alguns autores (Smith, 2003; Pérez, 2009), o turismo patrimonial é uma delas. É esta categoria que é o foco deste estudo. O turismo de tema patrimonial tem sido muito difundido e está entre as formas de viagem mais antigas da história (Timothy & Boyd, 2006). Como destaca Richards (2000), nos anos 1980, um sentimento nostálgico aliado aos processos de desindustrialização fez crescer o culto do passado e a atração pelo património. Aos poucos essa tendência foi substituída por uma necessidade de inspiração no passado para produzir o presente (p.9). Embora essa noção esteja sujeita a muitas interpretações uma vez que o conceito de património está em constante mudança, o turismo patrimonial relaciona-se sobretudo com o legado do passado. Esta tendência pode ser observada não apenas em estudos académicos, mas também nas Cartas e Recomendações ou ainda em documentos legais publicados ao longo das últimas décadas.

3.1. Um breve olhar sobre o conceito de Património

Retrocedendo um pouco na história, podemos afirmar que as designações de Património e Monumento começam a ganhar relevância no século XIX, principalmente após a Revolução Francesa, em 1789, tida como ponto de viragem fundamental nos estudos do património. Num primeiro momento, testemunha-se a uma negação do passado e destruição de monumentos nacionais, de modo intencional. Como detalha Choay (2006), esse vandalismo aconteceu por questões ideológicas, económicas ou estratégicas: alguns telhados de chumbo de catedrais francesas foram derretidos para se transformarem em peças de artilharia, artigos de ouro e prata fundidos para custear despesas de guerra, monumentos foram depredados, roubos e pilhagens destruíram parte do património da nação (p.106-107).

Esse cenário de ruína levou à tomada de consciência da excessiva destruição e à necessidade da criação de leis de preservação, assim como a ações de restauro. Se, por um lado, a guerra levou à destruição, por outro, despertou a Nação para a importância da preservação de registos físicos do passado. O termo *Património* foi amplamente utilizado em França na ocasião, quando os bens da Igreja e da Coroa

passaram, por lei, a pertencer à Nação e se tornaram património de todos Araújo, 2016, p.77). Com a atenção voltada para o legado do passado, em 1830, cria-se em França o cargo de Inspetor-Geral dos Monumentos Históricos. Em 1837, surge a Comissão dos Monumentos Históricos, para inventariação e classificação de bens da nação.

A Revolução Industrial também alterou a percepção dos bens do passado ao promover uma “rutura traumática do tempo”, dividindo a história das sociedades e difundindo uma noção romântica do “nunca mais será como antes” (Choay, 2006, p.135). Diante da industrialização, do desaparecimento de construções antigas, vive-se a consagração do monumento histórico¹², como portador de memórias afetivas. Observa-se uma expansão do sentimento nacional, apoiado pela literatura, que reforça esse sentido saudosista. Como afirmava Ruskin (1851), a arquitetura era o laço disponível com o passado e com a identidade, e como tal, parte do nosso ser (como citado por Choay, 2006, p.139). O século XIX assiste à valorização generalizada do património, com a criação de instituições voltadas para o restauro¹³ e salvaguarda de monumentos.

As duas Grandes Guerras Mundiais também transformaram o cenário do património mundial, por uma série de razões. Inicialmente pela destruição de muitos países: o seu património, povo, economia. O cenário de devastação leva à criação de organizações voltadas para a solidariedade, educação e proteção do património com abrangência universal: assim, são criadas em 1945 a ONU- Organização das Nações Unidas e a UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. A principal missão dessas organizações é unir as nações em prol da paz e desenvolvimento e “procurar soluções em conjunto para desafios do mundo, preservando os interesses e a soberania nacional” (UNRIC, 2021).

¹² É importante ressaltar aqui a distinção entre monumento e monumento histórico. O monumento é uma criação deliberada, comemorativa, erigida intencionalmente para fins de rememoração (Choay, 2006; Riegl, 2013). Já o monumento histórico é o reconhecimento de um espaço pré-existente, “constituído à posteriori pelos olhares convergentes do historiador e do amante da arte, que o selecionam na massa dos edifícios existentes (...) convertido em testemunho histórico sem que para isso tenha tido, na origem, uma destinação memorial” (Choay, 2006, p.25-26).

¹³ Num primeiro momento, perante a inexperiência dos profissionais, essas ações de restauro foram controversas, gerando mais danos aos monumentos históricos.

Através da UNESCO é criado o conceito de Património Mundial da Humanidade, com a proposta de “estimular a identificação, proteção e preservação do património cultural e natural em todo o mundo, considerado de valor excecional para a humanidade”¹⁴. Entre as suas missões, está a de promover uma boa gestão do património através do incentivo à nomeação de sítios para integrarem a Lista do Património Mundial. A organização também apoia atividades de conscientização pública e educação patrimonial, com objetivo de envolver as comunidades na preservação de seu património cultural e natural. A UNESCO fornece assistência técnica e formação profissional, além de ajuda emergencial aos sítios do Património Mundial em perigo imediato.

Essa percepção do património como legado histórico e cultural, o seu valor e a necessidade de sua preservação, foram noções que surgiram na Europa ocidental e que começaram a ser difundidas pelo mundo a partir do século XX. A primeira Conferência Internacional para a Conservação dos Monumentos Históricos, realizada em 1931 em Atenas contou apenas com representantes europeus. Quinze anos mais tarde, a Convenção do Património Mundial já contava com a assinatura de 80 países dos 5 continentes (Choay, 2006, p.14). Apesar de menos evidente a partir dos anos 60, esse carácter etnocêntrico do património pode ser observado até hoje ao analisar a Lista do Património Mundial, em que 47% dos bens classificados estão situados na Europa.

A ideia de património esteve inicialmente associada à herança e a estruturas familiares, mas converteu-se num conceito nómade e em constante transformação (Choay, 2006, p.11). No início do século XX, Alois Rielg (1903) trazia um conceito bem reduzido de património, limitando-o a monumentos históricos e artísticos, enquanto Leniaud (1992) mais tarde o definia como “um conjunto de bens que uma geração sente que deve transmitir às seguintes porque pensa que esses bens são um talismã” (Almeida, 1998).

Inicialmente, estava associado à herança e a monumentos edificados; hoje abrange “bens com testemunhos de valor de civilização ou de cultura portadores de interesse

¹⁴ Como descrito no site da organização, disponível em <https://whc.unesco.org/en/about>

cultural relevante”¹⁵. Não se resume a bens móveis e imóveis; também inclui tradições, bens naturais, conjuntos históricos, cidades inteiras e suas comunidades. Como refere Yáñez, é um conceito que segue uma “tendência a considerar lugares patrimoniais multidimensionais e cada vez mais extensos territorialmente” (Yáñez, 2010, p.194, tradução própria).

Segundo a definição apresentada na Carta de Cracóvia (2000), *património* é descrito como:

O conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica. A identificação e a valorização destas obras como património é, assim, um processo que implica a selecção de valores. (Anexo. Definições)

Conforme este documento, a pluralidade de valores fundamentais implica a grande diversidade dos conceitos de património concebidos pelas comunidades.

3.2. O turismo patrimonial

O turismo de tema patrimonial é hoje um dos nichos de mercado com maior crescimento na indústria turística e tal deve-se a muitos fatores, mas, em especial, ao facto de que neste nicho os bens já existem e apenas precisam ser explorados (Hargrove, 2002). O *National Trust for Historic Preservation* (USA) define o turismo patrimonial como o ato de “viajar para experimentar os lugares, artefactos e atividades que representam autenticamente as histórias e as pessoas do passado e do presente. Inclui a visita a recursos culturais, históricos e naturais”¹⁶. A organização sublinha a importância do turismo patrimonial na produção de receita para as comunidades, e no aumento de uma conscientização e celebração das diferenças culturais dos grupos. É também reconhecido por apoiar a revitalização económica de comunidades históricas em dificuldades.

¹⁵ Conforme conta na LEI 107/2001: artigo 2º, n.º 1, disponível em <https://dre.pt/pesquisa/-/search/629790/details/maximized>

¹⁶ Definição disponível em <https://savingplaces.org/stories/preservation-glossary-todays-word-heritage-tourism#.X7uQkC0ql0o>

Por um lado, o turismo patrimonial tem demonstrado ser uma atividade estratégica para muitos países, fortalecendo a economia, gerando empregos, participando na formação de uma consciência histórica, na melhoria dos serviços e na qualificação profissional das comunidades locais, que se empenham em realizar cursos de formação (idiomas, hotelaria) para receber melhor os visitantes. Em Portugal, a valorização do património tem sido, também, um dos impulsionadores de uma nova redistribuição de turistas pelo território, que deixaram de estar concentrados em regiões de praia, como o Algarve¹⁷.

Contudo, a esta revalorização têm sido apontados efeitos negativos, tais como: gentrificação, lixo e engarrafamentos no trânsito, poluição acústica e atmosférica, aniquilação da atividade tradicional autêntica, a perturbação da natureza original de um bem, penetração excessiva de empresas multinacionais e, principalmente, a destruição do próprio património (Bondarenko, 2018; CE, 2002; Dumont, 2006; Pérez, 2009; Santos, 2010). A mercantilização de costumes e tradições locais também pode levar a um despojamento de seu verdadeiro significado e, portanto, uma “desculturalização” (Choay, 2006, p.226; Santos, 2010, p.54).

Na Carta Internacional sobre Turismo Cultural (ICOMOS, 1999), o ICOMOS destaca essas ameaças e ressalta a importância da sustentabilidade e da boa relação entre visitantes e locais, incentivando as comunidades locais a participarem em programas de valorização turística dos sítios patrimoniais, e defendendo que as receitas obtidas com o turismo possam ser reaplicadas nos sítios e suas comunidades. Quando envolvidas e empoderadas, as comunidades locais podem contribuir para a preservação e gestão de sítios no dia-a-dia, e a promoção da salvaguarda do património imaterial.

No campo do turismo patrimonial, algumas áreas têm atraído a atenção de estudiosos e dos públicos. O turismo religioso, embora exista há milhares de anos, é uma das tipologias turísticas que não para de crescer. As suas estruturas e caminhos de

¹⁷ Em 2011, a região do Algarve respondia por 43% do turismo da área continental portuguesa. Em 2019, esse percentual diminuiu para 35%. Por outro lado, a região norte do país era responsável por 13% do turismo português em 2011, em comparação a 17% em 2019 (INE, 2021).

peregrinação, por serem venerados há tanto tempo, já se tornaram um fenómeno histórico e importantes atrações patrimoniais (Timothy & Boyd, 2006, p.11).

Outra tendência dentro do turismo patrimonial é o tanaturismo, ou turismo negro (*Black Tourism*), que propõe a visita a lugares de morte, sofrimento ou tragédias destacando o lado sombrio do ser humano, como campos de concentração, campos de batalha. Um exemplo são as visitas à região onde estavam as Torres Gémeas, em NY, como destacam Timothy e Boyd (2006, p.7). Para esses autores, é importante perceber as relações pessoais e sociais dos visitantes com esses locais.

Seguindo essa mesma linha, os cemitérios são outro exemplo de espaços procurados por turistas. Em 2010, o Conselho da Europa criou a Rota Europeia de Cemitérios (COE, 2020a), que hoje conta com mais de cem espaços, sendo dois deles localizados no Porto: os cemitérios Prado do Repouso (1839) e Agramonte (1855). Com a proposta de valorizar e promover o património cemiterial, a CMP promove desde 2004 o Ciclo Cultural dos Cemitérios, com a realização de visitas guiadas durante o dia e à noite, concursos de desenho e fotografias, workshops, entre outras iniciativas.

Mudanças de paradigma na história levam a um crescimento do turismo em áreas comuns, vilas rurais e industriais, e outros lugares menos populares. A história sempre foi reescrita em diferentes épocas sob diferentes perspetivas, e a partir dos anos 1980 surgiu uma forte tendência da valorização da micro-história, uma corrente de estudos assente na redução da escala de análise da história “para tentar captar comportamentos de homens concretos” (Neto, 2016). Se durante muito tempo o património esteve fortemente associado a artefactos da nobreza, hoje, procura compreender melhor o passado de pessoas modestas, camponeses e comuns (p.44). Além disso, emerge a busca pelo património individual ou de grupo, ligado à linhagem, raízes e legado familiar. Como descrevem Timothy e Boyd (2006):

uma das formas mais importantes de turismo patrimonial cresce rapidamente à medida em que as pessoas no mundo ocidental estão começando a perceber que elas precisam de conexões internas mais fortes com seus passados pessoais distantes para combater as pressões de viver em um mundo pós-moderno onde tudo é mecanizado, produzido em massa e impessoal. (p.11)

No turismo de património individual, as visitas estão voltadas para regiões ancestrais, cemitérios, lugares de trabalho da família, e podem envolver reuniões com parentes distantes. É importante estudar como o apego pessoal ao lugar e ao tempo transformam a experiência deste tipo de visitante, evidenciando que a herança pessoal é percebida de modo diferente de uma visita comum a um sítio qualquer de património inserido num itinerário turístico (Timothy & Boyd, 2006, p.10).

Embora bastante antiga, outra tendência de turismo patrimonial que segue em crescimento são as rotas patrimoniais temáticas (Timothy & Boyd, 2006; 2015), como será abordado mais adiante.

3.3. A interpretação do património

Se o património é uma realidade rica e diversificada, a interpretação é a ferramenta que contribui para a revelação dessa pluralidade e para a conexão entre o bem cultural e o seu observador. Mais do que informar, as ferramentas de interpretação são capazes de revelar sentidos e promover emoções através de uma visão contextualizada. Também ajudam a gerar experiências únicas e vínculos, contribuindo com a preservação deste património. Interpretar é revelar “algo da beleza e maravilhamento, a inspiração e o significado espiritual que estão por detrás daquilo que o visitante pode perceber com os seus sentidos” (Tilden, 1977, pp.3-4, tradução própria).

Freeman Tilden foi um dos primeiros teóricos a definir os princípios da interpretação, ainda em meados do século XX, nos Estados Unidos, no âmbito do património natural. O conceito de interpretação, assim como os seus métodos, transformaram-se ao longo dos anos, mas muitos dos princípios teóricos de Tilden merecem ainda ser destacados. É importante citar aqui os seis princípios básicos que norteiam o modelo interpretativo de Tilden (1977):

1. Relacionar o que está sendo mostrado ou descrito a algo da personalidade ou experiência do visitante;
2. Não apenas informar, mas interpretar: a interpretação é a revelação baseada em informação;

3. Utilizar variados recursos artísticos na interpretação, sejam os materiais apresentados científicos, históricos ou arquitetónicos;
4. Não apenas instruir, mas também provocar;
5. Apresentar a história completa, não apenas uma parte; dirigir-se ao homem no seu todo e não a qualquer fase;
6. A interpretação dirigida a crianças até 12 anos deve seguir uma abordagem diferente. (p.9)

Tilden destaca uma característica importante que os intérpretes devem ter, que é o estilo, que ele define como uma maneira de ser e uma paixão intrínseca, que transborda no ato da interpretação.

A esta lista de Tilden novos princípios são acrescentados. Goodey e Murta (2002), por exemplo, adicionaram os seguintes itens:

1. Envolver a comunidade na interpretação, para estimular trocas de conhecimentos e recursos;
2. Relacionar temas do passado com os do presente e futuro, realçando a perspectiva socioeconómica, assim como histórica, ecológica e arquitetónica;
3. Apresentar a diversidade e a pluralidade culturais, fomentando a aceitação e a tolerância; não difundir uma verdade universal;
4. Indicar e fornecer instalações básicas, como sanitário, segurança, pontos de descanso e estacionamento, contribuindo para uma experiência agradável do lugar. (p.18)

Em 2008, o ICOMOS preparou uma Carta em que destaca a importância da comunicação na preservação de sítios históricos e define os princípios básicos das atividades de interpretação e apresentação de patrimónios. O seu conteúdo também estabelece uma terminologia fundamentada e padronizada, esclarecendo que “a interpretação se refere a todas as atividades potencialmente destinadas a aumentar a consciência pública e fortalecer a compreensão do património cultural.” Já a apresentação é definida como a “comunicação planeada do conteúdo interpretativo

por um arranjo de informações da mesma natureza, através do acesso físico ao património cultural (ICOMOS, 2008b, p.2, tradução própria).

Como ressalta a Carta, a apresentação pode ser realizada através de suportes técnicos, como painéis, indicação de caminhos por setas, palestras, visitas guiadas e aplicações multimédia. A interpretação dos sítios de património deve acontecer a partir de um profundo conhecimento daquilo que é apresentado, em relação ao contexto e à autenticidade. O documento também incentiva o envolvimento da comunidade local no desenvolvimento e na implementação dos programas interpretativos.

Como destacam Delgado e Pazos (2013), a interpretação é uma forma de comunicação estratégica planeada e consciente, criada para que as pessoas compreendam mais profundamente o seu património e se convertam em seus protetores e defensores. Cabe ao intérprete ser capaz de conectar interesses e experiências dos visitantes com a alma do lugar, fazendo com que “a informação oferecida chegue à mente, mas também ao coração” (p.303).

A interpretação desempenha um papel essencial para os serviços educativos das instituições de património e de cultura, como os museus, galerias, palácios, centros culturais e outros. Estes intérpretes atuam como mediadores-educadores desenvolvendo atividades educativas de variados formatos para captar a atenção do público, promovendo uma melhor compreensão do espaço e de bens patrimoniais e proporcionando oportunidades para a criação de vínculos com o património (Merillas, 2003). É também de grande importância para a indústria turística, ajudando a criar uma impressão positiva do lugar visitado e incentivando o retorno do visitante (Crespi-Valbona, 2020).

Num contexto turístico, Weiler e Walker (2014) destacam que o papel do guia turístico vem sendo repensado para melhorar a experiência do viajante do século XXI, cujas demandas e expectativas foram ampliadas. O uso de novas tecnologias tem exigido desses profissionais um esforço no sentido de oferecer “algo mais” do que aquilo encontrado em áudio-guias, aplicativos para telemóvel ou sites especializados.

Para Wailer e Black (2015, pp.3-5) a função do deste profissional deve ultrapassar os limites da apresentação; este deve exercer um papel de mediador, intérprete e *broker*

de experiências. Para estes autores, não se trata apenas facilitar o acesso físico aos locais visitados, estando no local certo e na hora certa, mas sobretudo proporcionar aos turistas a oportunidade de usar todos os seus sentidos para desfrutar da cultura anfitriã - seja através da história, música, gastronomia- e vivenciar uma experiência autêntica. Cabe ao guia promover esse acesso intelectual e emocional às comunidades anfitriãs, incentivando a interação e ajudando na compreensão da cultura local, como consta da lista do Apêndice C.

O conceito de percurso cultural está intimamente ligado com o turismo, não apenas com o conceito de *walking tour*, tão comumente usado pelos viajantes. Isso se dá sobretudo por sua capacidade de criar uma experiência única entre o visitante (ou participante, nesse caso) e o local visitado, e o seu património cultural. Essas experiências únicas muitas vezes são proporcionadas graças ao papel do intérprete, como antes se argumentou. Para compreender melhor o formato e os modelos de percursos culturais, o capítulo seguinte explora os conceitos de rotas turísticas criadas e como diferem dos itinerários culturais orgânicos.

4. Itinerários e rotas culturais

A indústria do turismo viu nas *rotas lineares*¹⁸ uma maneira de incluir uma ampla gama de atrações num único passeio, contextualizando sítios através de narrativas integradoras e reduzindo a concentração de turistas em zonas específicas. Existe uma vasta gama de definições para os termos “trilho”, “rota”, “percurso” e “itinerário”, cuja aplicação pode variar de acordo com cada autor ou agência de viagem, e com qual finalidade. Essas definições também variam de acordo com o local de origem do uso, e as suas respectivas traduções.

Hayes e MacLeod (2008) usam as expressões trilhos e rotas indistintamente, priorizando o vocábulo “trilhos” para se referirem a percursos intencionais e interpretados que podem ser percorridos a pé, de carro, de bicicleta ou a cavalo. Timothy e Boyd (2015) se referem ao termo “trilhos” como caminhos físicos e visíveis, históricos e funcionais. Já “rota” seria uma definição mais abstrata e moderna, “um curso que interliga características naturais ou culturais semelhantes num corredor linear temático” (p.4).

De modo geral, o termo trilho (*trail*) é mais frequentemente associado aos deslocamentos que se dão em cenários naturais ou culturais realizados a pé, de bicicleta ou a cavalo, sendo constantemente associado à atividade esportiva, o pedestrianismo e as caminhadas na natureza (*trekking*). Trilhos são marcados no solo ou devidamente sinalizados. Já as rotas ou itinerários são conceitos mais genéricos, com caminhos menos precisos, geralmente temáticos e associados a deslocamentos que podem necessitar do uso de meios de transportes como carro, trem, navio e até avião. Neste estudo, os termos serão usados conforme descritos neste parágrafo. Já a expressão “percurso” será utilizada segundo significado descrito em dicionários, referindo-se a “caminho” em um sentido mais genérico; ou ao ato de percorrer. “Percurso” também será utilizado aqui para fazer referência às pequenas trilhas

¹⁸ A expressão linear (linear route, liner pathway, linear, linear corridor) é amplamente utilizada por Timothy e Boyd (2015) quando se referem a qualquer modelo de trilhos e rotas. Os autores se apoiam na categorização de Wall (1997, p.240-242), que afirma que as atrações turísticas podem ser classificadas como pontos, linhas e áreas. Em resumo, pode dizer-se que os pontos são atrações pontuais, como monumentos e museus, as linhas são as rotas cénicas e trilhas que interligam pontos, e as áreas são espaços mais amplos, como parques e áreas protegidas.

urbanas pedestres aqui estudadas, como é o caso dos Percursos Culturais da CMP e das Visitas d'Autor do MMIPO.

Muitos dos trilhos e rotas exploradas pelo turismo são apropriações de deslocamentos históricos que ficaram sulcados nos territórios e que hoje são fonte de recreação para muitos. Esse é o caso da Rota das Seda¹⁹, a Trilha Histórica Nacional da Califórnia²⁰, ou, ainda, os Caminhos de Santiago de Compostela²¹.

Segundo Timothy e Boyd (2015, p.4) as rotas e trilhos começaram a ganhar importância nos anos 1980 e hoje são vistos como fonte de aprendizagem e prazer. Existem milhares deles baseados no património cultural por todo o mundo, em variados modelos e escalas. Alguns podem ser percorridos a pé, outros de comboio, autocarro, carro, moto e até de bicicleta; estão entranhados na natureza, ou atravessam povoamentos e centros urbanos. Alguns requerem dias para serem percorridos e outros que exigem poucas horas, de modo que se faz necessário categorizar as rotas e trilhos para que possam ser estudados e avaliados de maneira mais cuidadosa.

Embora essas definições sejam pouco precisas e se possam sobrepor em muitos momentos, o Apêndice D apresenta um mapa concetual resumido dos critérios apresentados por Timothy e Boyd para as classificações das rotas lineares. Essas definições e seus significados foram descritos pelos autores a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema.

Complementando essas definições, Serantes (2010, como citado em Delgado & Pazos, 2013, pp.308-309) apresenta um critério de classificação das rotas segundo os seus objetivos, dividindo-os em 4 categorias: de relato ou lugar; didáticas; turísticas ou recreativas; e cognitivas (ver Apêndice E).

A criação de rotas resulta muitas vezes do esforço de autoridades locais, nacionais e organizações intergovernamentais, que reconhecem no formato uma oportunidade de

¹⁹ Não se trata de um corredor único, mas de uma rede de rotas de comércio da seda, que atravessa territórios de terra e mar em diferentes regiões: Sul e Centro da Ásia, Oriente Médio e Mediterrâneo.

²⁰ É a rota mais longa dos Estados Unidos, com 9.117km, e invoca os tempos de emigração dos europeus e a colonização do Oeste (Timothy & Boyd, 2015, p.11).

²¹ Começaram a ser desbravados ainda na Idade Média por peregrinos que iam visitar a tumba do apóstolo Santiago (Cunha, 2016).

comercializar destinos pouco visitados e desenvolver socialmente zonas menos favorecidas, gerando aumento no fluxo de visitantes e, por consequência, uma dinamização da economia local. São “produtos flexíveis e multifacetados que prometem uma gama de benefícios sociais, ambientais e económicos” (Hayes & MacLeod, 2008, p.57). As rotas podem ser responsáveis pelo empoderamento de comunidades, através da qualificação de pessoal por via de cursos e workshops, incentivos ao empresariado mediante concessão de créditos, e apoios financeiros para recuperação do património cultural (Henriques, 2010, p.232).

Atualmente, as rotas abrangem uma grande variedade de temas ligados a património, arquitetura, arte, vida selvagem, gente famosa, paisagismo, indústria, religião e até temas sobrenaturais. Existem muitos itinerários relacionados com o turismo mítico (Smith, 2003), apoiados no universo literário, cinematográfico ou folclórico (MacLeod *et al.*, 2009; Timothy & Boyd, 2015). É possível citar a famosa rota de Rota de Don Quijote de la Mancha, criada em 2005, que percorre locais onde o personagem de Cervantes esteve, ainda que apenas na ficção. Em 2007, essa rota tornou-se no primeiro itinerário imaginário reconhecido pelo Conselho da Europa.

Numa escala mais reduzida, em contexto urbano, muitas rotas têm-se tornado incrivelmente populares na Irlanda, Espanha e na Croácia, por se focarem em cenários de filmes e séries famosas como as de Star Wars ou Game of Thrones²². Em Inglaterra, o condado de Nottinghamshire, é procurado por turistas que desejam seguir os passos de Robin Hood, apesar dos registos levarem a crer que o personagem é apenas parte do folclore local (Smith, 2003, p.24).

Para além de benefícios económicos, sociais e educacionais, os ganhos no campo da saúde também são cada vez mais promovidos. Em Inglaterra²³, alguns trilhos e rotas destacam nos seus folhetos promocionais informações sobre melhorias cardiovasculares e queima de gorduras (Hayes & MacLeod, 2008, p.58-59).

²² Em 2015, o prefeito de Dubrovnik afirmou à Bloomberg que a série Game of Thrones, cuja estreia se deu em 2011, foi responsável por cerca de metade do crescimento no turismo da cidade (Valle, 2019).

²³ No Reino Unido, os valores e benefícios associados ao ato de caminhar são o foco de associações como a Ramblers, a Living Street e a British Walking. Estes grupos têm em comum a defesa dos pedestres e do direito de caminhar, através da boa sinalização, divulgação e manutenção física de vias de deslocamento, e do incentivo constante ao hábito do deslocamento a pé.

Outro aspeto importante das rotas e trilhos é a capacidade de promover uma imagem mais positiva do lugar, criar um sentido de pertencimento e potencializar o sentimento de orgulho nacional: “o património natural ou cultural de uma região é transmitido através da interpretação do percurso contribuindo, assim, para um conhecimento mais profundo do lugar para o visitante e a comunidade” (MacLeod 2004, como citado em Hayes & MacLeod, 2008, p. 59).

4.1. Itinerários culturais e rotas turísticas

Em alguns casos, além do interesse económico e social existe sobretudo uma preocupação em proteger o património local, como no caso das Rotas Culturais do Conselho da Europa. Estas Rotas foram criadas em 1987 e tiveram também como missão declarada unir o continente através da sua história, cultura e memória, pondo “em prática os princípios fundamentais do Conselho da Europa: direitos humanos, identidade, democracia e diversidade cultural, e um bom relacionamento entre países” (DGPC, 2020c). Hoje já existem 40 itinerários certificados pelo Instituto Europeu de Rotas Culturais, órgão criado em 1998 para gerir o programa, como apresentado no Apêndice F. Destes itinerários, 15 atravessam o território português²⁴.

O Caminho de Santiago foi o primeiro itinerário a constar da lista das Rotas Culturais do Conselho da Europa, em 1987, sendo também classificado, mais tarde, pela Unesco, como o primeiro itinerário a fazer parte da Lista do Património Mundial, em 1993. A Rota Romeo Germânica e a Rota Europeia de Jardins Históricos são as mais recentes, certificadas em 2020. Esta última atravessa 6 países, incluindo Portugal, num itinerário que reúne jardins que obedecem à definição de “jardim histórico” estabelecida pela Carta de Florença, adotada em 1982 pelo ICOMOS.

Os Itinerários da Europa nem sempre representam um caminho físico a ser percorrido. A maior parte das vezes funcionam como um inventário de pontos a serem explorados sobre um tema, mediante a seleção do viajante. Cabe, também, destacar que os Itinerários Culturais da Europa agrupam na sua lista duas tipologias de rotas: os

²⁴ A relação pormenorizada das Rotas Culturais e suas descrições estão disponíveis no portal oficial do Conselho da Europa através do link: <https://www.coe.int/en/web/cultural-routes/by-theme>

itinerários culturais (patrimoniais e orgânicos), e as rotas criadas (também chamadas de rotas de interesse turístico).

O Instituto Europeu dos Itinerários Culturais do Conselho da Europa realiza todos os anos um fórum anual consultivo que, para além de debater tendências e desafios relacionados ao tema, analisa candidaturas e procede à avaliação regular dos itinerários já certificados. Novos itinerários são anualmente adicionados a esta lista. As candidaturas atendem a alguns princípios como (a) a exploração de temas associados a valores europeus²⁵; (b) ser comum a pelo menos 3 estados-membro do Conselho da Europa; (c) ser gerido por uma ou mais redes independentes e organizadas; e, por fim, (d) seguir uma rota histórica ou recém-criada (DGPC, 2020b).

Em 2008, o Comité Científico Internacional dos Itinerários Culturais do ICOMOS - elaborou uma carta em que estipula os critérios de classificação de Itinerários Culturais como uma nova categoria patrimonial passível de classificação pela UNESCO e, portanto, de salvaguarda. Entre esses critérios, a Carta dos Itinerários Culturais (ICOMOS, 2008a) estabelece que os Itinerários Culturais devem ser uma amostra de processos evolutivos e interativos de diferentes povos e culturas, manifestação do fenómeno de mobilidade e trocas humanas, que tenha gerado resultados patrimoniais, tangíveis e intangíveis, por vezes transnacionais. Podem ser terrestres, aquáticos ou mistos, inscritos em contexto natural ou cultural. O seu conjunto deve ter valor superior à soma de seus elementos. Estão, portanto, associados a rotas históricas, sejam caminhos traçados para expansão geográfica e para um fim específico, ou vias que utilizem caminhos já existentes para outros fins.

No Preâmbulo deste texto, afirma-se que:

Por vezes, os Itinerários Culturais surgiram como um projecto traçado a priori pela vontade humana que contou com poder suficiente para atingir um fim determinado (por exemplo, o Caminho dos Incas ou as Estradas do Império

²⁵ Alguns itinerários ultrapassam as fronteiras da Europa e abrangem zonas no Norte de África e o Médio-Oriente, como na Rota da Cortina de Ferro, Rota da Cerâmica, Rota do Imperador Carlos V, entre outras.

Romano). Outras vezes, são o resultado dum longo processo evolutivo no qual intervêm de forma coletiva diferentes factores humano que coincidem e se dirigem para um mesmo fim (caso do Caminho de Santiago, das rotas das Caravanas comerciais de África ou da Rota da Seda). (ICOMOS, 2008a, Preâmbulo).

Contudo, como Yáñez (2010) salienta, os itinerários definidos pelo ICOMOS podem ser confundidos com as rotas culturais e turísticas, definidas como sendo criações intelectuais e intencionais, elaboradas a partir de um tema comum (p.105). O interesse em distinguir os Itinerários Culturais de outros modelos de rotas culturais também é referido por Ana Elias Pinheiro, quando afirma que:

Cabe, contudo, distinguir dois tipos de passeio pela história, ou pela cultura: os 'Itinerários Culturais' propriamente ditos, ou seja, aqueles que aproveitam uma via preexistente e fazem dela o seu tema, e os percursos a que poderemos chamar de Itinerários Turísticos de Interesse Cultural, rotas temáticas (históricas, literárias, arqueológica ou outras), que usam um recurso cultural como tema aglutinador e constroem uma via pela qual o utente / turista poderá percorrer a história ou a cultura de um local. (Pinheiro, 2007, p.218)

A autora refere, ainda, que um itinerário cultural não é necessariamente uma rota turística, pois, embora a rota possa vir a ser explorada dessa forma, o seu objetivo principal não é o turismo.

Martorell (2014) tenta esclarecer a confusão concetual, resumindo que um *Itinerário Cultural* é “um bem determinado por seu traçado e utilização histórica. Não se cria. Não se inventa, não se desenha. Existe.” (p.105, tradução própria)”. Para o autor, existem os itinerários patrimoniais (categorizados na Carta dos Itinerários Culturais da UNESCO) e as rotas culturais criadas, que podem ser divididas em dois grupos:

- I. aquelas que se baseiam em algum fio temático de fundo histórico, patrimonial e real, e
- II. os itinerários turísticos inventados, que podem estar apoiados em festivais, ritos populares ou rotas vinculadas a fantasia e personagens literários (como a Rota de Don Quijote).

Desse modo, Martorell (2014) demonstra que alguns dos Itinerários Culturais do Conselho da Europa podem ser classificados como Itinerários Patrimoniais, enquanto outros são rotas culturais criadas (p. 107). O autor define uma série de critérios de classificação de itinerários culturais e rotas desenhadas, mediante algumas de suas características, como origem, conteúdo, objetivos, como apresentado no Apêndice G.

Assim, pode-se concluir que um Itinerário Cultural deve atender aos critérios de identificação, integridade, autenticidade, e valor de conjunto, estabelecidos pelo ICOMOS, e pode ser classificado, obtendo certeza jurídica e salvaguarda. Já as rotas culturais são criações livres, de diferentes dimensões, porém de grande valia para promover objetivos sociais, económicos e políticos, e que podem ser constantemente redesenhadas, para reiterar valores enquanto se mantêm parcialmente inéditas e atraentes.

4.2. Rotas patrimoniais urbanas

As rotas patrimoniais são “um meio de organizar a experiência do visitante, fornecendo uma rota intencional e interpretada (...) que se baseia na herança natural ou cultural de uma área para fornecer uma experiência educacional” (Hayes & MacLeod 2005, p.4, tradução própria). Além de contribuir para a educação e crescimento individual de quem a percorre, uma rota turística interessante pode ser uma fonte de prazer e divertimento. As rotas possibilitam a interação dos visitantes com o espaço, numa espécie de educação eletiva que é, em muitos aspetos, diferente daquela em sala de aula, pois entrar em contacto com a própria coisa, seja cultural ou natural, proporciona experiências que nenhum livro é capaz de oferecer (Tilden, 1977, p.3). Essa ideia é corroborada por Falk e Dierking (Falk & Dierking, 2002; Falk, 2006) com base no conceito de aprendizagem de livre-escolha, segundo o qual a aprendizagem fora da escola é automotivada e gratificante, pois aprende-se mais quando se está livre de medos, ansiedades e cobranças.

Esse potencial educacional tem levado empresas e associações a criarem rotas pedestres dentro das cidades para promover a aprendizagem acerca do património cultural local. O modelo de passeio temático atrai turistas que procuram uma experiência mais sensorial e direta com a cultura local e a comunidade, uma vez que

“nos trilhos do património urbano, o quotidiano da cidade se infiltra na experiência do visitante na forma de sons, cheiros, interações e distrações visuais” (Barber, 2019, p.301, tradução própria). Essas rotas são atraentes para a comunidade local, especialmente em centros onde o fluxo de turistas é intenso. O interesse do olhar estrangeiro, desperta no cidadão uma curiosidade acerca do cenário que o cerca, numa busca pela compreensão da importância do lugar.

Segundo Barber (2019), as rotas patrimoniais desenvolvidas por agências governamentais, ou com ligação direta a estas, costumam celebrar valores patrimoniais reconhecidos, legitimando a arquitetura considerada significativa, ou associada a eventos e figuras históricas. Estas rotas enfatizam narrativas históricas dominantes e apresentam um conteúdo mais estático (p.301-302).

Já as rotas criadas por ONGs e grupos de cidadãos procuram uma orientação diferente das desenvolvidas pelo governo e pelas agências turísticas, priorizando criar novas experiências na cidade e maior conexão com questões sociais, e incorporando áreas que muitas vezes carecem de reconhecimento oficial do património. Para Barber (2019) estas rotas inspiram novas formas de compreensão de questões urbanas, são mais informais e dinâmicas, e “visam fornecer vislumbres fugazes da cidade que a maioria não tem tempo para vivenciar” (p.302, tradução própria). É a partir desses passeios que muitos detalhes até então despercebidos da paisagem cotidiana, passam a fazer sentido para a comunidade local. Um detalhe ignorado do cenário, ao ganhar contexto e história, passa a ser enxergado e compreendido.

A vontade de conhecer melhor a própria cidade através de rotas culturais é também reflexo das transformações urbanísticas locais, por isso existe um enfoque nas zonas que se mostram ameaçadas pelas requalificações (Barber, 2019, p. 302). Ao centrar as narrativas em histórias de determinadas ruas e seu património edificado, o cidadão busca fortalecer o elo com o passado, com a história por trás de cada construção e suas transformações ao longo dos anos, não deixando que esta seja esquecida e gerando uma consciência de preservação. A narrativa acerca do passado próximo, também possui o poder de ativar memórias pessoais da vida do visitante, gerando uma experiência emocional durante as visitas.

As rotas urbanas do património existem em todo o mundo, embora em alguns países se tenham tornado mais comuns somente nas últimas décadas²⁶. Os estudos na área também proliferaram a partir dos anos 2000, com publicação de variadas obras e artigos com essa temática (Hayes & MacLeod, 2008; MacLeod *et al.*, 2009; Miles, 2017; Hall *et al.*, 2018; Nagy, 2012; Timothy & Boyd, 2015).

No Reino Unido esta atividade já é explorada comercialmente há mais de meio século. A *London Walks*, fundada em 1960 por um australiano, é tida como a mais antiga empresa de percursos pedestres urbanos do mundo, com um vasto catálogo de passeios e uma equipa de profissionais que são peritos em cada um dos temas abordados. A sua página na internet fornece conteúdos em diversos formatos sobre Londres: textos, fotos, vídeos, podcasts. Durante a pandemia de Covid-19 a empresa atuou intensamente através de percursos virtuais, interligando interessados de qualquer parte do planeta a temas que representam a cultura e a história inglesa.

A *London Walks* (*London Walks*, 2020) oferece dezenas de percursos guiados em inglês (e alguns em francês). Entre os mais populares apontam-se os caminhos de Jack, o Estripador; os locais de filmagem do filme Harry Potter; o passeio pelos Canais de Londres; a visita a cenários da obra dos romancistas Charles Dickens e William Shakespeare; os lugares percorridos pelos Beatles; o tour por museus como a *National Gallery* e *The Victoria & Albert Museum*; a visita a monumentos históricos como a Torre de Londres e a Abadia de Westminster; e os passeios revelando curiosidades sobre regiões como *Camden Town* e *Mayflower*. Apesar de estar voltado para o turismo, a grande variedade de temas e o alto nível de especialização dos guias tornam estes passeios atraentes também para moradores locais.

Seguindo o mesmo formato do *London Walks*, podemos encontrar o *Paris Walks* (*Paris Walks*, 2020), fundado em 1994 por Peter e Oriel Caine, historiadores ingleses que vivem em Paris. A empresa já desenvolveu mais de 100 temas diferentes de percursos pela cidade, com foco em história, arte e arquitetura, voltadas para turistas e locais

²⁶ Barber (2019) refere que as cidades asiáticas começaram a explorar este recurso a partir dos anos 1990.

que desejam aprofundar seus conhecimentos sobre Paris. Os percursos desta empresa também são guiados em inglês e francês.

Na capital francesa há, também, uma agência, em atividade desde 1999, que promove percursos que ressaltam as contribuições dos povos africanos e seus descendentes na formação da cidade. A *Entrée to Black Paris (Entrée to Black Paris, 2014)* promove um diálogo com a cultura negra local através de passeios por comunidades e associações negras, visitas a mercados, restaurantes e boutiques de origem africana. Esta agência também oferece percursos que relembram a vida e obra de personalidades afrodescendentes na literatura (Richard Wright, Chester Himes, Alexandre Dumas), na música (Josephine Baker) e nas artes (Beauford Delaney).

No site do London Walks é possível encontrar links para outras empresas que promovem percursos culturais noutras cidades do mundo, como Nova Iorque, Praga, Roma, Toronto, Washington, Atenas, Berlin, Copenhagen, Dresden, Rio de Janeiro, entre outras²⁷. Esses são apenas alguns testemunhos de que os passeios temáticos estão presentes em várias partes do mundo (ver Apêndice H).

4.3. Rotas patrimoniais urbanas em Portugal

Em Portugal, é possível apontar inúmeras cidades que promovem rotas pedestres. Como o tema central deste estudo são os percursos patrimoniais temáticos em contexto urbano, não serão mencionados aqui as centenas de trilhos cadastrados pela Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal (FCMP, 2020), que estão mais voltados para a natureza e desporto. O mesmo se aplica aos percursos listados pela Walking Portugal (WP, sem data), que também estão associados à prática desportiva do pedestrianismo, também conhecida como *hiking*.

Num contexto mais patrimonial e urbano, as rotas culturais voltadas para a comunidade local costumam ser promovidas pelas Câmaras de diversos municípios de Portugal de modo pontual, em datas comemorativas como o Dia Internacional de Monumentos e Sítios (18 de abril), Dia Internacional dos Museus (18 de maio), Dia da Batalha de São Mamede (24 de junho, comemorada em Guimarães), Dia de Portugal

²⁷ Até a conclusão desse estudo, o site do London Walks reunia links para 43 cidades ao redor do mundo que promovem percursos culturais. Ver em <https://www.walks.com/links/>.

(10 de junho), Dia da Liberdade (25 de abril), Dia da Restauração da Independência (1 de dezembro), e também dentro das comemorações das Jornadas Europeias do Património²⁸ (em setembro). Nessas ocasiões, percursos guiados são promovidos, muitas vezes gratuitamente, para celebrar a data festiva²⁹.

Algumas associações e empresas privadas promovem percursos patrimoniais guiados de modo mais regular ao longo do ano. Não se pretende enumerar aqui todas elas, mas apenas mencionar alguns exemplos. Em Braga, a Associação Braga +, voltada para a cultura, património e cidadania, promove desde 2013 percursos temáticos pela cidade, atualmente intitulados Percursos Brácaros.

Em Elvas, a Associação de Desenvolvimento pela Cultura, em parceria com a Câmara Municipal de Elvas, realiza desde 2014 os seus Percursos pelo Património (Lavrador, 2017; «Percursos pelo património de Elvas», 2014; «Percursos pelo património de Elvas dão a conhecer boas práticas», 2019).

Em Guimarães, a Muralha - Associação de Guimarães para a Defesa do Património, realiza esporadicamente visitas guiadas a espaços patrimoniais e percursos temáticos. No distrito de Aveiro, no município de São João da Madeira, a autarquia implementou uma série de circuitos para promover o património industrial da região (Agência Lusa, 2013), com oferta de visitas guiadas por fábricas locais, viveiros municipais, além de instituições como o Museu da Chapelaria e Academia de Design e Calçado.

Na capital do país, o Museu de Lisboa promove há 5 anos o programa Percorrer Lisboa, com vasta oferta de percursos que retratam a história da cidade por épocas, personagens e acontecimentos. Estes percursos são orientados pelos seis mediadores do serviço educativo do museu, e estão limitados a grupos de 20 pessoas. Em 2020, realizaram mais de 20 edições de percursos voltados para a comunidade local, com variadas temáticas: Lugares Invisíveis da Escravatura; Terremoto de 1755; À Descoberta da Cidade Manuelina; Lisboa Medieval; Igrejas da Procissão de Santo

²⁸ As Jornadas Europeias do Património são uma iniciativa anual do Conselho da Europa e da União Europeia, e o programa de atividades em Portugal fica a cargo da DGPC- Direção-Geral do Património Cultural em parceria com entidades públicas, privadas, coletivas e individuais (DGPC, 2020b).

²⁹ Uma busca rápida pela internet permite encontrar algumas matérias de divulgação de percursos culturais gratuitos oferecidos pelas Câmaras Municipais («Guimarães comemora o Dia Internacional de Monumentos e Sítios com diversificado programa cultural», 2015).

Antônio; Muçulmanos, Judeus e Cristãos; Fadistas, Marinheiros, Bandidos e Devotos; entre outros («Percorrer Lisboa», 2016).

Também em Lisboa, o Museu do Aljube Resistência e Liberdade realiza esporadicamente alguns percursos guiados, voltados para temáticas mais políticas, uma vez que esse espaço está dedicado à memória do combate à ditadura e à resistência em prol da democracia. Alguns dos itinerários já realizados desde 2015: Casas de Clandestinidade, Lisboa Operária, Lisboa da Resistência, Lisboa das Revoluções.

Num contexto autoguiado, são sugeridos diversos “itinerários acessíveis” através do website VisitPortugal, com o apoio de mapas turísticos e informações sobre os pontos de parada conectados pelas rotas³⁰. Através do recurso de busca é possível obter acesso a uma lista com opções de itinerários em diferentes cidades do país, com comentários de seus utilizadores.

Na internet, as páginas oficiais de muitos municípios fazem sugestões de percursos autoguiados, mas com um cariz mais turístico. É possível encontrar esse tipo de conteúdo nos sites dos municípios de Guimarães (CM-Guimarães, 2020), Braga (CM-Braga, 2020), Tavira, Tomar (CM-Tomar, 2020), entre outros. O site de Braga, por exemplo, enumera uma série de percursos já tradicionais na cidade como o Percorso dos Judeus, o Roteiro Barroco, Roteiro Medieval, Braga nos Caminhos de Santiago de Compostela, e há até um itinerário juvenil: todos eles trazem traduções para muitos idiomas incluindo russo, chinês e japonês. O Apêndice H deste trabalho apresenta uma relação de percursos pedestres de tema patrimonial oferecidos em Portugal.

³⁰ Um exemplo a ser citado é o da cidade de Guimarães, cujo itinerário proposto no site VisitPortugal interliga a Plataforma das Artes e Criatividade, Museu Arqueológico Martins Sarmiento, Largo do Toural, Igreja Nossa Senhora da Consolação e dos Santos Passos, Museu Adalberto Sampaio, Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, Largo da Oliveira, Praça de São Tiago, Paço dos Duques de Bragança, Castelo de Guimarães e Igreja de São Miguel. Observa-se, entretanto, que não se trata de uma rota temática, senão um percurso turístico ligando alguns dos principais pontos da cidade («VisitPortugal», sem data).

4.4. Rotas patrimoniais urbanas no Porto

4.4.1. Alterações no cenário do Porto nas últimas décadas

Antes de introduzir as instituições que promovem rotas pedestres urbanas no Porto, e como modo de contextualização deste tipo de estratégias, parece útil descrever aqui as transformações ocorridas na cidade nas últimas décadas para melhor se compreender o contexto de surgimento e afirmação deste tipo de estratégia interpretativa da cidade.

Nas últimas décadas do século XX, o Porto viveu um processo de suburbanização, com um esvaziamento do seu centro histórico. Maria Inês Monteiro Rocha (2017) afirma que, nesse período, o Porto conheceu um aumento descentralizado da população, e a saída de pessoas e de empresas para zonas fora do espaço urbano antigo e contíguos ao núcleo central, como Matosinhos, Maia, Valongo, Gondomar e Vila Nova de Gaia. O centro passou a concentrar uma população mais envelhecida e empobrecida, “que não pôde equacionar sua saída” (p.41), perdendo a sua vitalidade. Neste contexto, observou-se uma progressiva degradação do edificado da região e uma necessidade de intervenções de reabilitação na área:

Perante o esvaziamento do centro, na primeira década de 2000 começaram os esforços para contrariar essa saída e incentivar novos usos do centro, com aplicação de programas de desenvolvimento urbano, intervenções públicas e incentivos à reabilitação, aproveitando as oportunidades como a Porto 2001-Capital Europeia da Cultura e fundos comunitários, atraindo tanto o investimento privado como o turismo. (Fernandes 2013, como citado em Rocha 2017, p. 43)

Em 1996, o centro histórico do Porto³¹ já havia sido classificado como Património da Humanidade pela Unesco, estimulando o turismo na região, e justificando maiores esforços em requalificar zonas estratégicas da cidade. Como aponta Rocha (2017, p.43-48) foram criados projetos para a revitalização do comércio, e incentivos para

³¹ A zona classificada pela Unesco compreende o Centro Histórico do Porto (parte interior ao traçado da antiga muralha Fernandina e pequenas zonas adjacentes que conservam as mesmas características medievais), a Ponte Luiz I e o Mosteiro da Serra do Pilar, numa área total de 51 ha (UNESCO, 1993).

estimular o regresso dos habitantes, assim como políticas para aumentar a segurança e evitar a desertificação noturna na região. De acordo com a autora, essas intervenções fizeram com que a Baixa progressivamente se revalorizasse, atraindo novas populações, em especial os turistas.

Em 2001, o Porto foi Capital Europeia da Cultura, acontecimento cultural que viabilizou a realização de cerca de 600 eventos para impulsionar a redescoberta do Porto, e que proporcionou a requalificação de várias áreas da cidade³² para receber o evento. Na ocasião foram empreendidas diversas melhorias na infraestrutura urbana, com a construção de estacionamento para libertar ruas, recuperação de passeios pedonais, eliminação de obstáculos, intervenções no mobiliário urbano, requalificação de ruas³³, e praças³⁴, reposição do elevador dos Guindais, e mudança no traçado das ruas para inclusão da rede do elétrico (Rocha, 2017, p.51-53). Para o evento destaca-se, ainda, a construção da Casa da Música, na Rotunda da Boavista.

As reabilitações realizadas pela Porto Vivo SRU- Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense, S.A.³⁵ também modificaram o cenário da cidade. A Porto Vivo deu continuidade e ampliou o trabalho iniciado pela CRUARB³⁶ e Fundação para o Desenvolvimento da Zona Histórica³⁷. As propostas de intervenção abrangeram várias áreas:

³² As intervenções foram divididas em 5 áreas do Porto, que abrangiam zonas como a Avenida da Ponte, ruas de Cedofeita, Miguel Bombarda, Avenida dos Aliados, zona dos Guindais, Cordoaria, rua de Santa Catarina, Praça D. João I (Rocha, 2017, p.49).

³³ Algumas ruas requalificadas na ocasião: 31 de Janeiro, Santo Ildefonso, Augusto Rosa, Passos Manuel, Sá da Bandeira, DR. Magalhães Lemos (Rocha, 2017, p. 50-52).

³⁴ Entre as praças requalificadas é possível citar a Praça da Batalha, largo 1º de Dezembro, praça de apoio à rua de Cimo de Vila, e praça D. João I, com retirada do seu chafariz e construção de um parque de estacionamento subterrâneo.

³⁵ A empresa foi constituída em 2004 ao abrigo do Decreto de Lei nº104/2004, numa sociedade entre o Estado e o Município, sendo responsável pela gestão e acompanhamento de operações de reabilitação na cidade do Porto (Rocha, 2017, p.55). Em 2018, com a saída do Estado dessa sociedade, passou a ser gerida pelo Município do Porto. Atualmente atua em três Áreas de Reabilitação Urbana (ARU) cidade: Centro Histórico, Campanhã e Corujeira (*Porto Vivo SRU*, 2020).

³⁶ O CRUARB- Comissariado para a Renovação Urbana da Área Ribeira-Barredo foi criado em 1974 com a função de reabilitação habitacional de uma zona extremamente degradada, em que a população residia sem condições mínimas de vivência. Com o passar dos anos, suas funções foram-se ampliando a outras áreas da cidade e também outros setores, especialmente após a classificação do Centro Histórico do Porto como Património Mundial pela Unesco. Realizou intervenções em 4 grandes áreas: Ribeiro-Barredo, Sé, Miragaia e Vitória. Atuou até 2003. (Pinto & Santos, 2011, p.224).

³⁷ A Fundação para o Desenvolvimento da Zona Histórica promoveu intervenções no edificado dessa região e também deu apoio às comunidades locais, através de cursos de formação e atividade cultural,

- comércio (estímulo a áreas com vocação comercial);
- habitação (reaproveitamento de alojamentos e reforço na oferta de equipamentos e serviços administrativos, de saúde e cultural, para potencializar a captação de populações);
- mobilidade (redução do tráfego, construção de mais estacionamento);
- promoção de negócios (instalação de empresas criativas e tecnológicas, e de equipamento de investigação direcionado para comunidade científica universitária);
- renovação das festas e tradições populares portuenses;
- requalificação do espaço público na perspetiva das famílias (espaços de lazer para camadas jovens) (Rocha, 2017, p.57-63).

A área de atuação inicial representava quase um quarto de toda a cidade, sendo posteriormente reduzida às zonas prioritárias. Coube à Porto Vivo intervenções no quarteirão das Cardosas, quarteirão D. João I e Pensão Monumental.

No início dos anos 2000, também se verificam alterações na paisagem portuense provocadas pelo projeto do Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto³⁸, responsável por uma requalificação na área central da Avenida dos Aliados, praça da Liberdade, São Bento, Trindade, Campo 24 de Agosto, Heroísmo e avenida da Ponte, com “impactos que foram para além da mobilidade urbana e metropolitana, como a requalificação urbana das envolventes e suas estações” (Rocha, 2017, p.71). A estação do Bolhão facilitou a ligação ao centro tradicional do comércio, potencializando dinâmicas comerciais e circulação pedonal.

Será neste contexto de estratégias desenhadas para apresentar uma cidade renovada e pulsante, com o seu Centro Histórico classificado, turismo ampliado, novos hotéis³⁹ e

criando competências e cumprindo um papel social. Atuou de 1990 a 2008, sendo formalmente extinta em 2014 (Rocha, 2014).

³⁸ Criado em 1993, O Metro do Porto S.A. teve sua primeira linha inaugurada em 2002, ligando a Estação da Trindade ao Senhor de Matosinhos (Rocha, 2017, p.71).

³⁹ Entre os vários hotéis inaugurados ou reinaugurados até o momento, podemos citar aqui o B&B Porto Centro (da rede Moov) que passou a ocupar o espaço do antigo cinema Águia D’Ouro (2011); o NH Collection Porto Batalha que se instalou no antigo Palácio da Batalha (2015); o Hotel A Brasileira (do grupo Pestana) inaugurado na rua Sá da Bandeira (2018); o Vila Galé Porto Ribeira que se instalou na

equipamentos culturais⁴⁰, comércio fortalecido⁴¹, melhor mobilidade e circulação pedonal, que se vai multiplicar a oferta de rotas culturais urbanas no Porto, comumente chamadas pelos seus promotores de percursos culturais ou percursos interpretativos.

4.4.2. Percursos promovidos pela Câmara Municipal do Porto⁴²

Na cidade do Porto, os percursos temáticos integram há muitos anos os programas de celebrações de datas festivas ou históricas (como o 25 de Abril e a Revolução Liberal⁴³) e programas de eventos culturais como as Jornadas Europeias do Património⁴⁴ e Dia Internacional dos Museus⁴⁵.

zona do Cais das Pedras (2017) e ainda o Pestana Vintage Porto, localizado em um casarão do século XVI, na Ribeira.

⁴⁰ Nesse quesito, a Casa da Música foi um dos destaques, inaugurada em 2005, mas é importante referir que espaços já existentes foram transformados, como o Teatro Rivoli (passou a ser administrado pela CMP e ganhou um novo café e uma agitada programação), a Livraria Lello (totalmente requalificada em 2016), além dos museus integrantes do Projeto Museu de Cidade: Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio (reinaugurado em 2017), Museu do Romântico (requalificado e reaberto em 2018), e Casa-Museu Guerra Junqueiro (reaberto em 2017). Também cabe citar a inauguração da Galeria da Biodiversidade, em 2017, que passou a ocupar a Casa Andresen, espaço intervencionado juntamente com a Casa Salabert e as estufas de Franz Koepp, no Jardim Botânico do Porto.

⁴¹ Além dos incentivos mencionados anteriormente, a CMP também criou o Projeto Porto Tradição para mapear e proteger lojas consideradas tradicionais de interesse histórico da cidade (Soares, 2019).

⁴² As informações reunidas nesta parte deste Projeto, baseiam-se na análise de desdobráveis, interação com sites na internet, participação nas atividades, entrevistas e dados fornecidos pela CMP e outras instituições promotoras de percursos. Alguns dos materiais citados aqui, como sites, poderão já não se encontrar ativos, por alguns projetos terem sido, entretanto, encerrados. Parte deste material estará disponível nos anexos e apêndices.

⁴³ Em 2020 foi criada uma vasta programação para celebrar os 200 anos da Revolução, disponível em: <https://1820.porto.pt>.

⁴⁴ As Jornadas Europeias do Património são uma iniciativa anual do Conselho da Europa e da União Europeia que acontece desde 2005, envolvendo cerca de 50 países, cujo objetivo é promover atividades culturais gratuitas para a população para sensibilização das comunidades acerca da importância do património cultural. Em Portugal, a DGPC é responsável pela coordenação nacional dessas atividades, que costumam se realizar anualmente, sempre no mês de setembro. O programa completo de atividades realizadas desde 2006 está disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/recursos/projectos-de-divulgacao/jep-jornadas-europeias-do-patrimonio/>

⁴⁵ O Dia Internacional dos Museus é uma iniciativa do ICOM- Conselho Internacional de Museus, sendo celebrado, desde 1977, a 18 de maio. Em Portugal a data é comemorada com atividades culturais há pelo menos 8 anos. Os programas com as atividades propostas desde 2012 estão disponíveis no site: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/recursos/projectos-de-divulgacao/dim-dia-internacional-dos-museus-nem-noite-europeia-dos-museus/>.

Na entrevista realizada, Germano Silva⁴⁶ referiu que os primeiros percursos temáticos pela cidade começaram ainda na década de 1960, através dos integrantes da cooperativa cultural Erva Daninha, um grupo formado por jornalistas, professores e artistas que se reunia para falar sobre a cidade. O primeiro tema abordado foi O Porto dos Cafés, justamente o ambiente onde se encontravam para conversar. Segundo Silva, os percursos foram se institucionalizando após o fim da ditadura, a partir de 1974, quando a CMP assumiu a organização destas atividades.

Ainda na ocasião do Porto 2001, a CMP estruturou os Caminhos do Romântico: foram constituídos na freguesia de Massarelos cinco percursos temáticos⁴⁷ sobre o Porto do século XIX, que podiam ser percorridos com hora marcada, acompanhados de guia ou de maneira autoguiada, seguindo indicações de um mapa.

Em 2006, são criados os Passeios da Primavera (entre abril e maio) e os Passeios de Setembro (durante o mês referido), com visitas pelo património da cidade, promovidas pela CMP e orientadas por nomes como Hélder Pacheco e Júlio Couto, duas figuras reputadas pelos seus conhecimentos sobre a história local. Os programas repetiram-se anualmente, até pelo menos 2009, elegendo fragmentos da cidade que teriam sua história revelada. O primeiro percurso dos Passeios de Setembro, realizado a 3 de setembro de 2006, teve início na Praça Carlos Alberto em direção à Lapa. Intitulado Dos Ferradores ao Moinho da Lapa, fazia referências ao liberalismo⁴⁸.

No segundo semestre de 2013 a CMP passou a realizar percursos guiados pela cidade com um carácter mais frequente, ao longo de todo o ano, através de um projeto denominado Percursos Culturais. Esses passeios pela cidade eram programados numa lógica temática para possibilitar uma maior proximidade ao património da cidade⁴⁹, e eram conduzidos por funcionários ou ex-funcionários da autarquia, de formações

⁴⁶ Informação oral de Germano Silva obtida através de entrevista realizada em 7 de setembro de 2020, conforme consta do Apêndice I deste projeto.

⁴⁷ Os percursos são cinco: Porto Romântico, O Aproveitamento da Água, Arqueologia Rural e Industrial, A Fábrica de Massarelos e o Prestígio da Burguesia, e Do Gólgota a Massarelos (Soares, 2001).

⁴⁸ A CMP forneceu alguns desdobráveis referentes aos programas *Passeios da Primavera* e *Passeios de Setembro*, mas não conseguiu recuperar todo o material, nem dados sobre estes eventos. Alguma informação também pôde ser encontrada através de publicações em jornais online (s/a, 2006).

⁴⁹ O projeto Percursos Culturais contava com site oficial, que reunia o programa completo de atividades realizadas desde 2013, tendo sido desativado no ano de 2020.

diversas: museólogos, arqueólogos, bibliotecários, arquitetos e historiadores. Os percursos estavam relacionados com as áreas de atuação e interesse destes profissionais e, por vezes, atendiam a temáticas pré-determinadas pela autarquia, estando ligadas a três pilares quase sempre transversais e indissociáveis: arte, arquitetura e história. Entre alguns dos assuntos abordados é possível citar os seguintes: lojas, teatros, cafés e cinemas emblemáticos; arte urbana; gastronomia local; a vida e obra de personalidades (Júlio Dinis, Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão, Eugénio de Andrade, Álvaro Siza); os caminhos para Santiago de Compostela; festas e tradições locais; a evolução urbanística da cidade e factos históricos marcantes como é apresentado no Apêndice J. Os percursos realizavam-se em diferentes horários e dias da semana, tinham duração de 2 horas, deslocamento médio de 1,5 quilómetros e estavam concentrados geograficamente na região da União de Freguesias do Centro Histórico⁵⁰. A sua divulgação era feita em três bases: online, através newsletter e na página dos Percursos Culturais; desdobrável com programa trimestral; e divulgação via assessoria de imprensa para outros meios de comunicação. Os técnicos também costumavam divulgar os seus percursos através de bases de dados próprias, algo que foi dificultado com o surgimento das leis de proteção de dados (Lei n.º 58, 2019). Estas atividades estavam vocacionadas para a comunidade local, tendo a CMP a preocupação de não concorrer com operadores de turismo. O perfil e as motivações do público que frequentava o projeto nunca foram objeto de estudo. Em relação aos frequentadores pouco se sabe. A partir das observações da autora durante a sua própria participação nestes percursos, parece possível afirmar que se tratava, sobretudo, de cidadãos residentes no Porto e em concelhos próximos, com idade superior a 40 anos, muitos deles já reformados. Também foi possível constatar que alguns desses participantes frequentavam as atividades de modo regular, criando relações pessoais com outros frequentadores e com os próprios guias.

O projeto Percursos Culturais da CMP esteve ativo entre julho de 2013 e fevereiro de 2020, realizando um total de 315 edições⁵¹. Esse programa merece aqui um maior

⁵⁰ A União de Freguesias do Centro Histórico integra as freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória, de acordo com a reforma administrativa de 2013 (CM-Porto, 2018a).

⁵¹ Segundo análise de panfletos e dados fornecidos pela Câmara Municipal do Porto foram realizados 54 percursos em 2013, 66 em 2014, 55 em 2015, 45 em 2016, 41 em 2017, 34 em 2018, 17 em 2019, e 3

destaque por ter durado cerca de 7 anos, proporcionando um número elevado de atividades e envolvendo mais de 30 profissionais, que assumiram o papel de guias. Em 2014, ano com maior adesão, pelo menos 1.304 pessoas participaram dos percursos. As figuras J1 e J2, disponíveis no Apêndice J, relacionam informações fornecidas pela CMP referentes às edições dos Percursos Culturais realizadas entre 2013 e 2019 (ver Figura J1) e a média anual de participantes (Figura J2). Observa-se uma elevada redução na oferta de percursos, embora a média de participantes se mantenha razoavelmente equilibrada até 2017. A partir de 2018, os Percursos Culturais deixaram de ser um programa independente, divulgado em website oficial próprio e em folheto exclusivos, e passaram a ser parte de um leque de ofertas culturais do programa *O que há de novo nos museus municipais?* (CM-Porto, 2019). Esta estratégia reduziu a visibilidade do projeto e pode ter sido uma das causas da redução no seu número de participantes. Também por essa razão, não há dados referentes especificamente aos públicos dos Percursos entre 2018 e 2020, uma vez que essa informação passou a ser recolhida de modo integrado com outras atividades promovidas pela Câmara.

Em março de 2020, o projeto Percursos Culturais foi substituído pelo projeto Deriva, que apresentava uma proposta de percursos contemplativos, com visitas a equipamentos do Museu da Cidade, numa lógica baseada em 5 eixos: Eixo Sonoro, Eixo Natureza, Eixo Material, Eixo Líquido e Eixo Romantismo⁵². Esse projeto seria quinzenal, mas foi cancelado após a sua estreia, no contexto das restrições associadas à pandemia de COVID-19. Essa primeira edição, denominada Eixo Natureza, percorreu o bairro ocidental inglês do Porto, iniciando-se na Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio e encerrando-se na Casa Tait. Foi guiada pelo engenheiro agrónomo José Franco e pela engenheira civil Arnaldina Riesenberger, propiciando a apreciação e descoberta de espécimes de plantas que marcam a história e a paisagem do Porto. A proposta do

em 2020, totalizando 315 edições. São aqui contabilizadas as edições divulgadas para o público geral através da internet e panfletos, não sendo consideradas edições organizadas para grupos privados sob encomenda. Os números aqui fornecidos se referem à quantidade de edições, e não à quantidade de títulos (temas) de percursos, já que muitos percursos foram repetidos várias vezes.

⁵²Estes temas e abordagem não são, porém, uma novidade nas ações promovidas pela Câmara Municipal do Porto - veja-se, por exemplo, o Projeto Rota das Árvores realizado em 2019 -, mas apresenta-se agora alinhado com a identidade do Museu da Cidade, lançada em fevereiro de 2020: <https://www.porto.pt/pt/noticia/museu-da-cidade-renasce-com-nova-identidade-a-escala-do-porto>.

percurso partia da análise da obra “Uma Família Inglesa”, de Júlio Dinis, e combinava leituras com informações sobre a paisagem da região percorrida⁵³.

As informações apresentadas até aqui demonstram que já desde a década de 1970 que a CMP vem promovendo visitas guiadas pela cidade para divulgação e valorização do seu património cultural junto à comunidade. No entanto, esse modelo de visitas não esteve limitado ao âmbito autárquico, como veremos a seguir.

4.4.3. Percursos promovidos no Porto por outras instituições⁵⁴

A Confraria do Corpo Santo de Massarelos (*Confraria do Corpo Santo de Massarelos*, 2018) promove desde 2013 percursos guiados pela cidade para arrecadar fundos para manutenção e reforma da sua igreja, localizada no Arco do Adro. Todas as atividades culturais que esta instituição realiza (visitas, percursos, cursos, exposições) são divulgadas no site oficial da Confraria. Os percursos chegam a receber até 100 participantes por edição. Desde 2019 o número de edições anuais passou de 14 para 20, quase todas com lotação esgotada. Desse modo, calcula-se que a Confraria tenha realizado mais de 100 percursos nesses sete anos.

Os temas abordados são muito similares aos dos Percursos Culturais da CMP, com enfoque na história das ruas e freguesias da cidade, não deixando de lado temáticas clássicas como “Os Cafés do Porto”, “Teatros do Porto”, “Os Judeus no Porto”, “O Porto de Dom Pedro”, “Camilo e o Porto” e “Júlio Diniz e o Porto”. Nos últimos 3 anos, os percursos da Confraria foram guiados por Joel Cleto e César Santos Silva, ambos historiadores, com diversas publicações sobre a cidade. Em 2020, com o início da pandemia de COVID-19, a Confraria adquiriu equipamento de áudio guia para uma

⁵³ Informações baseadas em participação pessoal, análise de desdobráveis promocionais e informações colhidas em <http://www.agoraporto.pt/noticias-porto-lazer/sabado-a-deriva-e-o-primeiro-objeto-e-seus-discursos-do-ano>. Este percurso marcou a estreia do novo equipamento áudio portátil de guias de turismo adquirido pela autarquia para melhorar a comunicação entre guias e público nas visitas pela cidade.

⁵⁴ Não se pretende aqui fazer um levantamento completo de todas os grupos que promovem percursos guiados pela cidade, mas sim listar alguns que merecem destaque seja por sua longevidade e singularidade. Mais uma vez é importante ressaltar que só serão aqui citadas instituições que promovem essas atividades de modo aberto ao público geral, ainda que mediante aquisição de ingresso, não cabendo mencionar escolas e universidades seniores que restringem seus percursos aos alunos. Esse também é o caso de conselhos de classes como a Sessão Regional do Norte da Ordem dos Médicos (SRNOM, 2019), que costumam realizar esporadicamente essas atividades, mas de modo restrito a seus associados, tendo a organização de seus passeios a cargo de empresas especializadas, como a Tacitus.

transmissão de voz mais adequada aos ambientes com ruído urbano e para garantir o distanciamento necessário entre os participantes. Entretanto, com o agravamento da pandemia, esses percursos foram suspensos pela Confraria em novembro de 2020.

A Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto também realizou alguns percursos temáticos de modo esporádico. Em 2020, decidiram criar um programa mensal Passeios da Memória (AJHLP, 2020), com valores arrecadados revertidos para promoção de novos escritores ligados à instituição⁵⁵. A primeira edição, realizada a 23 de agosto, orientada pelo jornalista Germano Silva, teve como tema “Nos Caminhos da Revolução Liberal” e contou com 97 participantes. Entretanto, com o agravamento da pandemia COVID-19, esse projeto também acabou por ser suspenso.

A Irmandade dos Clérigos, cujo Museu passou a integrar a Rede Portuguesa de Museus em 2019, realizou neste ano, em parceria com o Jornal de Notícias, uma série de percursos de carácter histórico-cultural pela cidade, também guiados por Germano Silva. O programa chamou-se Passo a Passo com Germano - O Porto com História, e em suas 9 edições, percorreu vários temas já famosos sobre a cidade (ver Apêndice K). Segundo a Irmandade, o objetivo era proporcionar:

um melhor conhecimento histórico do Porto, dos seus monumentos, sejam igrejas, palácios, conventos ou uma simples rua, de modo a que, conhecendo melhor a história de cada um desses sítios, fiquem a gostar mais deles e a contribuir para a sua preservação e divulgação enquanto páginas vivas da secular história desta Invicta Cidade ⁵⁶.

O programa completo, com todas as datas e temas, foi lançado em fevereiro de 2019, sendo amplamente divulgado em jornais locais, facilitando o planeamento dos interessados. Faz-se interessante destacar que, em cada percurso, a Irmandade fornecia um folheto explicativo com mais informações sobre os espaços abordados (Irmandade dos Clérigos, 2019). Atualmente, a Irmandade dos Clérigos promove o

⁵⁵ A inscrição na atividade custava 10 euros, e cada participante recebia um livro da Coleção Porto, da AJHLP.

⁵⁶ Informação disponível em: <http://www.torredosclerigos.pt/pt/noticias-e-eventos/noticias/passo-passo-com-germano-2019/>

Passo a Passo de modo virtual, num formato de programa audiovisual pré-gravado, apresentado por diferentes historiadores.

O Romper os Sapatos é possivelmente um dos grupos mais antigos ainda em funcionamento na área dos percursos culturais guiados pelo Porto. Foi criado em 1996 a partir da união de professores integrantes do Centro de Formação de Associação das Escolas de Matosinhos - CFAE Matosinhos. Estes educadores frequentaram uma formação sobre as potencialidades pedagógicas do património, com o historiador Joel Cleto, que incluiu visitas orientadas por Matosinhos e pelo Porto. Com o tempo, as aulas tornaram-se uma opção de lazer, e os formandos passaram a levar amigos e familiares para os percursos, que passaram a acontecer regularmente, numa grande reunião de “amigos”. As atividades são divulgadas através de uma página do Facebook organizada e seguida pelos chamados “rompedores”, como se intitulam os participantes.

Seguindo um modelo mais disruptivo, a Porto Dark Tours, empresa criada em 2017, desenvolveu um modelo de percurso pedestre noturno “assombrado”, com cerca de 3,5 km, percorrendo áreas da Baixa do Porto que testemunharam eventos macabros, como tragédias, crimes e lendas. O percurso era orientado por atores, e acontecia às sextas e sábados, às 21h, passando por lugares como a Praça Gomes Teixeira, o Jardim da Cordoaria, a Cadeia da Relação, e Avenida dos Aliados (Cardoso, 2018; Gonçalves, 2018). Inicialmente vocacionado para turistas, os passeios logo passaram a ser mais procurados por jovens adultos residentes no Porto. A empresa foi encerrada em 2019 devido à sua baixa rentabilidade (D. Mendes, Comunicação pessoal, Outubro 13, 2020).

Os percursos também costumam ser organizados para grupos privados⁵⁷, empresas⁵⁸ e para a promoção de marcas ou produtos específicos⁵⁹. Nesses casos, existe um contratante (que geralmente aponta a temática a ser desenvolvida e a parte da cidade a ser mostrada), e a empresa prestadora deste serviço (que fornece o roteiro orientado). Entre as empresas que desenvolvem percursos culturais no Porto, cabe citar a Tacitus⁶⁰, de propriedade do historiador Joel Cleto, e a GBliss⁶¹, do historiador Manuel de Sousa. Além de atender a demandas específicas desses grupos privados, essas empresas também promovem percursos abertos ao público e prestam serviços a outros contratantes, como o Museu e Igreja da Misericórdia do Porto- MMIPO, através das Visitas d'Autor, estudo de caso desta dissertação.

Desse modo, é possível concluir que, para além do contexto autárquico, o Porto também dispõe de uma variedade de instituições que promovem esses percursos culturais, de modo aberto a qualquer pessoa que deseje saber mais sobre sua cidade. E uma dessas instituições é o MMIPO, que será apresentado mais adiante.

⁵⁷ Os percursos são uma atividade que se vem tornando mais comum para celebrar datas especiais e aniversários (G. Silva, Comunicação Pessoal, Setembro 7, 2020).

⁵⁸ A Associação Mutualista Montepio realiza o *Programa de Experiências Inesquecíveis AMMei*, que oferece uma série de programas culturais, incluindo alguns percursos temáticos guiados por todo país (Montepio, 2021). Os ingressos para as atividades têm desconto para associados, mas podem ser adquiridos por não-sócios. Entre os percursos recentes exibidos na página do AMMei, é possível referir o passeio por presépios e lojas tradicionais do Porto, guiado por Manuel Sousa, como descrito em: <https://www.montepio.org/vantagens-montepio/experiencias-inesqueciveis/passeio-natalicio-no-porto-presepio-e-lojas-tradicionais/>

⁵⁹ Em entrevista, Germano Silva relata que já foi contratado por Empresas Farmacêuticas para lançamento de medicamentos. Coube-lhe “apresentar” a cidade a médicos convidados de um Congresso, antes da realização da cerimónia de lançamento do medicamento. As Visitas d'Autor, do MMIPO, também foram um modo de promover o Museu da Misericórdia, como se verá adiante.

⁶⁰ Entre os clientes da Tacitus encontram-se os seguintes: Associação Mutualista Montepio Geral; Banco de Portugal; Câmara Municipal de Caminha; Câmara Municipal de Matosinhos; Câmara Municipal de Valongo; Clube Millennium BCP; Clube Novo Banco; EDP - Gestão de Produção de Energia; Irmandade da Lapa; Ordem dos Advogados; Ordem dos Médicos; Santa Casa da Misericórdia do Porto; Sindicato Bancários do Norte; Sindicato de Professores da Zona Norte; Sindicato dos Magistrados do Ministério Público; Sociedade Portuguesa de Cardiologia; SONAE; Universidade Douro Cultura e Universidade Sénior Eugénio de Andrade (*Tacitus património e história*, 2021).

⁶¹ Fundada em 2012 por Manuel Sousa e mais duas sócias, Joana Lourenço e Teresa Barros. A relação de percursos culturais realizados pela empresa está disponível em <https://www.gbliss.pt/percursos-culturais/>

5. As Visitas d'Autor: um estudo de caso

Como visto anteriormente, a cidade do Porto dispõe de variadas opções de percursos culturais promovidos pela CMP e também por instituições culturais, educativas e religiosas. No seguimento do enquadramento teórico apresentado anteriormente, esta parte da dissertação apresenta o modelo de investigação aqui aplicado, considerando sempre as perguntas de investigação e seus objetivos. Reúne, também, informações pertinentes ao objeto de estudo.

O modelo de pesquisa escolhido nessa investigação é o do Estudo de Caso, que, como explica Goldenberg (2004), trata-se de um método que procura “adquirir conhecimento do fenômeno estudado a partir da exploração intensa de um único caso” (p.33), reunindo “um grande número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto” (p.34).

Esse estudo de caso direciona o seu foco para as Visitas d'Autor, oferecidas pelo MMIPO desde 2016, por uma série de razões. Trata-se de um projeto já consagrado, que tem como guias autores reconhecidos por seus conhecimentos sobre a cidade, e organiza percursos patrimoniais quinzenalmente, sempre com grande público e abrangendo variadas áreas do Porto. Além disso, o MMIPO possui um departamento voltado para a área de estudos e investigação, o que garante um suporte aos investigadores. A instituição também possui um elevado grau de organização, no sentido de recolher os dados sobre as Visitas, contactos e números de participantes, além de fotos e vídeos das atividades. Tudo isso ajuda a tornar a pesquisa mais coerente e concreta. A partir da análise deste caso específico, acredita-se ser possível ter uma noção do perfil dos públicos que participam nos percursos realizados por outras instituições, contribuindo para o conhecimento acerca do tema.

5.1. Técnicas de investigação

Este estudo de caso realizou-se em três etapas:

- I. análise de dados disponibilizados pelo Museu da Misericórdia, tais quais: relação das *Visitas d'Autor* realizadas, respetivos números de participantes por edição e descrição dos percursos realizados;

- II. entrevistas exploratórias com os autores-guia de percursos culturais que integram o projeto *Visitas d'Autor*, obtendo informação acerca das visitas que realizam;
- III. questionário online de autopreenchimento para obtenção de dados sobre os perfis, motivações e perceções de satisfação dos participantes nas *Visitas d'Autor*.

Estes instrumentos de recolha foram concebidos de modo a responder questões previamente propostas na investigação, como se apresenta a seguir. Os procedimentos respeitaram as obrigações morais e éticas de um estudo desta natureza, como o cumprimento das leis de privacidade, a obtenção do consentimento informado e postura profissional e ética por parte da investigadora, de acordo com o protocolo de administração desenhado (disponível no Apêndice L). Os dados obtidos nessa investigação que estiverem indisponíveis no corpo do texto ou nos apêndices, serão disponibilizados a investigadores que desejarem dar continuidade a estudos sobre o tema. Estes dados serão utilizados para fins académicos e de divulgação dos resultados do estudo e serão arquivados num dispositivo digital da autora por um prazo de 10 anos após a conclusão deste estudo.

5.1.1. Levantamento documental

A primeira etapa da investigação esteve voltada para a recolha de informações acerca dos percursos culturais da cidade do Porto. Esse levantamento aconteceu inicialmente de modo geral, através de pesquisas online em motores de busca e em sites de variadas instituições promotoras deste tipo de eventos, como a CMP e o MMIPO.

A seguir foram recolhidos e analisados dados fornecidos pelo MMIPO acerca da programação das *Visitas d'Autor*, com atenção para os temas abordados, os autores que atuavam como guia e o número de edições realizadas desde o início do projeto. Também foram fornecidas pela instituição dados mais específicos, como o número de participantes de cada Visita. Esses dados foram organizados em tabelas para facilitar sua visualização e utilização nos inquéritos.

5.1.2. Inquérito por entrevista

Perante a carência de fontes documentadas, e entendendo a importância das fontes primárias para o entendimento mais aprofundado sobre as origens desses passeios na cidade, mostrou-se necessário recorrer à realização de entrevistas semiestruturadas, seguindo um guião mais livre, com abertura para a inclusão de novas perguntas, de modo a alcançar um objetivo pré-estabelecido por uma matriz de análise, conforme disponível no Apêndice M. A elaboração da matriz de análise, assim como do protocolo de administração e guião de entrevista baseou-se em um trabalho realizado anteriormente, envolvendo a pesquisa de material bibliográfico disponível sobre o tema, além da análise de dados fornecidos pelo Museu da Misericórdia, conforme já mencionado. As perguntas assentaram em 6 categorias pré-definidas:

- 1) história dos percursos culturais no Porto;
- 2) formação dos guias;
- 3) conteúdo das visitas;
- 4) descrição do público-alvo percebido;
- 5) importância dos percursos;
- 6) melhorias possíveis.

Esta abordagem teve como intenção contextualizar o programa no âmbito de práticas semelhantes existentes na cidade do Porto e entender a maneira como esses percursos são criados e implementados. Além disso, procurou compreender percepções de importância destas atividades por parte dos seus autores.

Foram selecionados 3 dos principais profissionais responsáveis por guiar os percursos do MMIPO. A escolha baseou-se em três critérios:

- I. experiência destes guias-autores, assente no tempo de atuação no mercado e volume de percursos realizados na cidade;
- II. popularidade e capacidade de atrair participantes para essas atividades;

III. conhecimento acerca da organização e planeamento das Visitas d'Autor.

Desse modo, foram selecionados os seguintes profissionais: Germano Silva, Joel Cleto e José Ferreira⁶². Este último, mostrou-se bastante prestativo, e concordou em ceder todas as informações necessárias para a realização deste estudo, mas, apesar da sua disponibilidade permanente, optou pela não realização de uma entrevista formal, por questões de ética profissional.

As demais entrevistas foram feitas de maneira informada e consentida, e gravadas com ajuda da aplicação Dictafone do iPhone. O local de realização das conversas foi proposto pelo entrevistado. Data, local e outros detalhes do procedimento estão descritos na parte inicial de cada uma das transcrições disponíveis nos Apêndices. Uma das entrevistas precisou ser realizada de modo virtual, perante as imposições de distanciamento social determinadas pelo governo devido à pandemia de Covid-19. Os entrevistados foram previamente informados acerca dos objetivos do estudo – descritos no documento de consentimento de uso da entrevista – assim como as formas de acesso ao conteúdo desta dissertação após a sua conclusão. As entrevistas foram transcritas, e alguns excertos que não se relacionavam com a investigação, de caráter mais pessoal ou que continham conteúdo repetido, foram excluídos da transcrição. O material editado foi enviado aos entrevistados para leitura e autorização de uso neste estudo, conforme declaração de consentimento informado, disponível no Apêndice O.

5.1.3. Inquérito por questionário online

O método para a recolha de dados dos participantes das Visitas d'Autor utilizado neste estudo foi a do inquérito por questionário que:

Consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de

⁶² A trajetória profissional dos autores-guias está disponível no Apêndice N.

conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores. (Quivy & Campenhoudt, 2005, p.188)

Trata-se, portanto, de uma técnica usada em pesquisas que exigem um grande número de participações e diferentes análises de correlação.

O questionário incluiu maioritariamente perguntas fechadas por serem mais fáceis e rápidas de serem respondidas, além de possibilitarem uma análise mais prática e objetiva por parte do investigador, sendo administrado no período compreendido entre 5 de março e 5 de abril de 2021. Perante o cenário de confinamento de grande parte da população do Porto e da suspensão das Visitas d'Autor nesse período, facto provocado pela pandemia de Covid-19, sua administração realizou-se de modo online, com a utilização da ferramenta de formulários do Google (*Google Forms*). Com um total de 12 páginas e 27 questões, o questionário foi dividido em áreas temáticas: contexto da visita; motivações; experiência e avaliação; segmentações; e caracterização sociodemográfica, como apresentado no Apêndice P.

A elaboração das perguntas em torno destas áreas temáticas seguiu o modelo de quadro integrativo de fatores motivacionais concebido por Semedo *et al.* (2018, p.33) no seu estudo de públicos realizado em espaços museológicos e patrimoniais portugueses, com algumas adaptações para que se enquadrasse aos percursos culturais e estabelecendo correlação com a parte teórica do presente estudo. Apesar dessa investigação não ser realizada no âmbito de um museu, foi levado em conta o facto da atividade ser administrada e orientada como um serviço educativo de um museu (o MMIPO) e se realizar em contexto patrimonial. Também se considera aqui a histórica cidade do Porto como podendo ser classificada como um museu a céu aberto.

Para além das perguntas destas áreas temáticas, o questionário incluía, também, uma primeira questão relativa à participação na atividade, que tinha por intuito excluir da pesquisa pessoas que porventura tivessem acedido ao inquérito, mas que não tivessem, necessariamente, acompanhado especificamente o programa Visitas d'Autor. No final, a última seção convidava o inquirido a facultar os seus contactos

para uma possível entrevista de aprofundamento de alguns tópicos. No total, o tempo total de resposta era de aproximadamente quatro minutos.

O questionário foi distribuído diretamente pelo MMIPO que enviou uma hiperligação de acesso por e-mail, através da sua newsletter quinzenal, para todos os inscritos na sua base de dados, num total de 1.344 contactos. Realça-se que essa base de dados é constituída pelos inscritos em todas as atividades educativas e culturais promovidas pela instituição e não apenas por participantes das Visitas d'Autor e que os inscritos nesta lista assinaram o termo de concordância da recolha e tratamento de dados, de acordo com as normas da Lei Geral de Proteção de Dados- LGPD.

A hiperligação de acesso ao questionário também foi divulgada através das páginas de Facebook do MMIPO e do Porto dos Museus. Os autores que orientam as Visitas d'Autor contribuíram para a difusão do questionário através de suas redes sociais, e enviando a hiperligação para amigos e frequentadores deste tipo de atividade. Desse modo, é difícil afirmar com exatidão quantas pessoas foram convidadas a responder à pesquisa. No entanto, este envio realizou-se dentro de um universo de indivíduos interessados por património e com boa probabilidade de frequentar percursos culturais promovidos por variadas instituições. A amostra foi, portanto, não probabilística por conveniência.

Utilizou-se como base de sondagem (universo da pesquisa) o número total de participantes das Visitas d'Autor realizadas em 2019: 822 participações. Apesar do inquérito ter sido administrado no início do ano 2021, os dados referentes a 2020 não eram representativos, uma vez que muitos percursos foram cancelados, em decorrência da pandemia de Covid-19.

A dimensão da amostra estatisticamente desejada era de 263 respostas válidas⁶³ para um nível de confiança de 95% e um erro amostral de 5%. Foram obtidas 252 respostas

⁶³ Esse valor pode ser calculado através da fórmula estatística $n = N \cdot p \cdot q \cdot (Z \alpha/2)^2 / p \cdot q \cdot (Z \alpha/2)^2 + (N-1) \cdot E^2$ ou obtido através de calculadoras de tamanho de amostras disponíveis em websites como o <https://pt.surveymonkey.com/mp/sample-size-calculator/>

no total. No entanto, apenas 146 dos inquiridos haviam, efetivamente, participado das Visitas d'Autor do MMIPO, respondendo a todas as questões colocadas. Isso leva a um erro amostral de 7,51%⁶⁴ considerando-se um nível de confiança de 95%.

As 146 respostas válidas foram inseridas numa tabela Excel para tratamento descritivo dos dados, análise através de tabelas dinâmicas e construção de gráficos comparativos.

Antes de apresentar a análise dos dados obtidos a partir do inquérito por questionário, apresentam-se as Visitas d'Autor e a instituição que as realiza; o MMIPO. Nesta apresentação do contexto do estudo também se refere brevemente a história da Santa Casa de Misericórdia do Porto.

⁶⁴ Erro amostral é representado pela raiz quadrada da divisão $N-n/N.n$, sendo N a população e n o tamanho da amostra.

6. As Visitas d'Autor

6.1. A Misericórdia do Porto e o Museu e Igreja da Misericórdia do Porto

As Visitas d'Autor são atividades organizadas pelo Museu da Misericórdia do Porto, que por sua vez pertence à Santa Casa de Misericórdia do Porto (SCMP), uma das mais antigas instituições do Porto, integrante da rede de Misericórdias de Portugal. A SCMP foi fundada em 1499, por iniciativa do Rei D. Manuel I (SCMP, 2021), e é uma irmandade de serviço ao próximo que tem como objetivo a prática da fé católica e a satisfação de carências sociais, através de diferentes formas de assistencialismo com prestação de serviços em diversas áreas: saúde, ensino especial, educação, justiça, ação social, cultura e ambiente (Martins, 2018, p.37 e 58), como descrito no Apêndice Q.

Segundo Amorim (2018, p.160), o início da Confraria aconteceu lentamente, com desinteresse das elites, apesar do incentivo do rei D. Manuel I, que transferiu a administração de alguns hospitais da cidade para a Misericórdia, aumentando sua importância e fazendo crescer o número de propriedades urbanas obtidas através de doações testamentárias de particulares. Ainda segundo esta autora, os rendimentos obtidos através da administração desses hospitais eram insuficientes para conferir estabilidade financeira à instituição, sendo necessária ajuda do rei (p.164).

O verdadeiro arranque patrimonial da SCMP teria acontecido meio século após sua fundação, quando se mudou para instalações próprias na Rua das Flores, cujo edifício sede e igreja foram erigidos a partir de doações de benfeitores⁶⁵. A partir de então, as missas de sufrágio por alma que eram realizadas na Sé e outras igrejas da cidade começaram a concentrar-se na Igreja da nova sede, atraindo mais doações, e cada vez mais avultadas (Amorim *et al.*, 2018, p.168).

⁶⁵ D. Maria de Castro e D. Antónia de Castro doaram os terrenos da sede. Belchior Pais doou dinheiro para a construção do edifício sede. Rui Brandão foi um dos benfeitores que ajudaram a custear a Igreja da Misericórdia (Amorim *et al.*, 2018, p.166).

Atualmente, a SCMP é uma organização enquadrada no Terceiro Setor⁶⁶, com estatuto jurídico de Instituição Particular de Solidariedade Social⁶⁷, “estando dependente do Estado através de apoios financeiros, tendo também encargos, como prestação de contas, obrigações de cooperação com a Administração Pública (...) Assim sendo, é esperado que estas organizações sejam rentáveis, tanto economicamente como socialmente” (Martins, 2018, p.36).

Em julho de 2015, a SCMP fundou, no seu edifício da Rua das Flores, o seu Museu e Igreja da Misericórdia do Porto (MMIPO), materializando uma ideia que remontava aos finais do século XIX, quando o Conde de Samodães era o Provedor:

A concretização deste projeto iniciou-se com a deslocação dos serviços administrativos da Santa Casa e a transferência do arquivo histórico e da biblioteca para a Casa da Prelada, no ano de 2013, libertando o edifício da Rua das Flores para funções culturais. (SCMP, 2015)

Antes da inauguração do Museu, o edifício da Rua das Flores abrigava – desde meados do século XVI – a sede da instituição, com escritórios e um Núcleo Museológico que compreendia a Galeria dos Benfeitores, a Casa do Despacho e a Igreja (incluindo a sacristia). Estes espaços podiam ser percorridos desde que não estivessem a ser utilizados no momento da visita. Em 2014, todo o edifício passou por uma reabilitação e adaptação arquitetónica para abrigar o novo Museu, que foi criado com dois objetivos: divulgar a história da SCMP, os seus propósitos institucionais e coleções de arte, e difundir o passado e o presente desta área da cidade (*Museu e Igreja da Misericórdia do Porto*, 2021).

O Museu da Misericórdia funciona, portanto, como um centro de memória da instituição que retrata a sua ação e história. A sua coleção integra centena de bens, desde pinturas datadas dos séculos XVI a XVII, passando por esculturas (bustos de benfeitores e imagens de altar), artigos de mobiliário (que testemunham diferentes épocas), armas, documentos e até uma coleção de peças de ourivesaria civil e sacra

⁶⁶ Entende-se por Terceiro Setor “um conjunto de organizações e iniciativas da sociedade civil que produzem bens e serviços, apesar de não pertencerem ao Estado, e que não têm fins lucrativos, apesar de serem privadas” (Ferreira, 2009, como citado em Martins, 2018, p.22).

⁶⁷ Segundo Decreto-Lei nº172-A/2014 de 14 de novembro (Martins, 2018, p.34).

(Tavares *et al.*, 2015). Grande parte da coleção é resultante de ofertas feitas à Misericórdia ao longo do tempo.

A maior parte das cerca de 450 pinturas da coleção são imagens dos benfeitores e provedores que contribuíram com a história da confraria no decorrer dos séculos, mas também há obras que retratam famílias burguesas portuenses de variadas épocas. Algumas dessas pinturas são assinadas por artistas que marcaram o panorama artístico nacional ou regional como Sofia Martins de Sousa, Francisco José Resende e António Carneiro; outras têm autoria desconhecida, porém com valor histórico que se sobrepõe ao valor artístico. Entre as obras de maior destaque está a *Fons Vitae* (Anexo B), de autoria atualmente atribuída ao artista flamenco Colijn de Coter, datada de cerca de 1515-1517, que teria sido encomendada pela Misericórdia ainda nas primeiras décadas da instituição (Museu e Igreja da Misericórdia do Porto, 2021). Cabe ressaltar que a Igreja da Misericórdia também integra o circuito museológico, incluindo suas dependências: a sacristia e a capela Santa Isabel.

Em 2019, o MMIPO recebeu um total de 57.115 visitantes, sendo que mais da metade desse número representa visitas realizadas entre junho e agosto (SCMP, 2019).

Embora o Museu nunca tenha realizado um estudo de públicos, a instituição está vocacionada para um público-alvo amplo e variado. Deste grupo fazem parte: colaboradores da Misericórdia, seus familiares e amigos, estudantes⁶⁸, professores, investigadores, profissionais do setor (historiadores e museólogos), turistas nacionais e estrangeiros, representantes de outros museus, bloggers e formadores de opinião, políticos e voluntários⁶⁹.

Além das visitas ao espaço museológico, o MMIPO também dispõe de um amplo conjunto de atividades promovidas por seu serviço educativo. A instituição realiza concertos, palestras, workshops, webinars, formação para educadores, apresentações teatrais, comemorações de datas históricas, quizzes e visitas-

⁶⁸ Nesse grupo destacam-se os alunos de universidades seniores.

⁶⁹ Informação oral cedida por José Ferreira em 28 de janeiro de 2021.

percursos⁷⁰ (*Museu e Igreja da Misericórdia do Porto*, 2021). Entre as atividades educativas do museu surge, em 2016, as Visitas d'Autor.

6.2. As Visitas d'Autor: autores e temas

As Visitas d'Autor são percursos culturais urbanos guiados que decorrem na cidade do Porto, abertos ao público em geral mediante aquisição de ingressos, com o objetivo de resgatar e difundir a história e o património cultural da cidade e suas ligações com a história da Misericórdia do Porto. Esses percursos são guiados por especialistas (ver Apêndice N) que a Misericórdia do Porto reconhece como sendo profundos conhecedores da instituição e da cidade, têm a duração de 2 horas, acontecem duas vezes ao mês – sempre aos domingos – com início às 10 horas da manhã. As atividades são realizadas ao longo de todo o ano, com exceção de agosto, quando são suspensas por ocasião das férias.

O projeto Visitas d'Autor surgiu como uma estratégia de marketing para promover o MMIPO, então recém-inaugurado. Num primeiro estágio, esses percursos eram guiados por duas personalidades reconhecidas pelos seus conhecimentos acerca da cidade: Germano Silva e Joel Cleto (ver imagens no Anexo C). Ambos são autores de variadas publicações sobre a história do Porto, as suas lendas, estórias e património. Nesse primeiro ano, apenas foram realizados oito percursos no âmbito deste projeto. Os bilhetes, vendidos por 5 euros, davam direito ao acesso ao próprio MMIPO, onde a maioria dos percursos se iniciava. Os temas abordados referiam-se sempre à história e bens da instituição, como os antigos hospitais da Misericórdia e espaços como a Quinta da Prelada.

No ano seguinte, o MMIPO decidiu ampliar o grupo de autores envolvidos no projeto, passando a 5 profissionais. Aos nomes de Joel Cleto e Germano Silva, foram somados os de José Ferrão Afonso, José Tedim e José Guilherme Abreu. Também o número de

⁷⁰ As visitas e percursos são guiados por um técnico do museu e são voltados para o público em geral, visando difundir a história e o património da Santa Casa de Misericórdia. Estão adaptadas a cada nível de ensino, com duração de 10 a 90 minutos, podendo acontecer dentro do Museu ou na sua área circundante, mediante marcação. Atualmente, são oferecidas as seguintes visitas orientadas: Apresentação do MMIPO, À Descoberta do MMIPO, Fons Vitae- O Quadro Misterioso da Misericórdia do Porto, Nicolau Nasoni e a Quinta da Prelada, A Rua de Santa Catarina das Flores, A Ação da Misericórdia Dentro e Fora da Muralha Fernandina: Os Hospitais e a Cadeia, Do Maneirismo à Arte Nova: Percorso pelos Marcos da Arquitetura da Misericórdia do Porto.

percursos aumentou: neste ano foram realizadas 20 edições. Os temas, apesar de ainda ligados a aspetos da Misericórdia do Porto, ampliaram-se, abordando factos históricos (como a Revolta do Porto, A República do Porto), os mercados antigos, os judeus do Porto, os ofícios da cidade e houve até um percurso dedicado às camélias, flor património natural e cultural do Porto.

Como apresentado no Apêndice R, o número de edições anuais subiu, assim como o número de autores. Novos nomes passaram a orientar esses percursos: em 2018 entra José Ferreira e Silva, e em 2019, Manuel Sousa, que ocupa a vaga de José Ferrão Afonso. Em 2020, com a chegada da arquiteta paisagista Alcides Gonçalves, incluída no grupo com a saída de José Guilherme Abreu, começam a ser abordados temas relacionados com ambiente.

Em 2020, durante a pandemia de Covid-19, foi necessário limitar o número de participantes nas Visitas d'Autor para garantir o distanciamento social, o que resultou na redução significativa do número total de participantes, assim como na quantidade de edições realizadas. No entanto, é importante ressaltar que, mesmo com as restrições impostas pela Direção Geral de Saúde, as atividades aconteceram, seguindo as normas de segurança e com considerável interesse do público. Desse modo, apenas se analisam dados relativos a 2019, antes do início da pandemia⁷¹.

Algumas edições das Visitas d'Autor reúnem públicos bastante mais numerosos que outras. As edições com mais de 50 participantes são habituais em percursos guiados por Germano Silva e Joel Cleto⁷². Tal desempenho pode estar associado à grande visibilidade mediática destes dois profissionais e ao sucesso dos seus livros sobre a cidade. Para Joel Cleto, a notoriedade obtida através de seu programa televisivo no Porto Canal, pode ser a razão de possuir tantos seguidores⁷³. É difícil afirmar, no entanto, se essa seria a única razão para o sucesso das visitas guiadas por esses dois profissionais.

Outra tendência aparente no quadro exibido no Apêndice R é a concentração de percursos na chamada União de Freguesias do Centro Histórico, que reúne as

⁷¹ A relação completa das Visitas d'Autor realizadas em 2019 está disponível no Apêndice R.

⁷² Essa tendência é observada também nos anos de 2018 e 2020.

⁷³ Informação oral cedida em entrevista com Joel Cleto, conforme incluído no Apêndices I.

freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória. Como estão focadas na história da cidade e da Misericórdia do Porto, é natural que grande parte das Visitas se realizem em áreas mais antigas da urbe.

A publicitação das Visitas d'Autor é feita através dos sites e redes sociais da MMIPO, da SCMP e de instituições parceiras como a Porto dos Museus e por meio de envio de newsletter para os inscritos nos bancos de dados dessas instituições. Os organizadores nunca fizeram publicidade paga dessas atividades. As Visitas costumam ser registadas pelo MMIPO através de fotos e vídeos, que são posteriormente publicados no seu site oficial, redes sociais e canal no Youtube⁷⁴. A instituição arquiva todos os dados referentes às edições, incluindo o contato de e-mails de seus participantes, uma vez que as inscrições para essas atividades acontecem através desta via.

Em relação ao uso de material de apoio, o que se observa é que alguns guias-autores utilizam recursos como fotografias, recortes de jornais, mapas e documentos antigos da cidade para ilustrarem os temas que abordam, especialmente quando se referem ao algo que já não existe fisicamente, seja um benfeitor falecido ou um casarão demolido ou totalmente remodelado. Ao contrário de outras instituições promotoras de percursos culturais, o MMIPO não fornece mapas, desdobráveis ou qualquer material complementar aos participantes. Tendo em conta o ruído no centro de uma cidade movimentada como o Porto, alguns autores utilizam como recurso de apoio um microfone e caixa altifalante para amplificar o som da voz. Os audioguias ainda não foram implementados pelo MMIPO.

⁷⁴ O canal oficial do MMIPO está disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCad8GAtZ9o-meYB2ffSaE9A/featured>

7. Quem são os participantes das Visitas d'Autor?

7.1. Perfil sociodemográfico dos participantes

7.1.1. Nacionalidade, idade e género

Os participantes da pesquisa têm uma média de idade de 59 anos. Analisando homens e mulheres individualmente, podemos afirmar que, na amostra, os participantes do sexo masculino são mais velhos que os do sexo feminino, com uma idade média de 62,8 e 56,6 anos respetivamente.

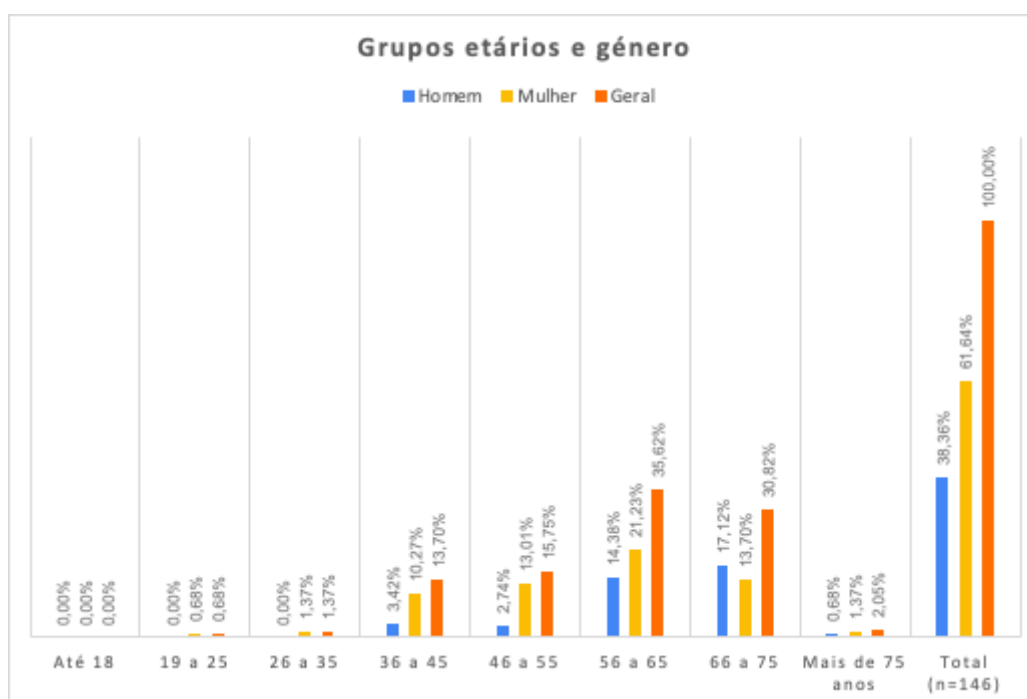
Quanto à faixa etária destaca-se que mais de metade dos inquiridos por questionário (68,5%) têm idades superiores a 56 anos. Observa-se que a faixa etária mais representativa da amostra se encontra entre os 56 e 65 anos, sendo esta responsável pelo volume de 58,3% dos inquiridos. Dos 146 indivíduos sondados, apenas 3 deles (2,1%) têm menos de 35 anos. A amostra não contém menores de 18 anos.

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística referentes a 2019 (INE, 2021), o concelho do Porto tem uma população mais envelhecida que a média nacional. Enquanto que 50% dos residentes do Porto tem mais de 55 anos⁷⁵, Portugal apresenta uma percentagem um pouco mais baixa, de 43%. Contudo, comparativamente, verifica-se que a percentagem de maiores de 56 anos da amostra (68,5%) é um pouco mais expressiva que a média municipal (50%).

Quanto ao género, as mulheres são a maioria da amostra (61,6%), seguindo a mesma tendência exibida nos dados populacionais do INE, que indicam que 55% dos residentes do Porto são do sexo feminino. Nesse caso, as percentagens estão mais aproximadas, demonstrando que a predominância de mulheres é também uma característica da população local, ainda que em proporção um pouco menor.

⁷⁵ Cabe destacar que nos dados disponibilizados pelo INE a faixa etária referida é de maiores de 55 anos, enquanto na amostra é de maiores de 56 anos.

Gráfico 1 Grupo etários e gênero dos participantes das Visitas d’Autor



Fonte: Inquérito Visitas d’Autor [n= 146]

7.1.2. Escolaridade e condição perante o trabalho

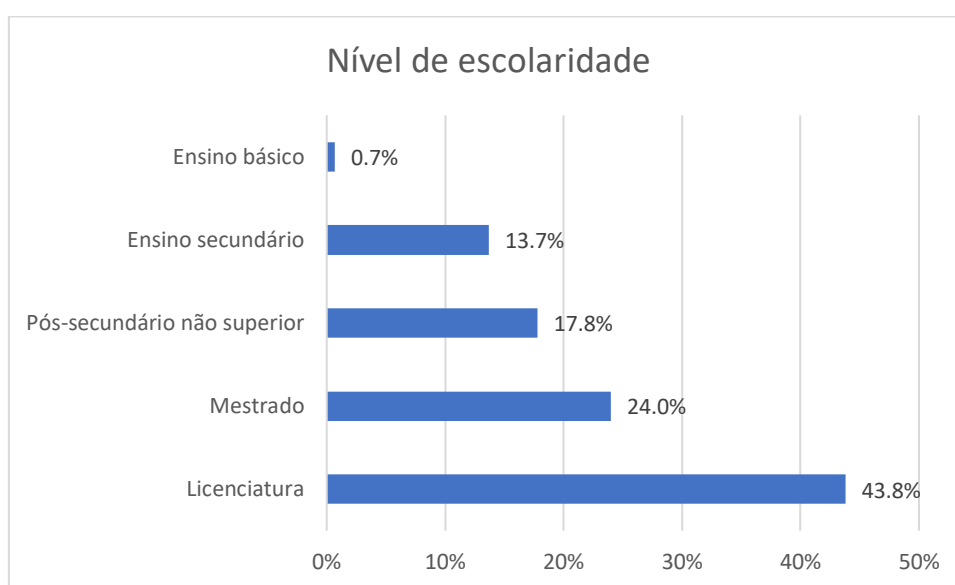
Relativamente ao nível de escolaridade, verifica-se que os participantes da pesquisa são maioritariamente indivíduos muito escolarizados, 43,8% concluiu uma licenciatura e 24% um mestrado. Apenas 32,2% apresenta formação não superior: 17,8% concluiu o ensino pós-secundário não superior, 13,7% o ensino secundário e apenas 0,7% o ensino básico.

Essa tendência também se verifica nos estudos de públicos de museus⁷⁶, nomeadamente em dados reunidos em 2015 pela DGES, que apontam que 67,7% dos visitantes portugueses de museus nacionais possuem, pelo menos, o nível superior. De modo semelhante, a pesquisa realizada por Semedo *et al.* (2018) no Museu do Abade Baçal, da Igreja do Mosteiro de Leça do Balio e do Paço dos Duques de Bragança, espaços culturais tidos como mais “populares”, concluiu que mais da metade de seus públicos também possui, pelo menos, o curso pós-secundário não superior. Além disso

⁷⁶ O Estudo de Públicos de Museus Nacionais (EPMN) foi promovido pela Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) em parceria com o Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL) entre 2014 e 2015 e abrangeu 14 museus tutelados (DGPC, 2015).

e tal como é também apontado neste estudo, se relacionarmos estes dados com aqueles compilados pela *OECD* sobre escolaridade em Portugal no Relatório *Education at a Glance* 2019, observa-se que os indivíduos desta amostra (assim como os públicos de museus) estão nas camadas mais escolarizadas da população. De acordo com a *OECD*, apenas 15,1% da população adulta do país, com mais de 55 anos, possui ensino superior⁷⁷. Mais uma vez é reforçada a relação entre consumo cultural e escolaridade, mostrando que “este consumo tende a ser mais regular e intenso entre grupos detentores de mais elevados diplomas escolares” (A. S. Silva *et al.*, 2000, p.10).

Gráfico 2 Nível de escolaridade dos participantes



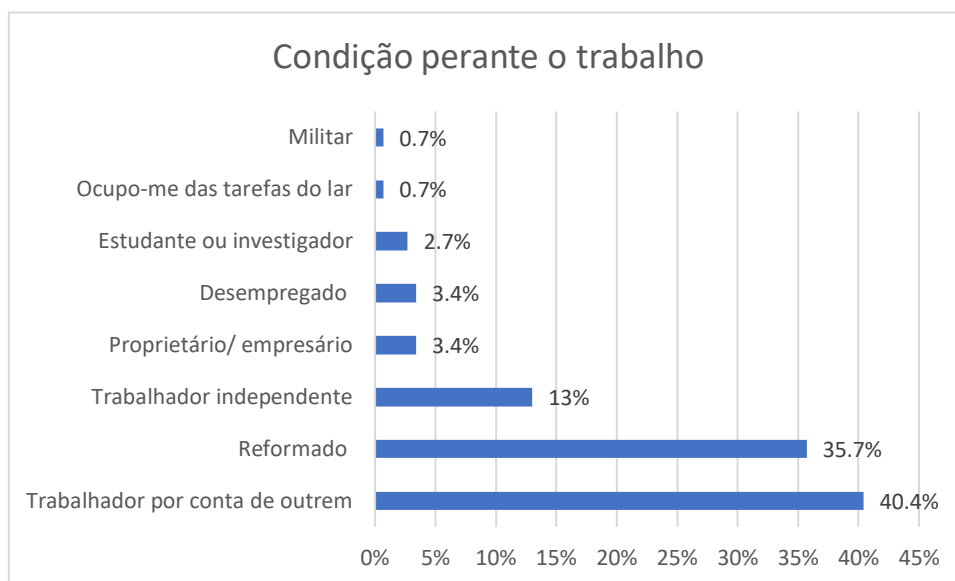
Fonte: Inquérito Visitas d’Autor [n= 146]

Quanto à condição perante o trabalho, a maior parcela dos inquiridos no questionário (39,7%) trabalha por conta de outrem. Os aposentados representam mais que um terço (35%) do total da amostra, algo que já era esperado, diante do perfil etário dos participantes.

Os estudantes ou investigadores (2,7%) surgem abaixo da proporção de desempregados (3,4%).

⁷⁷ Essa percentagem de licenciados sobe para 37,4% na população entre 25 e 34 anos (*OECD*, 2019).

Gráfico 3 Condição perante o trabalho dos participante



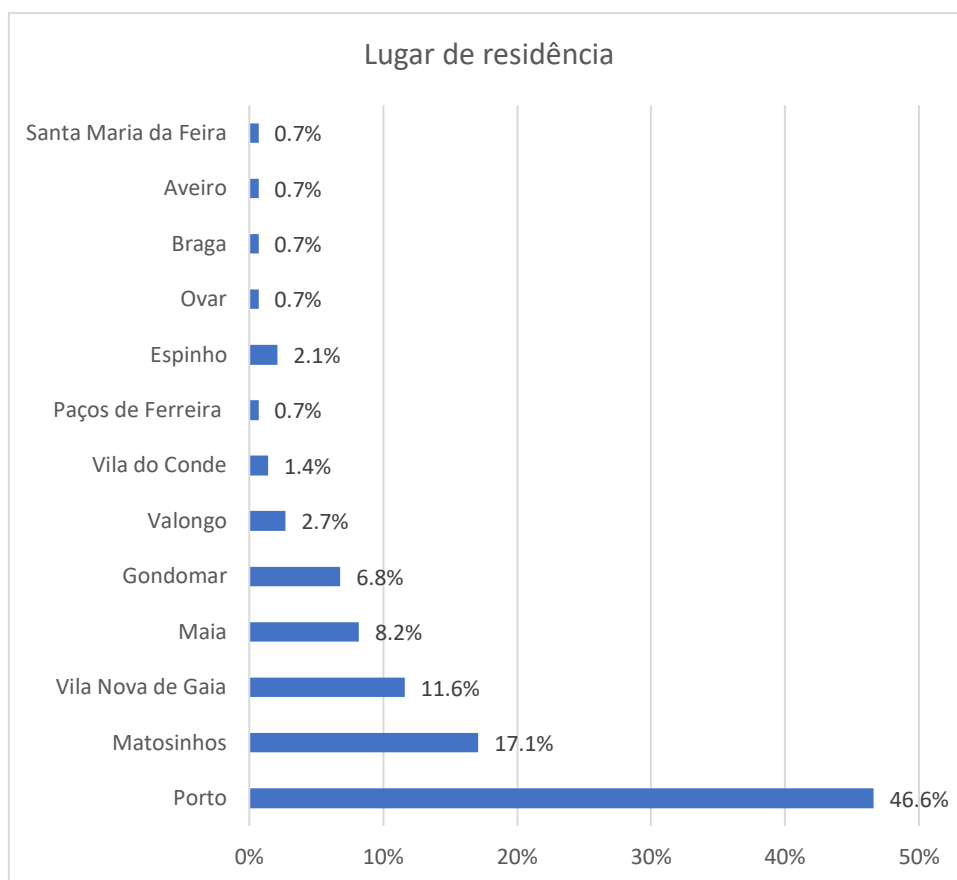
Fonte: Inquérito Visitas d'Autor [n= 146]

No questionário, os inquiridos podiam indicar a sua profissão (modo aberto e sem uso de múltiplas escolhas), o que resultou em respostas muito variadas e, por vezes confusas, dificultando muito a sua análise. De um modo geral, a resposta mais referida foi reformado(a), com 17 menções, seguido de professor(a), com 14. No entanto, alguns escreveram “professor(a) reformado”, o que gerou alguma confusão na análise, sendo nesses casos considerados como “reformados”.

7.1.3. Nacionalidade e área de residência

Do total de respostas válidas, 96% dos inquiridos são de nacionalidade portuguesa. Os brasileiros representam apenas 4% da amostra. Quanto à área de residência, observa-se a predominância de moradores do concelho do Porto (46,6%), seguida dos concelhos limítrofes de Matosinhos (17,1%) e Vila Nova de Gaia (11,6%). Em termos de distância em Km, os participantes que vêm de mais longe, são residentes em Aveiro (0,7%), Braga (0,7%), Ovar (0,7%) e Paços do Ferreira (0,7%).

Gráfico 4 Lugar de residência dos participantes



Fonte: Inquérito Visitas d'Autor [n= 146]

7.1.4. Lugar de residência X transporte

O carro é o meio de transporte escolhido por quase metade dos participantes (43,2%) para se deslocar para o local de partida da visita. Os transportes públicos como o metro / autocarro (29,5%) e comboio (2,7) também são uma alternativa bastante utilizada pelos inquiridos para chegar ao ponto inicial de encontro dos percursos. A deslocação a pé é feita por 17,1% do total.

Cruzando os dados de deslocação com o local de residência, é possível observar que, do total de domiciliados no concelho do Porto, apenas 32,2% fazem essa locomoção a pé, embora, como esperado, 100% dos que fazem esse deslocamento a pé residam no Porto.

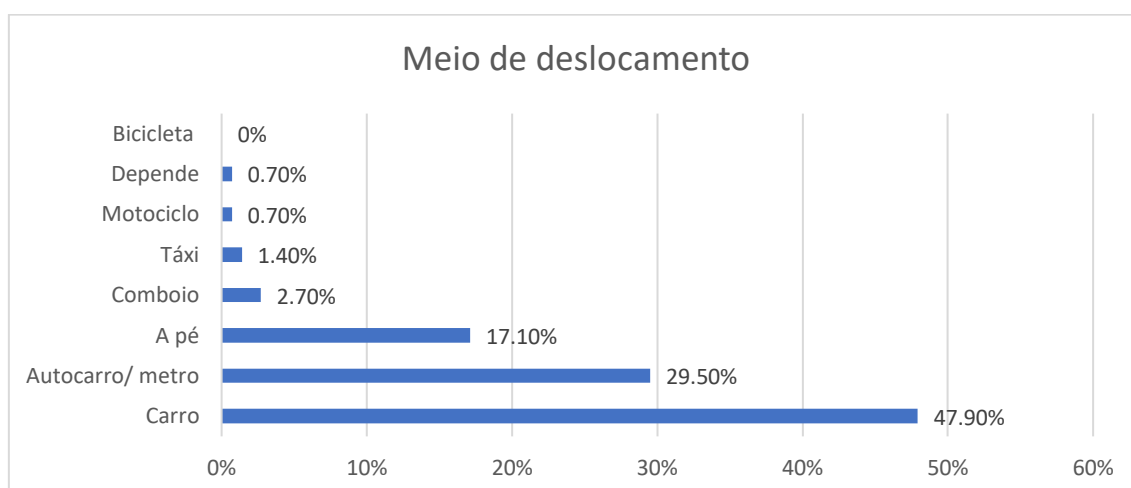
7.1.5. Meio de transporte x satisfação

Já numa tentativa de comparar o meio de transporte usado na deslocação com a avaliação de satisfação em relação ao ponto inicial e final dos percursos, o que se

observa é que: de todos os participantes que se deslocam utilizando o carro, 90% consideram *bom* ou *muito bom* o ponto inicial e 93% classificam *bom* ou *muito bom* o ponto final. Cabe destacar que nenhum dos inquiridos, independente do meio de transporte que elegem, considera esses dois aspetos *mau* ou *muito mau*, como vemos no gráfico a seguir.

A atenção em comparar esses dados coloca-se uma vez que a escolha do local de estacionamento da viatura própria poderia vir a ser um fator condicionante para o participante, em casos de percursos que se encerram em local demasiado distante do ponto inicial, dificultando o acesso ao próprio veículo ao final de cada atividade. Essa insatisfação não se demonstra na pesquisa.

Gráfico 5 Meio de deslocamento até as Visitas d’Autor



Fonte: Inquérito Visitas d’Autor [n= 146]

7.2. Contexto da participação

7.2.1. Nível de satisfação e fidelização

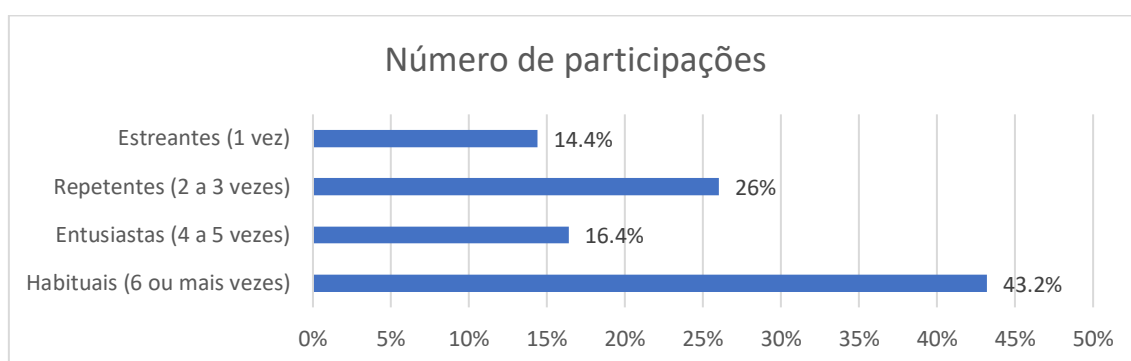
No início do questionário pergunta-se quantas vezes o inquirido participou das Visitas d’Autor. Observa-se uma alta fidelização do público que realiza esta atividade.

Mediante a quantidade de participações que os inquiridos declararam ter realizado é possível delinear quatro graus de fidelização:

- I. os estreantes; que experimentaram a atividade apenas 1 vez;
- II. os repetentes; que são os participantes que repetiram uma ou 2 vezes a experiência;
- III. os entusiastas; que foram de 4 a 5 vezes às Visitas d'Autor;
- IV. os habituais; que participaram 6 vezes ou mais.

Do total da amostra, 43,2% pertencem ao grupo dos habituais, 16,4% são entusiastas, e 26% são repetentes. Isso mostra que 85,6% dos inquiridos testaram e repetiram a experiência proporcionada pelo MMIPO.

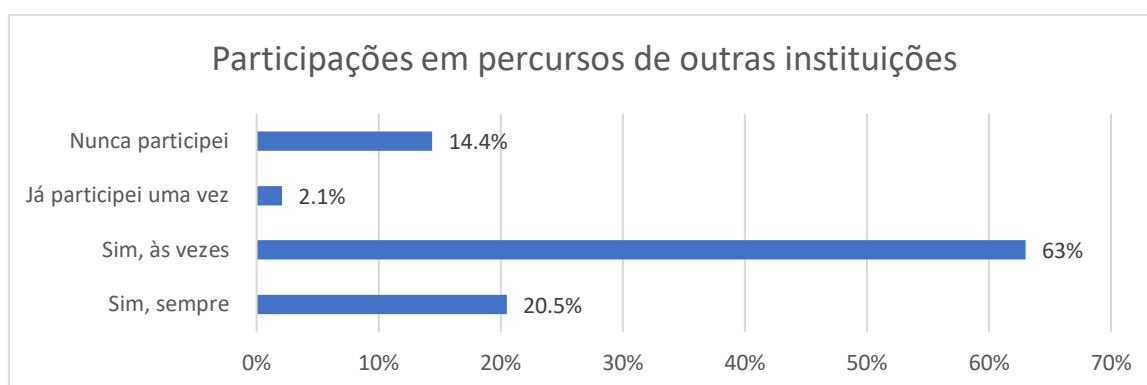
Gráfico 6 Frequência nas Visitas d'Autor



Fonte: Inquérito Visitas d'Autor [n= 146]

Essa noção é reafirmada quando, curiosamente, uma proporção igual de inquiridos (85,6%) declara que já participaram de percursos culturais promovidos por outras instituições. Trata-se de um forte indício de que esse modelo de atividade é muito bem aceite pela maioria daqueles que a experimentam.

Gráfico 7 Participações em percursos promovidos por outras instituições

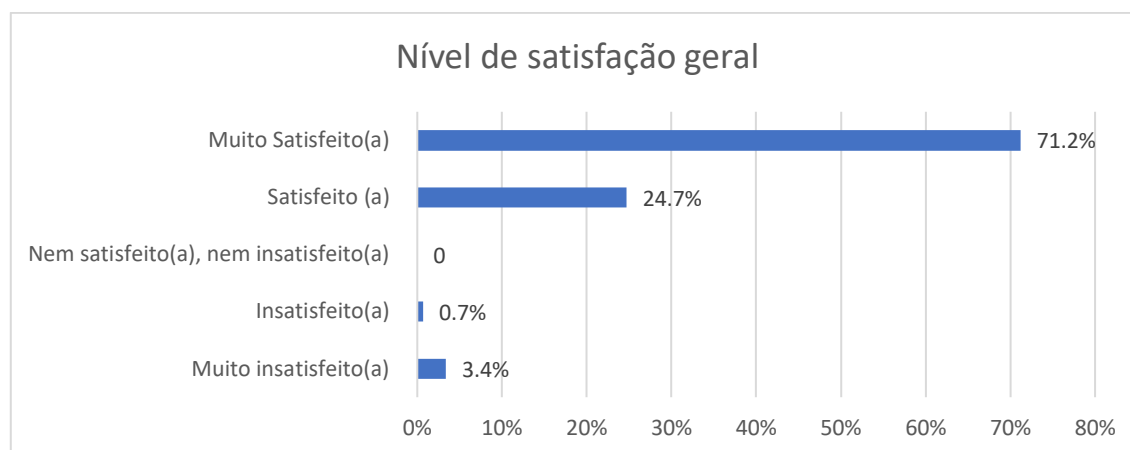


Fonte: Inquérito Visitas d'Autor [n= 146]

Esse estudo também procurou mapear outras entidades promotoras de percursos culturais no Porto. Desse modo, os inquiridos foram convidados a indicar os nomes de instituições com as quais já tinham realizado percursos. A relação reúne 41 empresas, associações e grupos privados que organizam, patrocinam ou comercializam esse modelo de atividade na cidade. O maior número de menções é para a Confraria de Massarelos (24), Câmara Municipal do Porto (17) e Grupo Romper os Sapatos (10). Também há referências às Câmaras Municipais de outros concelhos, como Matosinhos, Famalicão e Santo Tirso; variadas universidades seniores e, ainda, a cursos que ministram aulas de história do Porto, como o CLEP— Curso Livre de Estudos do Porto e o Aprender Porto.

Esse entusiasmo pela atividade confirma-se noutras questões, como quando todos os inquiridos afirmam que recomendariam as Visitas d'Autor a outras pessoas. Ou ainda quando 91,8% afirmam nunca terem abandonado as visitas antes da sua conclusão, sendo que nenhum destes apontou como razão para desistir o desagrado em relação ao tema ou ao autor-guia. Também é possível destacar o facto de que 71,2% dos inquiridos estão *muito satisfeitos* com as Visitas d'Autor e 25% estão *satisfeitos*. Esses dados também revelam que os autores que atuam como guias e mediadores sabem cativar seus públicos.

Gráfico 8 Nível de satisfação geral com as Visitas d’Autor



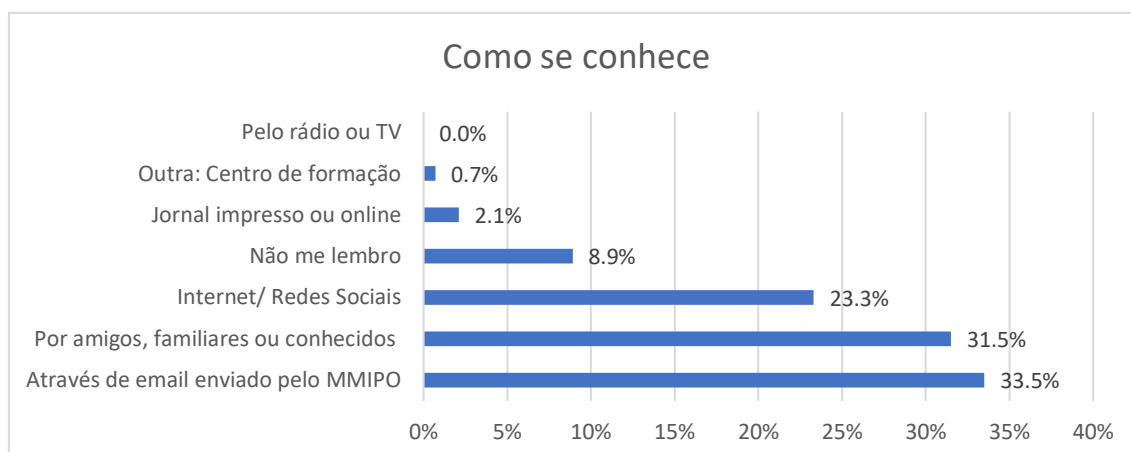
Fonte: Inquérito Visitas d’Autor [n= 146]

7.2.2. Visitas d’Autor e os media

Como se afirmou anteriormente, a comunicação acerca das Vistas D’Autor por parte do MMIPO realiza-se essencialmente através de newsletter enviada pela instituição, e divulgação em redes sociais. Essa predominância do digital está bem representada na amostra, quando 33,6% dos inquiridos afirmam que tomaram conhecimento das Visitas d’Autor através de email enviado pelo MMIPO, e 23,3% através da internet e redes sociais. A via de informação online representa, portanto, 56,9% do total da amostra.

Apesar dessa tendência digital ser bastante comum em estudos de públicos culturais recentes, esse número poderia ser recebido aqui com alguma surpresa, dada a idade dos seus participantes e a associação a uma menor literacia digital. No entanto, estudos recentes sobre as relações entre os idosos e as tecnologias de informação e comunicação sugerem que essas associações precisam ser analisadas dentro “de uma dimensão da estrutura social e do comportamento da pessoa idosa dentro do ambiente em que vive” (Azevedo, 2019, p.229). Embora mais envelhecidos, os públicos das Visitas d’Autor são ativos, possuem uma escolaridade alta, um desejo de aprender e alguns frequentam universidades seniores. Logo, é de esperar que estejam habituados ao uso de novas tecnologias. Outro detalhe a ser considerado é o facto desta pesquisa ter sido feita online, alcançando especificamente essa parcela mais tecnologicamente esclarecida do grupo.

Gráfico 9 Como conheceram as Visitas d'Autor



Fonte: Inquérito Visitas d'Autor [n= 146]

Também é elevada a proporção de pessoas que conhecem as Visitas através de *word-to-mouth* (31,5%), o que demonstra que estes percursos são falados e aconselhados nos círculos familiares e entre amigos. Outro indicativo da boa aceitação da atividade.

7.3. Motivação da visita

7.3.1. Razões para a visita

O questionário enumerou 18 razões para a visita, pedindo que cada participante apontasse até 3 opções. Também foi facultado o direito de incluir outro motivo que não tivesse sido previamente listado, sendo que as duas únicas respostas abertas fornecidas correspondiam às razões já enumeradas.

As motivações foram organizadas em torno dos quatro fatores principais listados anteriormente no Quadro A1 do Anexo A, baseadas nas identidades apontadas por Semedo *et al.* (2018): *Aprendizagem e descoberta; Escapismo / Recuperação; Autorrealização; Interação social*. Estas se relacionam com as necessidades motivacionais enumeradas por Falk (2011): *Exploradores; Facilitadores; Profissionais / Amadores; Colecionadores de Experiências; e Recarregadores de Energia*, como referido no primeiro capítulo e apresentado no Quadro A2.

Desse modo, foram elaboradas perguntas associadas com cada um desses perfis, adaptando-os à realidade dos percursos culturais Visitas d'Autor, como se pode ver no Apêndice S.

O desejo de *saber mais sobre o Porto* foi a motivação escolhida por quase todos os inquiridos (92,5%). Entre os que marcaram essa opção, 54,1% reside fora do concelho, 68,9% tem mais de 56 anos e 60,7% são mulheres. No caso da escolaridade, todos (100%) os inquiridos com menor escolaridade (até o ensino secundário) identificaram-se com essa motivação.

Um estudo sobre públicos da cultura realizado no Porto no final dos anos 1990 já destacava essa forte relação de amor dos “tripeiros” com a cidade, e estabelecia uma associação entre esse sentimento e o elevado nível de enraizamento dos portuenses. Segundo esses autores:

o bairrismo dos “tripeiros” é um bairrismo que não cabe nas fronteiras da urbe; e é esse sentimento “excessivo”, de uma cidade que não se vê apenas como uma cidade, mas se vê como um maciço granítico singular, que torna o bairrismo portuense tão reivindicativo e potencialmente disruptor (A. S. Silva *et al.*, 2000, p.29).

Embora os percursos culturais tenham um público considerável proveniente de outros concelhos para além do Porto, esse sentimento de admiração está presente, independente do local de residência do inquirido: o desejo de saber mais sobre a “invicta” é notável em toda a amostra. De todos os inquiridos que residem fora, 93,6% marcaram essa opção. Entre os portuenses a proporção foi praticamente igual: 91,2%.

Reafirmando essa estima, o *orgulho pela cidade* é a segunda razão mais apontada para a participação nas Visitas d’Autor (34,2%). Curiosamente, os que residem fora foram os que mais marcaram essa motivação (41% dos que residem fora versus 26,5% dos que residem no Porto). O interesse em *explorar novos lugares* é referido por 33,6% dos entrevistados.

Gráfico 10 Motivações e expectativas em relação às Visitas d'Autor

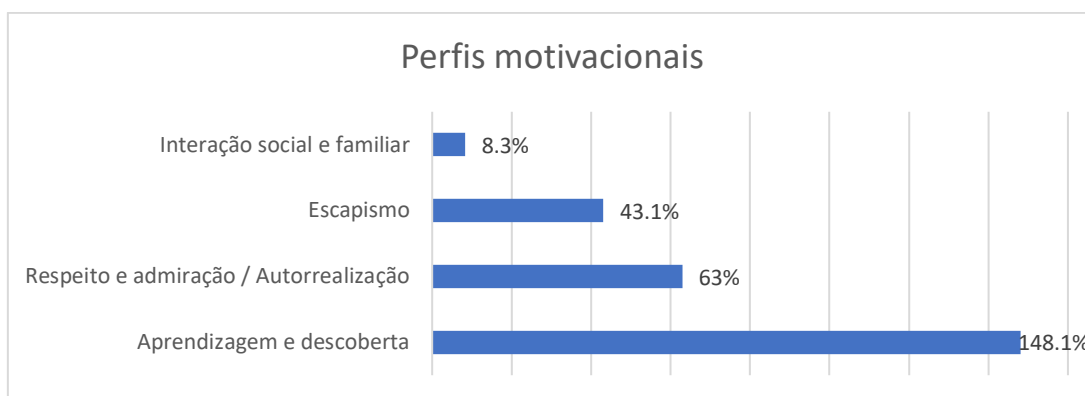


Fonte: Inquérito Visitas d'Autor [n= 146]

Ao correlacionar essas três razões com as necessidades motivacionais de Falk (2011), identificamos que a maioria dos inquiridos se identifica com valores próximos do que o autor denomina *Exploradores* e *Colecionadores de Experiências*. O primeiro grupo, dos *Exploradores*, está formado por pessoas que procuram a aprendizagem e descoberta, encontrando autorrealização ao aliar a educação ao entretenimento. O segundo grupo, reúne aqueles que querem ver um lugar que consideram importante, demonstrando o seu respeito e admiração pela cidade e a sua identidade cultural.

Para além das motivações já referidas, o desejo de passear pela cidade (21,9%) e até mesmo o de se sentir um turista no Porto (11%) também são bastante apontadas pelos inquiridos.

Gráfico 11 Perfis motivacionais identificados



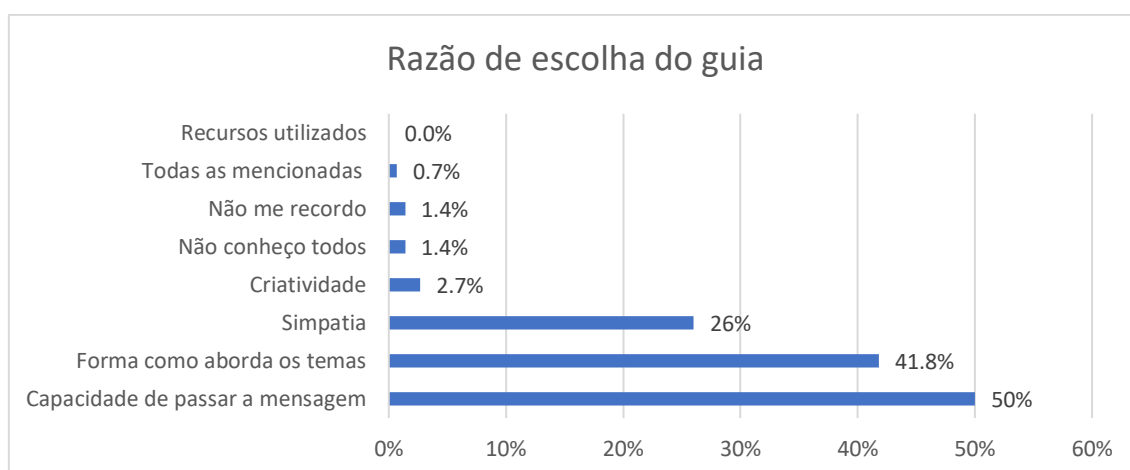
Fonte: Inquérito Visitas d'Autor [n= 146]

7.3.2. O papel dos autores na decisão de participar

O autor, que aqui atua como guia e mediador cultural, desempenha um papel importante na decisão de integrar as Visitas d'Autor: 27,4% dos inquiridos dizem que selecionam os percursos promovidos pelo MMIPO porque admiram os seus autores-guia, e 4,1% porque já ouviu falar deles. No questionário, os inquiridos puderam eleger até dois nomes favoritos. Joel Cleto (61%) e Germano Silva (45,9%), autores que integram o programa desde o seu lançamento, foram os mais indicados.

Ainda sobre os autores, e avançando para a pergunta sobre a razão da escolha do favorito, destaca-se a *qualidade da informação prestada* (71,2%), seguida da *capacidade de passar a mensagem* (50%), reafirmando o interesse na aprendizagem por parte dos inquiridos. Cabe ressaltar, ainda, que não há nenhuma menção aos recursos utilizados pelos autores, no que se refere a fotografias, mapas, folhetos, ou qualquer material que sirva de apoio ao que é explicado nos percursos. Tal pode ser indicação de que não há uso desse tipo de suporte material ou que, no caso de haver, não é valorizado pelos participantes.

Gráfico 12 Razões de escolha do guia / autor apontado como favorito



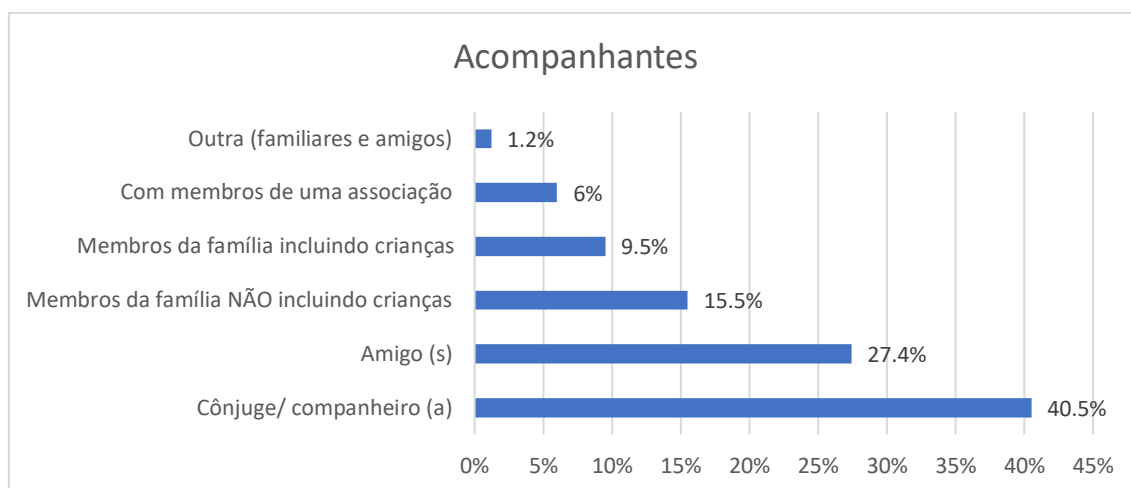
Fonte: Inquérito Visitas d'Autor [n= 146]

7.3.3. Visitas d'Autor como atividade social

Outras partes do questionário tentam aferir o interesse nos percursos culturais como uma prática com fins de interação social e familiar. Quase metade dos inquiridos (42,5%) realizam a atividade sozinhos. Este número parece ainda mais elevado quando comparado com outros estudos de públicos. Em Serralves (*Estudo de públicos: Serralves*, 2013, p.36), o grupo de solitários não ultrapassa os 15%. No Museu Nacional Soares dos Reis, esse número representa 24% do total (DGPC, 2015). Também nos festivais de música e de cinema portugueses a percentagem de visitantes solitários é comparativamente mais baixa. Um estudo realizado no Indie Lisboa e Curtas Vila do Conde, em 2019, verificou que, apenas 20,3% e 11% dos seus públicos, respetivamente, assistiam às sessões sem um acompanhante (T. L. L. M. de S. Silva, 2019). E no âmbito musical, 35% por cento dos festivaleiros participam sozinhos dos festivais portugueses segundo a APORTFEST (2018, p.12).

No conjunto dos *acompanhados* da amostra, 40,5% têm ao seu lado o(a) cônjuge ou companheiro(a); 27,4%, os amigos e 15,5%, os membros da família (sem crianças) e apenas 9,5% diz ter levado uma criança. Extrapolando para o total de indivíduos consultados na pesquisa (sozinhos e acompanhados), os que se fazem acompanhar por uma criança representam apenas 5,5% do total. As famílias representam, portanto, uma percentagem bastante reduzida.

Gráfico 13 Por quem se fazem acompanhar



Fonte: Inquérito Visitas d’Autor [n= 146]

Observa-se que a interação social não foi a motivação mais apontada neste estudo.

Apenas 4,8% afirmam realizar a atividade para estar com os amigos; 2,1% para conhecer pessoas; 2,1% porque foi convidado e 0,7% para acompanhar alguém.

O perfil dos *facilitadores*, sugerido por Falk (2011) é pouco expressivo na amostra.

Apesar do forte interesse em aprender demonstrado pelos participantes, a reduzida interação social e o reduzido número de crianças são um indicativo de que a aprendizagem dos acompanhantes não representa o objetivo principal deste conjunto de pessoas. Os perfis motivacionais (Falk, 2011) mais evidentes no estudo correspondem ao dos *exploradores* e *coleccionadores de experiência*, aqueles que querem aprender e sentem o desejo de ver lugares que consideram importantes.

7.4. Avaliação e satisfação

De um modo geral, o grau de satisfação relativamente às Visitas d’Autor é muito elevado. Praticamente nenhum dos quesitos abordados foi classificado como *mau* ou *muito mau*. A qualidade da informação prestada pelo autor-guia é o item com melhor avaliação: 68,5% dos inquiridos consideram-na *muito boa*, e 26%, *boa*. A escolha dos temas abordados também é muito bem avaliada (59,6% classificam como *muito bom* e 34,2%, *bom*).

7.4.1. Preço dos bilhetes

O preço dos bilhetes é o aspeto com a pior avaliação na pesquisa. Nenhum dos inquiridos o classifica como *muito bom* e 27,4% considera-o *mau* ou *muito mau*. O valor cobrado pelo MMIPO pelas Visitas d'Autor é, atualmente, de 6 euros. Comparativamente, a Confraria do Corpo Santo de Massarelos cobra 7 euros, enquanto a Associação dos Jornalistas cobrou 10 euros pelos percursos que realizou. Já no grupo Romper os Sapatos, os bilhetes custam habitualmente 5 euros, sendo que, em algumas sessões, esse valor pode ser acrescido de 2 euros para o pagamento de seguros ou, mais recentemente, de aparelhos de audioguia. Pode-se dizer, desse modo, que o MMIPO trabalha com valores dentro da média do mercado.

No entanto, as Visitas d'Autor podem parecer caras quando comparadas, por exemplo, com os percursos promovidos pela CMP, que custam cerca de 3 euros, sendo, em alguns casos, gratuitos. No entanto, os valores cobrados pelas autarquias costumam ser baixos porque estas atividades integram as políticas culturais dos Estado, sendo parcialmente ou integralmente financiadas pelo governo.

7.4.2. O que melhorar?

Há também avaliações menos positivas no que se refere à capacidade de ouvir bem os autores-guia. Muitas empresas que realizam percursos guiados pela cidade já começam a aderir ao uso de aparelhos de audioguia individualizados. A cidade tem estado cada vez mais movimentada e barulhenta, especialmente em zonas como a Baixa do Porto, com o aumento do turismo e congestionamento de veículos e de pessoas, assim como o grande número de imóveis passando por requalificações (o que incide em sons de maquinaria). O distanciamento social imposto pela pandemia de Covid-19 também faz necessária essa adequação.

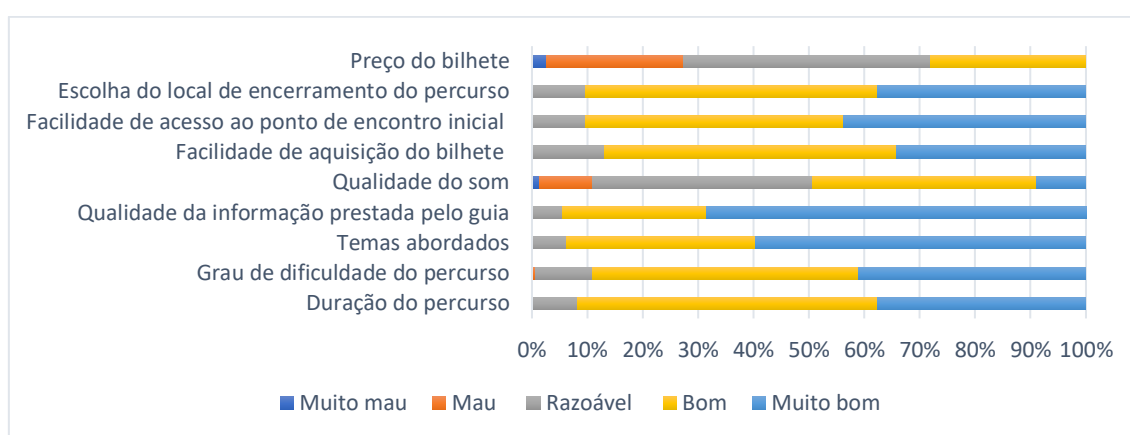
As Visitas d'Autor continuam a acontecer sem o auxílio desses equipamentos. Com grupos mais numerosos, os autores-guia recorrem ao uso de caixas de som amplificadoras. No entanto, estas não proporcionam o mesmo nível de conforto, e costumam ter baterias com duração inferior ao tempo total de percurso.

Na amostra, 11% dos inquiridos consideram *mau* ou *muito mau* a qualidade do som / capacidade de escutar os autores, e mais de um terço (39,7%) qualificam esse quesito

como *razoável*. Ainda assim, metade dos indivíduos consultados sentem-se confortáveis com esse aspeto: 40,4% classificam-no como *bom* e 8,9% como *muito bom*.

A falta de aparelhagem de audioguia é apontada novamente quando se pergunta *que aspetos poderiam ser melhorados nas Visitas d’Autor*. Quase metade dos comentários (31 do total de 66) referem a impossibilidade de ouvir com clareza o autor-guia, apontando a necessidade do uso destes equipamentos.

Gráfico 14 Experiência e avaliação em relação às Visitas d’Autor



Fonte: Inquérito Visitas d’Autor [n= 146]

Outras sugestões colocadas pelos participantes são: a redução do tamanho dos grupos; a ampliação dos temas abordados e das zonas de cobertura geográfica dos percursos; a visita a interiores; o aumento de percursos oferecidos e uma melhor divulgação das atividades (ver lista completa no Apêndice T).

No que concerne ao número de participantes, as instituições costumam impor um limite de participantes. No caso das Visitas d’Autor esse limite é de 30 pessoas. No entanto, essa regra costuma ser “bastante” flexibilizada, com grupos com mais de 80 integrantes.

7.5. Construção de significados

7.5.1. Aprendizagem e admiração

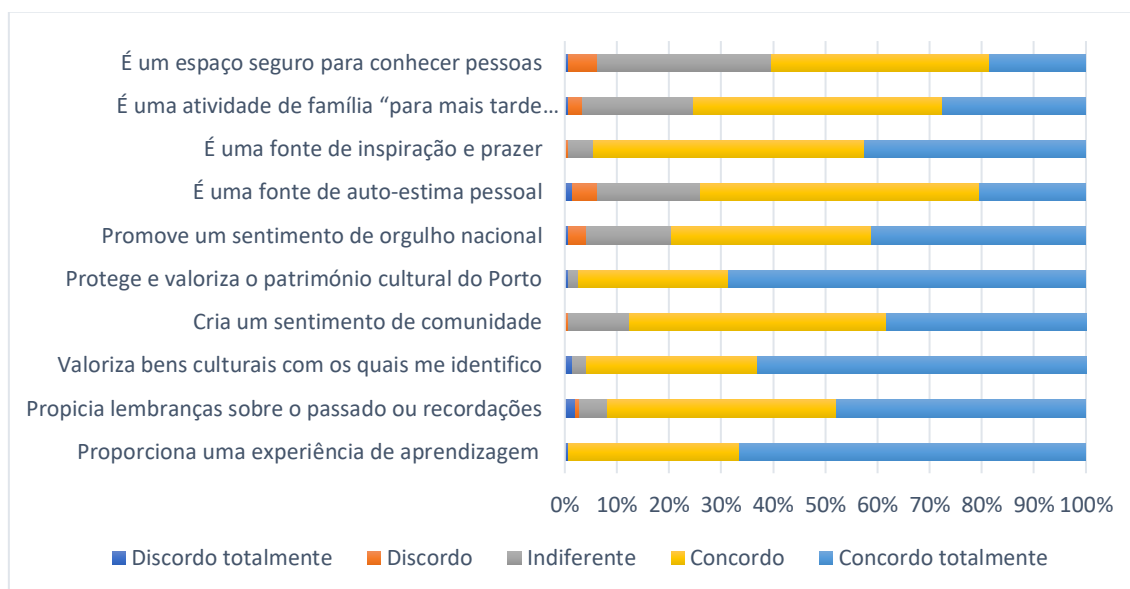
Utilizou-se a escala *likert* para medir o grau de concordância dos participantes em relação a certas afirmações propostas no inquérito, relacionadas com as funções e

percepções dos significados das Visitas d’Autor. Analisando a Figura 15 é possível perceber que a *experiência de aprendizagem* é o enunciado com que quase todos os inquiridos se identificam: 66,4% concordam totalmente e 32,9% concordam.

A noção de que a atividade ajuda a *valorizar e proteger o património cultural do Porto* também é reconhecida pela maioria: 68,5% concordam totalmente e 28,7% concordam. Dentro dessa mesma temática, 63% concordam totalmente e 32,9% concordam com a afirmação de que essa atividade *valoriza bens culturais com os quais se identificam*. Mais uma vez observa-se aqui a predominância de necessidades motivacionais (Falk, 2011) associadas aos *Exploradores* e *Colecionadores de Experiência*, expressos no reconhecimento da importância dos espaços visitados.

De modo geral, todas as afirmações enumeradas na pesquisa tiveram um grau de concordância muito superior a 50%, como se vê abaixo. Entre as proposições, a que é menos aceite pelos inquiridos refere-se à afirmação de que as Visitas d’Autor seriam *um espaço seguro para conhecer pessoas*. Um terço (33,5%) dos inquiridos mostraram-se indiferentes a esta proposição.

Gráfico 15 Percepção dos significados das Visitas d’Autor



Fonte: Inquérito Visitas d’Autor [n= 146]

Em síntese:

A exploração dos dados deste questionário apresenta um conjunto de participantes predominantemente do sexo feminino, de nacionalidade portuguesa, com idade média de 59 anos, escolaridade alta, proveniente do concelho do Porto, e que realiza as Visitas d'Autor geralmente acompanhada pelo cônjuge, com o objetivo de aprender mais sobre a cidade.

Esse participante-modelo delineado na amostra toma conhecimento dos percursos promovidos pelo MMIPO através de meios digitais, ainda trabalha, desloca-se de carro e tem o hábito de participar de percursos culturais promovidos por esta e outras instituições. Sente admiração pela cidade e está satisfeito com a atividade.

O perfil descrito a partir da amostra está em conformidade com o que foi previsto pelos guias entrevistados no início deste estudo, trazendo algumas informações curiosas, como percentagem alta de participantes solitários e a grande capacidade de fidelização.

Esperava-se, também, que o interesse em integrar esses grupos estivesse associado a um desejo de socializar, conhecer pessoas e encontrar amigos, algo que não se refletiu na amostra. Para além disso, comprovou-se a importância da necessidade de algumas adaptações para aumentar o conforto e segurança da atividade, como a redução dos grupos e o uso de equipamento de audioguia.

Do conhecimento da autora, este será o primeiro estudo de públicos dos percursos culturais realizados no Porto. Embora o tamanho da amostra não seja o desejado, parece ser possível delinear quem são esses participantes e quais as suas motivações. Esse conhecimento e reflexão são importantes não apenas para o MMIPO, como para as outras entidades que promovem esse tipo de atividade na cidade, contribuindo para um melhor planeamento destes percursos.

8. Considerações finais

Os percursos culturais de tema patrimonial voltados para a comunidade local são uma realidade no Porto e noutras cidades do mundo. Como este estudo argumentou, existem uma série de fatores que reforçam essa tendência. Entre estes, destaca-se o incremento do turismo cultural, que inunda as cidades com turistas (aqui se inclui o “ser turista na sua cidade”), e desperta nos residentes um fascínio com o que é local e único; a crescente tendência de valorização da micro história e o interesse pelo património individual, capaz de gerar uma conexão interna com passados pessoais e raízes familiares, despertando uma experiência emocional única (Timothy & Boyd, 2006); a reurbanização do Porto e as transformações (culturais, políticas e económicas) ocorridas na cidade.

O formato desses percursos assemelha-se aos *walking tours* oferecidos em contexto turístico, porém, com características próprias, uma vez que estão destinados a dialogar com o habitante local. O uso da palavra *diálogo*, nesse caso, está menos associado ao contexto verbal e mais voltado para uma conotação de envolvimento com a comunidade.

O turismo está muitas vezes associado aos impactos negativos na cidade, como a mercantilização da cultura e a destruição de bens. Nesse sentido, os percursos culturais cumprem um papel inverso ao do turismo, ao difundir uma consciência de preservação, valorizar bens patrimoniais e as atividades culturais autênticas, algo tão recomendado por cartas, convenções e legislações nacionais. Percebe-se claramente através dos inquéritos que os percursos despertam nos seus participantes algo de respeito e admiração pelos bens culturais que integram a cidade e estimulam um desejo crescente de saber mais sobre o que é mostrado. Essa atitude parece estar patente no entusiasmo em participar repetidas vezes de diferentes percursos, promovidos por variadas instituições.

O papel fundamental dos mediadores que orientam essas atividades é notório. O conteúdo que é apresentado carrega mais do que informações sobre a história da cidade; existe algo de bairrista e de emocional nos discursos. É aquilo que Tilden (1977, p.10) definiu como paixão intrínseca e que transborda desses profissionais,

alcançando algo da experiência do participante e gerando uma forte ligação afetiva entre visitante e local visitado. Como referiu Germano Silva, em entrevista, nessas narrativas não há apenas história, há também histórias: de vidas, pessoas, épocas e costumes. Os percursos culturais são, portanto, um importante meio de conectar os públicos com os lugares visitados para fazer chegar a informação no coração, como refere Delgado e Pazos (2013, p.303).

Um dos domínios marcantes na atuação destes mediadores é o do entendimento da intermediação (*brokering understanding*), descrito por Weiler e Black (2015, p.4): todos eles procuram mediar o acesso intelectual ao que é apresentado, reforçando a compreensão e assimilação de valores culturais. Embora os participantes destes percursos não sejam turistas, por vezes, verifica-se algum distanciamento entre o visitante e o sítio ou tema apresentado. Durante as suas participações nas Visitas D'Autor, a autora presenciou comentários como: “eu nunca tinha estado aqui antes”, ou “eu nunca tinha ouvido falar disso”. Este distanciamento é minimizado através destas atividades.

Quanto ao perfil do consumo cultural dos participantes, pode-se dizer que estes são altamente motivados, que procuram aprendizagens e experiências profundas, e que possuem forte afinidade cultural com os bens apresentados. O questionário descreve-os como pessoas com grande capital cultural e muito interesse na aprendizagem.

Observa-se que também possuem bom conhecimento prévio sobre os temas abordados. Como apontaram os autores aqui entrevistados, os participantes de percursos culturais são indivíduos que cultivam a admiração pela cidade e que participam na gestão do património no dia-a-dia, seja respeitando os sítios, repassando informações sobre a cidade informalmente ou em blogs, ou até mesmo participando de abaixo-assinados para proteger lugares que consideram importantes.

Também cabe destacar que a participação em percursos culturais está fortemente ligada ao conceito da aprendizagem de livre escolha referida por Falk (2011), uma prática educativa que promove o conhecimento livre de cobranças e tensões. Ainda segundo Falk, essa maneira de aprender também é capaz de gerar memórias mais duradouras, algo que se mostra importante no contexto educacional desta atividade.

Em relação aos lugares percorridos e aos temas abordados pelas Visitas D'Autor, observa-se que há um alinhamento com as propostas clássicas de percursos realizados por outras instituições (como a CMP, por exemplo), embora o MMIPO direcione parte do conteúdo para questões sociais e religiosas, reforçando a sua missão e valores dentro da sociedade. De modo geral, as Visitas concentram-se no centro do Porto, algo que por vezes pode limitar as potencialidades do projeto e desagradar os públicos, como visto no questionário.

8.1. Sugestões de melhorias

Não há como negar que os percursos culturais são uma atividade valiosa para a cidade e seus cidadãos, mas para garantir a sua longevidade e ampliar o número de participantes é importante estar atento a algumas questões. A criatividade, no que se refere aos temas, abordagens e zonas da cidade visitadas, é fundamental. A repetição pode levar à exaustão e ao enfraquecimento do projeto. Os inquéritos por entrevista e questionário revelam que os públicos dos percursos culturais são habituais. Para cativar essas pessoas é fundamental oferecer conteúdos que sejam constantemente renovados. Observa-se que uma mesma área da cidade pode ser vista sob diferentes perspetivas: arquitetónica, urbanística, histórica, artística... Uma simples rua pode ser analisada a partir da sua toponímia, comércio, importância para o desenvolvimento da cidade e riqueza cultural. Pode ser interpretada por diferentes mediadores, capazes de explorar muitas facetas de um mesmo assunto. Ainda assim, a concentração de toda a atenção numa só área representa sempre um risco de perda de participantes. É importante ter em conta que a publicitação dos percursos está muito centrada no seu título, e que este não dá detalhes sobre a abordagem, estando por vezes associado ao espaço que será percorrido. O Porto é uma cidade rica de histórias e tradições e esse património extrapola os limites do centro. Há muitas outras freguesias da cidade a serem exploradas e apresentadas ao público: Bonfim, Foz e Campanhã, por exemplo. No caso específico das Visitas D'Autor essa limitação relaciona-se com o vínculo obrigatório entre os seus percursos e os espaços ligados à SCMP. Sobrepor essa limitação requer ainda mais criatividade. Ainda assim, a instituição parece esforçar-se por não repetir temas (à exceção do encontro de fim de ano, sobre o Natal).

Os percursos culturais também são uma valiosa maneira de conectar as comunidades e promover intercâmbio entre visitantes e visitados. Desse modo, seria interessante que membros dos espaços visitados pudessem participar das explanações, proporcionando contributos pessoais acerca dos temas abordados. Além de dinamizar a atividade e enriquecer o seu conteúdo, essa interação reforçaria a proposta de valorização dos bens culturais.

Outra questão que deve ser ponderada refere-se à ampliação dos públicos. Está comprovado que o participante das Visitas d'Autor (e aparentemente⁷⁸ de percursos patrimoniais promovidos por outras instituições) são pessoas com idade mais avançada e maior escolaridade. Em se tratando de uma atividade educacional e de formação de cidadãos conscientes acerca das questões que afetam o património (e no caso específico do MMIPO, conscientes acerca da história da instituição), seria interessante que esses percursos atraíssem também públicos mais jovens e de diferentes camadas da sociedade. Esse pode ser apontado como o maior desafio para os percursos culturais de modo geral. A própria temática – o património – pode ser a razão desta limitação. É difícil afirmar, com certeza, que ações poderiam ajudar nessa ampliação de públicos. Como sugerido nas entrevistas, convidar autores mais novos e com uma linguagem mais jovem poderia ser uma alternativa. Na opinião desta autora, o mais importante nesse momento seria amplificar a divulgação dos percursos, para alcançar mais gente, pois ainda há muitos que desconhecem sua existência.

Analisando os dados obtidos através do questionário (que foi direcionado a públicos que se interessam por património e que tem alguma ligação com o MMIPO), constatou-se que quase metade (42,1%) dos inquiridos nunca haviam participado das Visitas d'Autor. Isso representa um grande público em potencial que não foi atingido até o momento.

Também se verificou que quase um terço (31,5%) dos participantes souberam da atividade através de recomendação de amigos. Sabe-se que o MMIPO nunca fez publicidade paga acerca de seus percursos culturais e que não demonstra – neste

⁷⁸ Essa constatação se dá através de observação por parte da autora em sua participação em percursos, entrevistas com os autores, e análise do questionário (que aponta que os participantes das Visitas D'Autor realizam percursos promovidos por outros grupos).

momento – interesse em aumentar seus públicos. Os grupos já são grandes o suficiente para suscitar reclamações entre os participantes. No entanto, case desejasse aumentar a visibilidade das Visitas d’Autor, a instituição poderia investir em publicidade paga – em especial nas redes sociais Facebook e Instagram – para alcançar diferentes perfis de públicos. Estreitar as relações com a imprensa, reforçando a divulgação destas atividades por via de sua assessoria de imprensa, também seria outra forma de atrair o interesse de jornalistas para realização de reportagens espontâneas sobre os temas⁷⁹, incrementando sua publicitação. Campanhas promocionais, como bilhetes mais baratos para grupos ou datas comemorativas com admissão gratuitas, são outras sugestões. A utilização de material de apoio, a exemplo de panfletos com resumo de informações ou dados acerca dos percursos, é outra forma de enriquecer a atividade, mas, sobretudo, de reforçar sua recomendação entre amigos.

Também é apreciável o aproveitamento de novas tecnologias. Sistemas de audioguia podem melhorar a comunicação entre os mediadores e os participantes, dando-lhes liberdade para explorar os espaços de maneiras diferentes. Uso de aplicativos de apoio (como o Zoom, por exemplo) podem conectar os participantes e servir de suporte para o compartilhamento de imagens e toda a sorte de conteúdos complementares.

8.2. Principais dificuldades e limitações

O presente estudo foi realizado entre 2020 e 2021, durante a pandemia de COVID-19. Nesse período, a maioria dos percursos culturais foi suspenso. Aqueles que foram realizados, tiveram os seus públicos extremamente limitados. A pandemia gerou uma alteração no cenário geral da atividade: menos frequentes, com menos participantes e quase sem visitas a espaços fechados. Desse modo, a análise teve que se voltar para anos anteriores – neste caso 2019 – impossibilitando o contacto direto com seus participantes. O questionário, que inicialmente seria realizado de maneira presencial, após a visita, precisou ser adaptado ao modelo online. Desse modo, o número de participantes alcançados foi menor do que o desejado. O tempo disponível para a

⁷⁹ Embora sem dados numéricos que sustentem a afirmação, cabe dizer que os percursos realizados por Germano Silva costumam ser tema de reportagens realizadas pelo Jornal de Notícias, onde esse mediador trabalhou como jornalista durante muitos anos.

realização do estudo também se mostrou insuficiente para a obtenção de maior número de respostas ao questionário, assim como para a realização de entrevistas individuais com intervenientes.

Em relação à revisão de literatura, existiu inicialmente alguma dificuldade na definição de termos a pesquisar, tendo em vista que o termo *percurso pedestre* está comumente associado a *trails* e *hiking*. Do mesmo modo que *walking tour* está sempre associado ao turismo. Foi preciso utilizar várias combinações de palavras-chaves para encontrar os primeiros artigos dentro do assunto desejado e, depois, percorrer as bibliografias, explorando uma grande quantidade de material para selecionar o que era de interesse. Também a limitação no acesso físico às bibliotecas dificultou a pesquisa, que inicialmente precisou ser feita quase que exclusivamente online.

8.3. Sugestões para investigações futuras

Os percursos culturais têm todo o potencial para se consolidarem como uma atividade de lazer, assim como ir ao museu ou a um concerto musical. As suas possibilidades são das mais variadas, podendo abordar diferentes temas e alcançar públicos igualmente diversos. Trata-se de um tema rico que merece ser estudado para que se possa, cada vez mais, entender e estender suas dinâmicas.

A presente investigação procurou apresentar um ponto de situação acerca deste tema na cidade do Porto, focando a sua atenção para os públicos, temas e instituições promotoras. Para investigações futuras, sugere-se não apenas a continuidade deste estudo, com aplicação de questionários mais complexos em grupos oriundos de percursos promovidos por outras instituições, mas, sobretudo, sobre o impacto real da informação disseminada. São os percursos, efetivamente, uma forma de consciencialização acerca do valor do património? São capazes de aumentar o sentido de pertença dos participantes? Como ampliar os seus públicos? De que modo o que é disseminado é reproduzido na comunidade e qual o seu impacto?

Fica a vontade de continuar a investigação.

Referências

- AJHLP. (2020). *Passeios da Memória com Germano Silva*. Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto. <https://ajhlp.pt/2020/08/11/passeios-da-memoria-com-germano-silva/>
- Admin. (2014). Percursos pelo património de Elvas. *Portal Alentejano*.
<https://www.portlalentejano.com/percursos-pelo-patrimonio-de-elvas/>
- Almeida, C. A. F. de. (1998). *Património: O seu entendimento e a sua gestão*. Etnos.
- Amorim, I. (coord), Sá, I. dos G., Araújo, M. M. L. de, Osswald, M. H. C., Cruz, M. A., Almodovar, A., Pereira, V. B., & Teixeira, P. N. de F. L. (2018). *Sob o manto da misericórdia: Contributos para a história da Santa Casa da Misericórdia do Porto*. (I. Amorim (Ed.)). Almedina.
- Araujo, G. (2016). *FALARTE, Um Estudo sobre a comunicação do património*. [Universidade do Porto]. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/87949>
- Azevedo, C. (2019). *Demasiado velho para o digital? Envelhecimento ativo e os usos das TIC por pessoas mais velhas do Brasil e de Portugal*. ICNOVA.
https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/17472875/ICNOVA_DemasiadoVelho.pdf
- Badaró, R. A. de L. (2003). *Direito do turismo: História e legislação no Brasil e no exterior*. Senac.
- Baltazar, H. (2008). *Os turistas no museu: (dis) ou indispensáveis? O caso do Museu Alberto Sampaio em Guimarães*.
- Barber, L. B. (2019). Heritage tours and trails on foot in Hong Kong: Towards a typology that crosses the tourist-local divide. *Journal of Heritage Tourism*, 14(4), 295–307. <https://doi.org/10.1080/1743873X.2018.1510937>
- Bondarenko, O. (2018). *O impacto económico do turismo – O caso da cidade do Porto*. [Universidade do Porto]. <https://hdl.handle.net/10216/116405>
- Braga +. (2020). <https://bragamais.blogspot.com>

- CE. (2002) *Defining, measuring and evaluating carrying capacity in European tourism destination*. University of the Aegean.
- CM-Porto. (2018a). *Freguesias*. Câmara Municipal do Porto. https://www.cm-porto.pt/cidade/freguesias_4
- CM-Porto. (2018b). *Percursos Culturais Out-Dez 2018*. Câmara Municipal Do Porto. <https://www.cm-porto.pt/cultura/agenda/percursos-culturais-out-dez-2018>
- CM-Porto. (2019). *O que há de novo nos museus municipais?* Câmara Municipal do Porto. https://www.cm-porto.pt/cultura/agenda/o-que-ha-de-novo-nos-museus-municipais_2
- Câmara Municipal de S. João da Madeira*. (2020). <https://www.cm-sjm.pt/>
- Cardoso, N. (2018). Roteiro urbano: Caminhar pelo lado mais negro do Porto. *Evasões*. <https://www.evasoes.pt/ar-livre/caminhar-pelo-lado-mais-negro-do-porto/465877/>
- Carta de Cracóvia*. (2000). <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>
- Carta de Lisboa sobre a reabilitação urbana integrada*. (1995). https://www.culturanorte.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/1995__carta_de_lisboa_sobre_a_reabilitacao_urbana_integrada-1o_encontro_luso-brasileiro_de_reabilitacao_urbana.pdf?x58978
- COE (2020a). European Cemeteries Route. <https://cemeteriesroute.eu/european-cemeteries-route.aspx>
- COE (2020b). Programa de los Itinerarios culturales del Consejo de Europa. <https://www.coe.int/es/web/cultural-routes>
- Choay, F. (2006). *A alegoria do patrimônio* (3.ed). Estação Liberdade:Unesp.
- Confraria do Corpo Santo de Massarelos*. (2018). Confraria Corpo Santo Massarelos. <http://confrariacorposantomassarelos.pt>

Convenção de Faro, (2005).

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/ConvencaodeFaro.pdf>

Crespi-Vallbona, M. (2020). Satisfying experiences: guided tours at cultural heritage sites. *Journal of Heritage Tourism*, 1–17.

<https://doi.org/10.1080/1743873X.2020.1771345>

Croes, R., & Semrad, K. J. (2015). The relevance of cultural tourism as the next frontier for small island destinations. *Journal of Hospitality & Tourism Research*, 39(4), 469–491. <https://doi.org/10.1177/1096348013491599>

Cros, H. Du, & McKercher, B. (2015). *Cultural tourism* (2ª). Routledge.

Cunha, L. (2016). *Economia e política do turismo*. Lidel.

Delgado, A. B., & Pazos, A. S. (2013). Interpretação do patrimônio, turismo e gestão de áreas protegidas: Algumas aproximações. *Turismo & Sociedade. Curitiba*, 6(2), 300–323.

DGPC. (2020a). *JEP- Jornadas Europeias do Património*. DGPC.

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/recursos/projectos-de-divulgacao/jep-jornadas-europeias-do-patrimonio/>

DGPC. (2020b). *Os Itinerários Culturais do Conselho da Europa*.

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/participacao-da-dgpc-em-organizacoes-internacionais/os-itinerarios-culturais-do-conselho-da-europa/>

DGPC. (2020c). *DIM | Dia internacional dos museus NEM | Noite Europeia dos Museus*. Património Cultural.

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/recursos/projectos-de-divulgacao/dim-dia-internacional-dos-museus-nem-noite-europeia-dos-museus/>

Dias, F. (2009). Visão de síntese sobre a problemática da motivação turística. *Revista Percursos & Ideias*, 2(1), 117–142.

https://www.researchgate.net/profile/Francisco_Dias/publication/235975514_Visao_de_sintese_sobre_a_problematika_da_motivacao_turistica/links/00b4951517b987ac90000000/Visao-de-sintese-sobre-a-problematika-da-motivacao-turistica.pdf

- Dumont, E. (2006). *Strategic Urban Governance Framework for the Sustainable Management of Cultural Tourism*. European Comission.
<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.715.6407&rep=rep1&type=pdf>
- Eusébio, C., Carneiro, M. J., & Kastenholz, E. (2012). The economic value of cultural tourism: Determinants of cultural tourists' expenditures. Em M. Smith & G. Richards (Eds.), *The routledge handbook of cultural tourism* (pp. 116–126). Routledge.
- Falk, J. H., & Dierking, L. (2002). *Lessons without limit: How free-choice learning is transforming education*. Altamira Press.
- Falk, J. H. (2005). Learning science from museums. *História, ciências, saúde--Manguinhos*, 12, 117–143. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702005000400007>
- Falk, J. H. (2006). An identity-centered approach to understanding museum learning. *Curator*, 49(2), 151–166. <https://doi.org/10.1111/J.2151-6952.2006.TB00209.X>
- Falk, J. H. (2011). Contextualizing Falk's Identity-Related Visitor Motivation Model. *Visitor Studies*, 14(2), 141–157. <https://doi.org/10.1080/10645578.2011.608002>
- FCMP. (2020). *Percursos pedestres*. <http://www.fcmportugal.com/percursos.aspx>
- Felicidade, L. A., & Silva, E. L. da. (2020). Experiência turística em cidades Patrimônio da Humanidade: A interpretação patrimonial e estudo de satisfação do turista cultural em Diamantina/Minas Gerais. Em *Turismo e História – Perspectivas sobre o Patrimônio da Humanidade no Espaço Ibero-Americano* (pp. 173–198). Educs. https://www.researchgate.net/profile/Ana_Campina/publication/344656616_Centro_Historico_do_Porto_Patrimonio_Mundial_da_UNESCO_A_importancia_da_manutencao_identitaria_e_o_seu_controlo_pela_Administracao_Publica/links/5f8720b3458515b7cf808b2f/Centro-Histori
- Fontal, O. (2003). *La educación patrimonial: Teoría y práctica para el aula, el museo e Internet*. Trea.

- Galí-Espelt, N. (2012). Identifying cultural tourism: A theoretical methodological proposal. *Journal of Heritage Tourism*, 7(1), 45–58.
<https://doi.org/10.1080/1743873X.2011.632480>
- Goldenberg, M. (2004). *A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Editora Record.
- Gonçalves, Â. S. C. B. (2013). *Do património cultural aos percursos pedestres - O caso do norte do Conselho de Oliveira do Hospital* [Universidade de Coimbra].
<http://hdl.handle.net/10316/36114>
- Gonçalves, M. G. (2018). Descubra o lado negro do Porto num roteiro assustador. *NIT*.
<https://www.nit.pt/fora-de-casa/na-cidade/descubra-o-lado-negro-da-cidade-do-porto-num-roteiro-assustador>
- Guimarães comemora Dia Internacional de Monumentos e Sítios com diversificado programa cultural. (2015). Eixo Atlântico.
<https://www.eixoatlantico.com/pt/noticias/cultura-e-desporto/818-guimaraes-commemora-dia-internacional-de-monumentos-e-sitios-com-diversificado-programa-cultural>
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade* (9ª). DP & A editora.
- Hargrove, C. M. (2002). Heritage tourism. *CRMMagazine*, 10–11.
<https://hisp323.umwblogs.org/files/2013/09/hargrove-cheryl.pdf>
- Hargrove, C. (2017). *Cultural Heritage Tourism: Five Steps for Success and Sustainability*. Rowman & Littlefield Publishers.
- Hayes, D., & MacLeod, N. (2008). Putting down routes: An examination of local government cultural policy shaping the development of heritage trails. *Managing Leisure*, 13(2), 57–73. <https://doi.org/10.1080/13606710801933420>
- Hayes, D., & MacLeod, N. (2005). Packaging places: maximising the potential of the heritage trail by adopting an experience economy perspective. *8th International Conference of Arts and Cultural Management (AIMAC)*, 1–16.
http://neumann.hec.ca/aimac2005/PDF_Text/HayesD_MacLeodN.pdf

Henriques, E. B. (2010). Itinerários turísticos temáticos e património: Questões críticas para um turismo responsável e humanista. Em M. da G. M. P. S. (org.) (Ed.), *Turismo cultural, territórios e identidades* (pp. 221–234). Edições Afrontamento e Instituto Politécnico de Leiria.

ICOMOS. (1987). *Carta internacional sobre a salvaguarda das cidades históricas*.
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartasobresalvaguardacidadeshistoricas1987.pdf>

ICOMOS. (2008a). *Carta de itinerarios culturales*.
https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/culturalroutes_sp.pdf

ICOMOS. (2008b). The ICOMOS charter for the interpretation and presentation of cultural heritage sites. B. https://www.icomos.org/charters/interpretation_e.pdf

Irmandade dos Clérigos. (2019). *Passo a passo com Germano*. Torre dos Clérigos.
http://www.torredosclerigos.pt/media/filer_public/69/59/69591b13-26ad-4ef0-9a9f-9fe457b3ac7b/passos_a_passo_com_germano_3visita.pdf

Laranjeiro, A. (2019). Fundo de Apoio já trouxe para Portugal mais de 30 filmes. Em *Dinheiro Vivo*. <https://www.dinheirovivo.pt/empresas/fundo-de-apoio-ja-trouxe-para-portugal-mais-de-30-filmes-12808175.html>

Lavrador, R. (2017). Percursos pelo Património de Elvas. *Infocult*.
<https://arquivo.infocul.pt/cultura/percursos-pelo-patrimonio-de-elvas/>

Lei n.º 58/2019, Pub. L. No. Diário da República n.º 151/2019, Série I de 2019-08-08, Regulamento geral de proteção de dados 3 (2019).
<https://data.dre.pt/eli/lei/58/2019/08/08/p/dre>

London Walks. (2020). <https://www.walks.com>

Longman dictionary of contemporary english. (1995). Longman Dictionaries.

Macedo, M. (2016). *Germano Silva é o próximo Doutor Honoris Causa da U.Porto*. Notícias Universidade do Porto. <https://noticias.up.pt/germano-silva-e-o-proximo-doutor-honoris-causa-da-u-porto/>

MacLeod, N., Hayes, D., & Slater, A. (2009). Reading the landscape: The development of a typology of literary trails that incorporate an experiential design perspective.

Journal of Hospitality Marketing & Management.

<http://dx.doi.org/10.1080/19368620802590183>

Martins, A. T. A. (2018). *As organizações do terceiro setor: Estudo de caso na Santa Casa da Misericórdia do Porto*. [Universidade do Porto]. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/117934>

Martorell Carreño, A. (2014). Criterios de comparación entre itinerarios culturales (patrimoniales) y rutas diseñadas. *Turismo y Patrimonio*, 9556(8), 103–114. <https://doi.org/10.24265/turpatrim.2014.n8.08>

Marujo, N. (2015). O estudo acadêmico do turismo cultural. *TuryDes*, 8(18), 1–19. <https://doi.org/290997938>

McKercher, B. (2002). Towards a classification of cultural tourists. *International Journal of Tourism Research*, 4(1), 29–38. <https://doi.org/10.1002/jtr.346>

Miles, S. (2017). Remembrance Trails of the Great War on the Western Front: Routes of heritage and memory. *Journal of Heritage Tourism*, 12(5), 441–451. <https://doi.org/10.1080/1743873X.2016.1242589>

Montepio. (2021). *AMMei - Experiências inesquecíveis*. Montepio. <https://www.montepio.org/vantagens-montepio/experiencias-inesqueciveis/>

Murta, S. M., & Goodey, B. (2002). Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar* (pp. 13–46). UFMG. <http://hdl.handle.net/123456789/2102>

Museu e Igreja da Misericórdia do Porto. (2021). MMIPO. <http://www.mmipo.pt>

Nagy, K. (2012). Heritage tourism, thematic routes and possibilities for innovation. *Theory Methodology Practice (TMP)*, 8(01), 46–53. https://www.researchgate.net/publication/235753224_Heritage_Tourism_Thematic_Routes_and_Possibilities_for_Innovation

Nakashima, S. K., & Calvente, M. del C. M. (2016). A história do turismo: Epítome das mudanças. *Turismo e Sociedade*, 9(2), 1–20.

Neto, M. (2016). *A problemática do saber*. Palimagem.

- Paris Walks*. (sem data). <https://www.paris-walks.com>
- Pérez, X. (2009). Turismo cultural – Uma visão antropológica.
<http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEdita2.pdf>
- Percorrer Lisboa*. (2016). Museu de Lisboa. http://www.museudelisboa.pt/exposicoes-actividades/detalhe/news/percorrer-lisboa.html?tx_news_pi1%5Bcontroller%5D=Event&tx_news_pi1%5Baction%5D=eventDetail&cHash=b1668c43be92c88f209a234a7eb547d9
- Percursos pelo património de Elvas dão a conhecer boas práticas. (2019). *Diário Campanário*. <https://www.radiocampanario.com/ultimas/agenda-cultural/percursos-pelo-patrimonio-de-elvas-dao-a-conhecer-boas-praticas>
- Pina, P. (2020). Há novas imagens das gravações de “La Casa de Papel” em Lisboa. Em *NIT*. <https://www.nit.pt/cultura/televisao/ha-novas-imagens-das-gravacoes-de-la-casa-de-papel-em-lisboa>
- Pinheiro, A. E. (2007). Itinerários culturais: Viajando pela história. *Máthesis*, 16, 217–228.
- Pinto, L. P. V., & Santos, T. C. dos. (2011). Porto, património mundial – A classificação e a intervenção. Encontra-se o título "Porto, Património Mundial" em risco? Em Faculdade de Letras - Departamento de Ciências e Técnicas do Património (Ed.), *Actas do seminário centros históricos: passado e presente* (pp. 221–244). Universidade do Porto. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9150.pdf>
- Porto Vivo SRU*. (2020). <http://www.portovivosru.pt>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. van. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais* (4ª). Gradiva.
- Ramires, A., Sousa, A. C., & Brandão, F. (2014). O perfil do turista do Porto: uma perspectiva cultural. In *Porto as a tourism destination* (pp. 73–88). Cepese. <https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/porto-as-a-tourism-destination>

- Rebelo, A. (2018). Governo aposta no cinema para atrair mais turismo. Em *Dinheiro Vivo*. <https://www.dinheirovivo.pt/economia/governo-aposta-no-cinema-para-atrair-mais-turismo-12792816.html>
- Richards, G. (2000). Tourism and the World of Culture and Heritage. *Tourism Recreation Research*, 25(1), 9–17.
<https://doi.org/10.1080/02508281.2000.11014896>
- Richards, G. (2011). Cultural tourism trends in Europe: a context for the development of cultural routes. In Khovanova-Rubicondo (Ed.), *Impact of european cultural routes on SME's innovation and competitiveness*. (pp. 21–39). Council of Europe Publishing.
https://www.academia.edu/2390970/Tourism_trends_Tourism_culture_and_cultural_routes
- Richards, G. (2013). Cultural tourism. Em *Routledge handbook of leisure studies* (pp. 483–492). Taylor and Francis. <https://doi.org/10.4324/9780203140505.ch41>
- Richards, G. (2018). Cultural tourism: a review of recent research and trends. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 36, 12–21.
<https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2018.03.005>
- Richards, G., & Ark, A. (2013). Dimensions of cultural consumption among tourists: Multiple correspondence analysis. *Tourism Management*, 37, 71–76.
<https://doi.org/10.1016/j.tourman.2013.01.007>
- Riegl, A. (2013). *O culto moderno dos monumentos e outros ensaios estéticos*. Edições 70.
- Rocha, G. (2014). Fundação para o Desenvolvimento da Zona Histórica do Porto vai dar lugar a bolsa para política social. *RTP Notícias*.
https://www.rtp.pt/noticias/pais/fundacao-para-o-desenvolvimento-da-zona-historica-do-porto-vai-dar-lugar-a-bolsa-para-politica-social_a744375
- Rocha, M. I. M. (2017). *Dinâmicas recentes e urbanismo na Baixa do Porto* [Universidade do Porto]. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/108796/2/230202.pdf>

- Rosa, A. M. (2016). *A comunicação e o fim das instituições – Das origens da imprensa aos novos media* (2ªEd.). Media XXI.
- s/a. (2006). «Passeios de Setembro» à descoberta do liberalismo. *JN*.
<https://www.jn.pt/arquivo/2006/passeios-de-setembro-a-descoberta-do-liberalismo-567504.html>
- Santos, F. (2010). Turismo e transfigurações culturais: Turismo cultural, Territórios e identidades. Em *Turismo cultural, territórios e identidades* (pp.39-62). Edições Afrontamento e Instituto Politécnico de Leiria.
- SCMP. (2015). *Relatório e contas 2015*.
[https://www.scmp.pt/assets/misc/img/noticias/relatorio e contas 2015/AF_SCMP relatorio e contas 2015.pdf](https://www.scmp.pt/assets/misc/img/noticias/relatorio_e_contas_2015/AF_SCMP_relatorio_e_contas_2015.pdf)
- SCMP. (2019). *Relatório de gestão e contas 2019*.
<https://www.scmp.pt/assets/misc/Documentos Estratégicos/realatorio de gestão 19/MP relatorio contas 2019-compactado.pdf>
- SCMP. (2021). *Santa Casa da Misericórdia do Porto*. SCMP. <http://scmp.pt>
- Semedo, A., Ganga, R., & Oliveira, C. (2018). *Visitar museus e monumentos: Um estudo piloto de fatores motivacionais*. CITCEM. <https://doi.org/10.21747/978-989-8351-99-9/vis>
- Silberberg, T. (1995). Cultural tourism and business opportunities for museums and heritage sites. *Tourism Management*, 16(5), 361–365.
[https://doi.org/10.1016/0261-5177\(95\)00039-Q](https://doi.org/10.1016/0261-5177(95)00039-Q)
- Silva, O. V. da, & Kemp, S. R. A. (2008). A evolução histórica do turismo: Da antiguidade clássica a revolução industrial - século XVIII. *Revista Científica Eletrônica de Turismo*, 9.
http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/ICDQdUloe9pbXyB_2013-5-22-15-51-11.pdf
- Smith, L. (2014). Visitor emotion, affect and registers of engagement at museums and heritage sites. *Conservation Science in Cultural Heritage*, 14(2), 125–132.
<https://doi.org/doi.org/10.6092/issn.1973-9494/5447>

- Smith, M. (2003). *Issues in cultural studies* (1ª). Routledge.
- Soares, E. (2019). Porto reconheceu 75 lojas “históricas”: 62 já receberam a placa das mãos de Rui Moreira. *Idealista.pt*.
<https://www.idealista.pt/news/imobiliario/lojas/2019/01/29/38614-porto-de-tradicao-reconheceu-75-lojas-historicas-62-ja-receberam-a-placa-das-maos-de-rui>
- SRNOM. (2019). *Ciclo de Visitas | Portugal revisitado com Joel Cleto*. Ordem dos Médicos Secção Regional Norte. <https://nortemedico.pt/ciclo-de-visitas-portugal-revisitado-com-joel-cleto-5-outubro-ldquo-a-cidade-e-as-serras-ndash-do-porto-a-tormes-com-eca-de-queiroz-rdquo>
- Stebbins, R. A. (1996). Cultural tourism as serious leisure. *Annals of Tourism Research*, 23, 948–950. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(96\)00028-x](https://doi.org/10.1016/0160-7383(96)00028-x)
- Stylianou-Lambert, T. (2011). Gazing from home: Cultural tourism and art museums. *Annals of Tourism Research*, 38(2), 403–421.
<https://doi.org/doi:10.1016/j.annals.2010.09.001>
- Tacitus património e história*. (2021). PH Tacitus. <https://www.ph-tacitus.pt>
- Tavares, A., Silva, F. R. da, & Castro, L. (2015). *Roteiro do Museu da Misericórdia do Porto*. Santa Casa.
- Tilden, F. (1977). *Interpreting our heritage* (3ª). Chapel Hill.
- Timothy, D. J., & Boyd, S. (2006). Heritage tourism in the 21st century: valued traditions and new perspectives. *Journal of Heritage Tourism*, 1(1), 1–16.
<https://doi.org/10.1080/17438730608668462>
- Timothy, D. J., & Boyd, S. W. (2015). *Tourism and trails: Cultural, ecological and management issues*. Channel View Publications.
- UNESCO. (1954). *Convenção de Haia*.
- UNESCO. (1966). *Declaração dos princípios da cooperação cultural internacional*.
<http://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/decl-coopcultural.pdf>
- UNESCO. (1993). *World Heritage List*. <https://whc.unesco.org/en/list/669>

- UNESCO. (2001). *Convenção sobre a proteção do património cultural subaquático*.
- UNESCO. (2003). *Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial*.
- UNRIC. (2021). *História da ONU*. www.unric.org/pt/historia-da-onu/
- UNWTO. (2020). Tourism and culture. <https://www.unwto.org/es/tourism-and-culture>
- Urry, J., & Larsen, J. (2011). *The tourist gaze 3.0*. Sage.
- Valle, G. Del. (2019). Game of Thrones tourism is wildly popular — and not just because the show is a hit. *Vox*. <https://www.vox.com/the-goods/2019/4/4/18293965/game-of-thrones-tourism-croatia-iceland-ireland-spain>
- Yáñez, C. M. (2010). Los itinerarios culturales: caracterización y desafíos de una nueva categoría del patrimonio cultural mundial. *Apuntes*, 23(2), 194 a 209. https://www.researchgate.net/publication/277264081_Los_itinerarios_culturales_caracterizacion_y_desafios_de_una_nueva_categoria_del_patrimonio_cultural_mundial
- Wall, G. (1997). Tourism attractions: Points, lines, and areas. *Annals of Tourism Research*, 24(1), 240–243. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(96\)00039-4](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(96)00039-4)
- Weiler, B., & Walker, K. (2014). Enhancing the visitor experience: Reconceptualising the tour guide's communicative role. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 21, 90–99. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1016/j.jhtm.2014.08.001>
- Weiler, B., & Black, R. (2015). The changing face of the tour guide: one-way communicator to choreographer to co-creator of the tourist experience. *Tourism Recreation Research*. <https://doi.org/10.1080/02508281.2015.1083742>
- WP. (sem data). *Percursos pedestres*. http://www.walkingportugal.com/b_paginas_globais/WalkingPortugal_busca_regional.html

Anexos

Anexo A

Fatores Motivacionais Citados no Texto

Quadro A1

Fatores Motivacionais: Dimensões e Categorias

FATORES MOTIVACIONAIS: DIMENSÕES E CATEGORIAS			
DAVIES & BEEHI 1997; HOOPER-GREENHILL, 1994; PRENTICE et al. 1997; SLATER 2007; THYNE 2001; PASWAN & TROY 2004; SCOTT 2006; CROMPTON & MACKEY 1997; BATTACHARAYA et al. 1995			
<i>Aprendizagem e Descoberta</i>	<i>Escapismo</i>	<i>Interação social e familiar</i>	<i>Respeito e admiração / Autorrealização</i>
Descobrir mais sobre...	Fugir às responsabilidades cotidianas	Ter tempo de qualidade com família / amigos	Valorização social da visita (algo que temos que fazer)
Ver algo novo	Mudança agradável em relação às rotinas diárias	Ter “experiências” / vivenciar algo com família / amigos	Contar a outros a visita
Explorar novos lugares	Aliviar stress e tensão	Trazer a minha família / amigos	Algo que temos de fazer
Obter autorrealização a partir da aprendizagem	Fugir à agitação das atividades cotidianas	Passar tempo com a minha família / amigos Interagir com outras pessoas	Aprovação social
Entretenimento e educação (<i>edutainment</i>)	Oportunidade para descansar e descontraír	Fazer alguma coisa com outras pessoas	Sentido de identidade cultural

Visita ao museu como forma de aprender	Dia de passeio	Diversão e prazer	Experiência do passado
Satisfazer a curiosidade Interesse geral e curiosidade	Preencher o tempo livre		Procura de um sentimento de pertença
Experimentar algo novo Atividade estimulante	Fazer algo diferente		

Fonte: Semedo *et al.* (2018, pp. 106-107)

Quadro A2

Relações entre Fatores Motivacionais de Falk (2011) e Semedo et al. (2018)

Exploradores (Aprendizagem e descoberta)	Curiosos, com interesse genérico no conteúdo do espaço para aprendizagem.
Facilitadores (Interação Familiar)	Centram-se principalmente em permitir a aprendizagem daqueles que o acompanham na visita.
Profissionais/ Amadores (Aprendizagem e descoberta)	têm forte interesse no conteúdo, como professores e pesquisadores, têm um objetivo específico
Colecionadores de experiência (respeito e admiração)	têm o desejo de ver e experimentar um lugar que considere importante, ainda que pelo simples fato de terem estado lá.
Recarregadores de energia (Escapismo)	introspectivos, buscam espaços culturais para reflexão e refúgio

Fonte: Autoria própria com base nos autores citados.

Anexo B

Fons Vitae (Fonte da Vida)

Figura B1 Fons Vitae (Fonte da Vida) - Atribuído a Colijn de Coter



Nota. Fons Vitae (Fonte da Vida), atribuído a Colijn de Coter, Óleo sobre madeira carvalho, C. 1515-1517, Coleção SCM. Foto: SCMP

Anexo C

Imagens das Visitas D'Autor

Figura C1 Joel Cleto em uma Visita d'Autor



Fonte: Imagem cedida pelo MMIPO.

Figura C2 Germano Silva em uma Visita d'Autor



Fonte: Imagem cedida pelo MMIPO.

Apêndices

Apêndice A

Definições de Turismo Cultural

Definição	Fonte
“Um tipo de atividade turística em que a motivação essencial do visitante é aprender, descobrir, experimentar e consumir atrações culturais tangíveis e intangíveis do destino turístico.”	UNWTO (2020)
“Forma de turismo que tem por objetivo, entre outros fins, o conhecimento de monumentos e sítios históricos-artísticos.”	ICOMOS (1976, p.182)
“Todos os movimentos de pessoas para atrações culturais específicas, como locais de património, manifestação artísticas e culturais, artes e teatro fora de seu local normal de residência”	Greg Richards (1996)
“Uma forma de turismo que se baseia nos bens culturais de um destino e os transforma em produtos que podem ser consumidos por turistas”	McKercher & Cros (2015, p.5)

Fonte: Elaboração própria com base nos autores citados.

Apêndice B

Tipologias de Turistas Culturais

Autor:	Forma de classificação	Classificação dos turistas culturais:
Ashworth e Tunbridge (1990, como citado em Pérez, 2009, p.125)	Abordagem binária	-turistas culturais intencionais (com motivação cultural primária) e turistas culturais incidentais (não apresentam uma motivação cultural primária em direção aos recursos culturais do destino turístico);
Stebbins (1996, pp.949-950)	Abordagem binária	-turista cultural geral (acumula conhecimento superficial sobre vários locais) e turista cultural especializado (interesse em locais específicos, busca um profundo entendimento cultural do local).
Silberberg (1995, p.362)	Diferentes graus de motivação cultural	-turistas altamente motivados pela cultura: viajam para uma cidade especificamente por causa de alguma oportunidade cultural; turistas parcialmente motivados pela cultura: aliam uma oportunidade cultural a outra razão, como visitar parentes; -turistas culturais auxiliares: a cultura não é a motivação principal, mas, uma vez no destino, planeiam visitar atrações culturais; -turistas culturais acidentais: quando viajam para um destino, não pretendem ir a uma atração cultural, mas, por alguma razão, terminam por consumir um produto cultural (por incentivo de parentes ou fácil deslocamento ao espaço cultural);

		- turistas que não visitariam uma atração cultural em hipótese nenhuma.
McKercher (2002, p.122)	Divisão em grupos, com base na importância da cultura como motivador de viagens e na profundidade da experiência no destino	-turista cultural proposital (alta centralidade/ experiência profunda): a cultura e o património são a principal razão de escolha do destino. Experiência cultural profunda; -turista cultural turístico (alta centralidade/ experiência superficial): aprender sobre a cultura e o património são a principal razão para visitar um destino. No entanto, a experiência é superficial; -turista cultural accidental (centralidade modesta/ experiência profunda): turista que não viaja por turismo cultural, mas enquanto lá visita atrativos culturais e acaba tendo uma experiência profunda; -turista cultural casual (centralidade modesta / experiência rasa): a cultura é menos importante na decisão de visitar, e esses turistas não se envolvem profundamente enquanto estão no destino; -turista cultural incidental (centralidade baixa / experiência superficial): turismo cultural desempenha um papel pouco significativo no processo de escolha do destino, ainda assim a pessoa participará de atividades de turismo cultural. No entanto, terá uma experiência pouco profunda.

Fonte: Elaboração própria com base nos autores citados.

Apêndice C

Domínios da Mediação Turística Segundo Weiler & Black

	Domínios:	Função:
1	Acesso físico à intermediação (<i>brokering physical access</i>)	Estar no local certo e na hora certa; Introduzir turistas em cenários reais; Proporcionar oportunidade de experimentar histórias locais, música e comida;
2	Encontros de intermediação (<i>brokering encounters</i>)	Mediar a interação social entre os visitantes e a comunidade anfitriã; Fazer a tradução linguística;
3	Entendimento da intermediação (<i>brokering understanding</i>)	Intermediar o acesso intelectual; Ser mediador intercultural; Facilitar a compreensão de valores culturais do local visitado;
4	Empatia de intermediação (<i>brokering empathy</i>)	Ajudar os visitantes a criarem empatia, afinidade e simpatia não só por pessoas e culturas, mas pelo local visitado e suas paisagens; Gerar uma experiência estética positiva;

Fonte: Weiler & Black (2015, pp. 3-5).

Apêndice D

Classificação de Corredores Lineares Segundo Timothy e Boyd (2015):

Critérios	Classificação
Tipos	Trilhos: Percurso visível, evidente no solo, originado num percurso primário usado em transporte ou viagem, seja em zonas rurais ou nas cidades; Rotas: Percurso mais abstrato, que liga características naturais ou culturais semelhantes, com base em um tema; Percursos cênicos / estradas cênicas: Estradas e autoestradas que atravessam áreas naturais e culturais pitorescas de elevado valor estético; Vias verdes: corredores abertos que conectam parques, lugares históricos e povoados; naturais (rios ou cadeias de montanhas) ou criados pelo homem (caminhos-de-ferro, estradas panorâmicas, ciclovias); recreativas, ecológicas ou patrimoniais / culturais; Circuitos: Rotas populares utilizadas por mochileiros ou circuitos turísticos que ligam cidade e sítios famosos (roteiros turísticos oferecidos por agências de viagens);
Cenário	Desértico / periférico, rural, franja rural-urbana, e urbana;
Duração	Poucas horas ou muitos dias;
Escala	Física: mega, binacional, multinacional, nacional, regional ou local; De interesse: global, nacional, local ou pessoal;

Fundamentação	Cultura e património, natureza ou misto;
Administração	Propriedade única, parcerias; público ou privado;
Quanto à origem	Organicamente evoluídas: rotas comerciais, de migração, religiosas e de peregrinação, de garimpo; Intencionalmente criadas: caminhos de ferro, redes de canais, fronteiras internacionais e fronteiras relíquias (Muro de Berlim, Muralha da China), e percursos de variados temas (jardins históricos, indústria, literatura / música / cinema, gastronomia, vinhos etc).

Fonte: Timothy e Boyd (2015, pp.3-16).

Apêndice E

Classificação das Rotas Segundo seus Objetivos:

Categoria:	Objetivo:
De relato ou de lugar	destacam a importância do local visitado, sua história e características;
Didáticas	visam o aprendizado de algum tema específico;
Turísticas ou recreativas	buscam uma experiência gratificante e interação entre participantes;
Cognitivas	desenhadas para explicar um processo natural ou sociocultural.

Fonte: Serantes (como citado em Delgado & Pazos, 2013, pp. 308-309).

Apêndice F

Relação dos Itinerários Culturais do Conselho da Europa e Ano de Certificação.

Itinerários Culturais	Ano de certificação
Rotas de Peregrinação do Caminho de Santiago de Compostela (<i>Santiago de Compostela Pilgrim Routes</i>)	1987
Liga Hanseática (<i>The Hansa</i>)	1991
Rotas Viking (<i>Viking Route</i>)	1993
Via Cássia (<i>Via Francigena</i>)	1994
Rotas da Andaluzia (<i>Routes of El legado andalusí</i>)	1997
Rota dos Fenícios (<i>Phoenicians' Route</i>)	2003
Rota de Ferro dos Pirenéus (<i>Iron Route in the Pyrennes</i>)	2003
A Grande Viagem de Mozart (<i>European Mozart Ways</i>)	2004
Rota do Património Judeu na Europa (<i>European Route of Jewish Heritage</i>)	2004
Caminho de São Martinho de Tours (<i>Saint Martin Tours Route</i>)	2005
Sítios da Ordem de Cluny (<i>Cluniac Sites in Europe</i>)	2005
Rotas da Oliveira (<i>Routes of the Olive Tree</i>)	2005
VIA REGIA (<i>Via Regia</i>)	2005
TRANSROMANICA (<i>Transromanica</i>)	2007
Rota Iter Vitis (<i>Iter Vitis Route</i>)	2009
Rota das Abadias Cistercienses (<i>European Route of Cistercian Abbeys</i>)	2010
Rota dos Cemitérios Europeus (<i>European Cemeteries Route</i>)	2010
Percursos Prehistóricos de Arte Rupestre (<i>Prehistoric Rock Art Trails</i>)	2010
Rota das Termas (<i>European Routes of Historic Thermal Towns</i>)	2010
Rota dos Caminho de Santo Olavo (<i>Routes of Saint Olav Ways</i>)	2010
Rota da Cerâmica (<i>European Route of Ceramics</i>)	2012
Rota da Cultura Megalítica (<i>European Route of Megalithic Culture</i>)	2013

Percurso dos Huguenotes e Valdenses (<i>Huguenot and Waldensian Trail</i>)	2013
Atrium - Arquitetura dos Regimes Totalitários na Memória Urbana do Século XX (<i>ATRIUM – Architecture of Totalitarian Regimes of the 20th Century in Europe’s Urban Memory</i>)	2014
Rede da Arte Nova (<i>Réseau Art Nouveau Network</i>)	2014
Via dos Habsburgo (<i>Via Hasburg</i>)	2014
Rota dos Imperadores Romanos e Vinhos no Danúbio (<i>Roman Emperors and Danube Wine Route</i>)	2015
Na caminhada de Robert Louis Stevenson (<i>In the Footsteps of Robert Louis Stevenson</i>)	2015
Destino Napoleão (<i>Destination Napoleon</i>)	2015
Rotas do Imperador Carlos V (<i>European Routes of Emperor Charles V</i>)	2015
Rota das Cidades Fortificadas da Grande-Região Luxemburguesa (<i>Fortified Towns of the Grande Region</i>)	2016
Via Charlemagne (<i>Via Charlemagne</i>)	2018
Rotas dos Impressionismos (<i>Impressionism Routes</i>)	2018
Rota da Cortina de Ferro (<i>Iron Curtain Trail</i>)	2019
Rota Europeia da Libertação (<i>Liberation Route Europe</i>)	2019
Rota Europeia do Património Industrial (<i>European Route of Industrial Heritage</i>)	2019
Destinos Le Corbusier: Percursos arquitetónicos (<i>Le Corbusier Destinations: Architectural Promenades</i>)	2019
Rotas da Reforma Protestante (<i>Routes of Reformation</i>)	2019
Rota Europeia dos Jardins Históricos (<i>European Route of Historic Gardens</i>)	2020
Via Romea Germanica	2020

Fonte: COE, 2020.

Apêndice G

Critérios de classificação de Martorell Careño

	Itinerários culturais	Rotas desenhadas
Por origem	São preexistentes à intenção de interpretação e patrimonialização (e de uso turístico); Resultante de um processo histórico; Compreende não o traçado físico, mas também o repertório de edifícios que integram o itinerário; A vigência desses caminhos é concreta e anterior à sua valorização como património;	Criadas a partir de algum fio temático histórico, patrimonial ou territorial; Criadas em torno de eventos como festivais, ritos populares ou fantasia (literária, por exemplo);
Por sua natureza	O traçado segue a sua lógica de funcionamento e a interrelação entre os usuários e o espaço; Incorpora elementos funcionais criados pelo homem (pontes, túneis etc); A distância entre paragens está relacionada com a natureza histórica do deslocamento;	O traçado e seus pontos de paragem seguem o critério de quem as criou; Não inclui bens por razões funcionais, mas por critérios atuais;
Por seu conteúdo	Contém elementos próprios, associados à sua funcionalidade (como hospitais, alojamentos, sistemas de irrigação, fortes e outros testemunhos do uso humano);	O conteúdo é decidido por seu criador, e pode conter elementos patrimoniais que são intencionalmente interligados para atender a uma proposta narrativa;

Por sua patrimonialidade	Suas componentes integram um todo unitário;	Pode integrar arbitrariamente bens que não estiveram ligados historicamente;
Por seus objetivos	Investigação histórica e sua preservação;	Prazer e geração de renda às populações locais;
Por sua extensão	Possui limites históricos;	Não tem limites;
Por sua gestão	Geralmente geridos por comitês, devem ter um caráter unitário;	Geridos pela atividade turística;
Pelo tipo de atividades permitidas	Ações compatíveis com o interesse de conservação;	De acordo com regras locais;
Por sua população	Ampla e por vezes distante geograficamente;	Participativo em relação ao turismo;
Por sua informação e apresentação	Deve dar destaque à sua unicidade e a processos históricos de comunicação e movimento de pessoas; Uso de centros de interpretação;	Deve dar destaque aos bens vinculados a sua história;
Por sua duração	Não possui data de validade;	Segue os critérios do mercado, uma rota pode ser substituída por outra que se mostre mais atraente;
exemplos	Qhapaq Nan - Caminho Principal Andino, Caminho de Santiago, Rota do incenso;	Rota de Don Quijote;

Fonte: Martorel Carreño (2014, p.107).

Apêndice H

Promotores de Percursos Pedestres

Nome do programa	Local	Descrição e endereço eletrónico
London Walks	Londres	http://www.walks.com
Paris Walks	Paris	https://www.paris-walks.com
Entreé to Black Paris	Paris	http://www.pariswalks.com
Percursos Brácaros	Braga	Atividades realizadas pelo Braga+ desde 2013. http://bragamais.blogspot.com
Percursos pelo Património	Elvas	Atividades realizadas desde 2014. https://www.cm-elvas.pt/event/percursos-pelo-patrimonio/
A Muralha	Guimarães	Visitas guiadas e percursos temáticos pela cidade. https://www.muralha.org/agenda.html
Circuitos do Património Industrial de S. João da Madeira	São João da Madeira	Circuitos para promover o património industrial da região. https://www.cm-sjm.pt
Percorrer Lisboa	Lisboa	Criado há pelo menos 5 anos, com foco na história local e seus personagens. https://www.museudelisboa.pt
Museu do Aljube Resistência e Liberdade	Lisboa	Percursos com temática política. https://www.cm-sjm.pt
Itinerários Acessíveis	Portugal	Percursos por todo país. https://www.visitportugal.com/pt-pt/experiencias/turismo-acessivel?page=1

Percursos Pedestres	Guimarães	Percursos por pontos turísticos de Guimarães. https://www.guimaraesturismo.com/pages/124
Percursos Pedestres de Braga	Braga	Rede de percursos pedestres de Braga, ligados à história e à natureza. https://www.cm-braga.pt/pt/0201/home/destaques/item/item-1-6823
Percursos Pedestres de Tavira	Tavira	O site da Câmara oferece, ocasionalmente, percursos pela cidade. https://www.cm-tavira.pt/site/content/turismo-percurso/percursos
COM-TEMPL.-ARTE	Tomar	Disponibiliza uma série de opções de percursos com foco em arte contemporânea. http://www.cm-tomar.pt/index.php/pt/visitar-2/o-que-visitar#com-templ-arte
Percursos Pedestres	Porto-de-Mós	Oferece sugestões de percursos a serem realizados de modo auto-guiado, a partir de mapas, áudios e dados detalhados. https://www.municipio-portodemos.pt/pages/1022
Visitas D'Autor	Porto	Desde 2006 realiza as Visitas D'Autor, temáticas e guiadas. https://www.mmipo.pt/pt-pt/atividades/visitas-dautor-21
Visitas Orientadas da Confraria do Corpo Santo de Massarelos	Porto	Desde 2013 realiza percursos pela cidade e visitas guiadas. http://confrariacorporosantomassarelos.pt
Irmandade dos Clérigos	Porto	Realiza o programa Passo a Passo – O Porto com História.

		http://www.torredosclerigos.pt/pt/
Grupo Romper os Sapatos	Porto	Desde 1996 reúne professores e amigos para passeios guiados pela cidade. https://www.facebook.com/groups/429684090431423/
CMP	Porto	Entre 2013 e 2020 realizou os Percursos Culturais de modo regular. Em caráter mais esporádico, promove uma série de atividades pedestres para promoção do património em períodos festivos. https://www.cm-porto.pt

Fonte: Autoria própria com base em informações disponibilizadas nos sites referidos na tabela.

Apêndice I

Entrevistas

Entrevista Germano Silva

Data: 7/09/2020

Horario: 10h

Local: Café Bogatti (escolha dele)

Entrevista gravada com aplicativo Dictafone do iPhone.

Silvia Resende: Como começaram os percursos culturais na cidade? Você guiou o primeiro, como algumas pessoas afirmam?

Germano Silva: Isso começou nos anos 60, mais ou menos, do século passado. Havia no Porto uma cooperativa cultural e chamada Erva Daninha. Essa cooperativa era formada por várias pessoas, professores, jornalistas, gente das canções, do cinema, e a uma altura que nós costumávamos frequentar num determinado café, que já não existe, que era na Praça Dom João I. Um dia saímos e começamos a conversar e falar sobre a cidade. E daí surgiu a ideia de fazer passeios culturais. Começamos a fazer esses passeios, alguns temáticos. Por exemplo, visitar onde eram os cafés antigos, como funcionavam os cafés. No princípio do século 20, eles tinham orquestras, cantores, havia animação. Havia uma espécie de desafio num café na Avenida dos Aliados, com um grupo que cantava um determinado tipo de canções, e na semana seguinte, noutra café, noutra parte da cidade respondiam àquele. O povo andava de um lado para o outro, ouvia este e ouvia aquele. De maneira que nós começamos a fazer visitas de cafés...

(SR): Então eu posso dizer que o primeiro percurso foi “O Porto dos Cafés”, que é um percurso se que faz até hoje?

(GS): Exatamente, foi o percurso dos cafés. E depois começaram a surgir outros temas para passeios. Por exemplo, as datas históricas como o 31 de Janeiro, que foi a primeira Revolução Republicana aqui no Porto. Depois, os nomes de ruas que tinham a ver com a República... E começaram a fazer esses passeios. A Erva Daninha durou dois anos. Acabou em 68, 69. Entretanto, a seguir ao 25 de Abril começaram a surgir outras ideias.

(SR): E era sempre você quem fazia?

(GS): Não... havia várias pessoas. Havia o itinerário dos teatros, pois no Porto havia muitos teatros: teatros públicos e as casas da burguesia que tinham teatros privados. Fazia-se, assim, muitas coisas e não era só eu que fazia. Havia outras pessoas.

(SR) Nesse caso, vocês combinavam um tema e a pessoa com mais afinidade ficava com aquele tema e pesquisava pra fazer?

(GS) Exatamente. Procurávamos um tema que abordasse assuntos que as pessoas normalmente não conheciam. Por exemplo, o abastecimento de água à cidade do Porto começou no século XVI. A cidade vinha buscar a água aqui ao Jardim da Arca D'água. No século XVI, isso ficava muito longe da cidade, que era um povoado a volta das Sé. Depois, no século XVIII e XIX, eles fizeram galerias subterrâneas para água vir até aqui. Fomos visitar estas galerias. Começamos aqui na Arca D'água, nas nascentes, por baixo da terra, em canais subterrâneos, íamos até a Praça dos Leões. Esse foi um percurso que atraía muita gente. E aquilo é difícil de fazer, porque é preciso um funcionário das Águas do Porto para conduzir. Fizemos passeios muito interessantes.

(SR) E quem eram as outras pessoas que guiavam esses percursos?

(GS) As outras pessoas eram: um professor, que já morreu. O outro era um arquiteto, também já morreu.

(SR) Só quem ficou fazendo passeios foi você?

(GS) Sim. A partir de 25 de abril esses passeios começaram praticamente a institucionalizarem-se. E a uma dada altura a Câmara chama para ela a organização desses passeios.

(SR) Isso em...?

(GS) Em 75 e 76.

(SR) Então em 1976 a Câmara do Porto já começa a fazer os passeios? E já era você quem guiava?

(GS) Sim, mas havia outras pessoas. Luís Miguel Duarte, da Faculdade de Letras, o Júlio Couto, que já morreu, o Helder Pacheco... Havia um grupo que organizava esses passeios, normalmente gente que se dedicava ao estudo da história do Porto, que estavam a publicar crônicas nos jornais. A Câmara os conhecia, então propôs a realização desses passeios. Mas depois, mais tarde, isso começou a institucionalizar-se e depois outras empresas já começaram a fazer os passeios.

(SR) Mas isso já vem depois...

(GS) Sim, sim. E inclusivamente há empresas que organizam... por exemplo... Para o lançamento de um medicamento, um laboratório inglês que tem uma sucursal em Matosinhos quis fazer um passeio para oferecer aos médicos. Depois o produto foi apresentado no hotel, mas antes fizeram comigo o passeio pela cidade. Quer dizer, começou a tornar-se uma coisa institucional.

(SR) Um produto cultural mesmo...

(GS) Sim, sim. Além destes passeios que faço para Jornal de Notícias e para Associação dos Jornalistas. Tenho feito passeios para grupos pequenos. Por exemplo, cursos médicos que fazem agora 20 anos. Normalmente isso parte da amizade. Eu conheço médicos que me procuram e dizem 'nós gostamos de fazer isso', me pedem e eu faço aquela coisa toda. Eu dou o tema. Pros médicos, fizemos um passeio pelo Porto medieval, onde havia hospitais naquela época, que eram albergarias. A palavra hospital na Idade Média não tem o mesmo significado que tem hoje. Hospital hoje é o sítio onde nós vamos para curar uma doença. Naquele tempo hospital era hospedaria de peregrinos. A cidade andava cheia de peregrinos como hoje há turistas. Os turistas hoje são os peregrinos dos tempos modernos, que vem à procura de cultura, e de conhecer coisas novas.

(SR) Quais são as empresas que te procuram para fazer passeios?

(GS) Eu não faço isso por dinheiro!

(SR) Você não cobra?

(GS) Não, não! Eu não vivo disso! Eu faço para a Associação dos Jornalistas porque eu sou parte da Associação e mal era se cobrasse dinheiro. Faço para o Jornal de Notícias, com a FNAC, também não cobro. Já fiz para a Irmandade dos Clérigos, também. Há um tipo de passeio que fazia para a FNAC e para Irmandade dos Clérigos, que era acompanhado por um rancho folclórico, que se adaptava aos temas e fazia atuações. Fazia três ou quatro atuações durante o percurso. Isso no tempo dos turistas tinha muito sucesso, porque o rancho folclórico, ali, no Terreiro da Sé, a fazer uma exibição... Os turistas vinham normalmente à procura.

(SR) Quais são as empresas para quem você faz passeios atualmente?

(GR) Eu hoje faço para a Santa Casa da Misericórdia e para a Associação dos Jornalistas.

(SR) Em relação ao conteúdo, como você organiza suas ideias? Você faz um roteiro? Tem isso guardado? Tem anotações? Aonde você se inspira, onde você vai buscar essas informações?

(GS) Eu ando a estudar a história do Porto há mais de 60 anos. Eu tenho muita documentação sobre o Porto que vou colocar lá embaixo, porque tem que ficar ao serviço da população, na Casa do Infante, no arquivo da cidade. Eu estou constantemente a encontrar coisas na leitura dessas comunicações. Ainda ontem fui jantar à casa de um amigo que é professor de história e a mulher dele também é professora de história e estivemos ali a trocar coisas sobre Porto. Ando há muito anos à procura e como sou jornalista... A minha profissão é jornalista e os jornalistas são contadores de histórias. Os professores catedráticos diziam que a minha vantagem em relação a eles é que eles escrevem sobre factos e eu conto histórias. Nessa diferença é que está o êxito: contar histórias. Porque as pessoas querem é histórias! Se eu contar a história do Mosteiro de Monchique, um mosteiro lá abaixo, junto ao rio... Ninguém conhece o mosteiro, só o conhecem porque o Camilo Castelo Branco mete-o no (livro) Amor de Perdição. Senão ninguém sabia. Foi construído pela iniciativa privada. Um casal que não tinha filhos e que fez uma promessa. Podemos contar esta história assim, uma história vulgar. Mas se eu contar que no século 17, havia freira Madre que chamou a polícia porque havia um barqueiro que tava lá a cantar com uma viola às freiras e que,

quando veio a polícia, o barqueiro disse: ‘a madre tem é ciúmes porque eu já cantei para ela, e já estive na cela dela e ela agora não me deixa cantar para as outras’....

Está tudo escrito, tudo nos documentos da queixa. Esse tipo de histórias estão no arquivo!

(SR) Então você acessa o arquivo para achar histórias pros seus livros e depois para as pessoas...

(GS) Eu passo muito tempo nos arquivos a consultar a documentação relativamente àquele mosteiro. (...) É preciso ir de vez em quando aos arquivos e descobrir essas histórias.

(SR) Quando você vai fazer o roteiro é tudo da sua cabeça, não faz roteiro nem lista os tópicos com uma ordem do que vai contar primeiro e os lugares de parada?

(GS) As vezes as pessoas e as entidades que organizam os passeios pedem que façam um roteiro em especial. Sei lá... a parte oriental da cidade, a zona do Bonfim, industrial, das fábricas. E o próximo passeio da Associação dos Jornalistas vai ser no dia 20, nós vamos começar junto da igreja do Bonfim, numa visita ao Porto Oriental, e dali vamos atravessar, por exemplo, Cemitério do Prado do Repouso e ver o que há lá. No cemitério há imensas histórias!

(SR): Quem é o seu público, porque eles vão aos percursos e o que eles buscam, na sua opinião?

(GS) O público é muito heterogéneo. A maior parte das pessoas não os conhece. Às vezes sou abordado ‘Ah, eu fui ao seu passeio’, mas eu não os conheço. É errado pensar que são pessoas mais velhas. Já há muita gente jovem que aparece. Estudantes, sobretudo de arquitetura porque quando passamos por edifícios eles fazem perguntas, e eu vejo logo que são estudantes. É um grupo muito diversificado. Há gente de história, professores, porque tem matéria nas aulas sobre a história do Porto, e as pessoas também acompanham. O público é muito heterogéneo e a razão de virem é exatamente porque eu conto histórias. Pelas histórias que eles se interessam. E cada vez há mais. Eu cheguei a andar com 200 e tal pessoas.

(SR) E como elas conseguem te ouvir?

(GS) Tive que arranjar aquele megafone para conseguir falar com as pessoas, mas mesmo assim... Quando eram muitos, 200 e tal pessoas era impossível, eu tinha que subir pontos altos e estar ali... E eu não gosto de falar com aquilo nas mãos. Nós falamos com as mãos também, a gesticular. De maneira que estar ali a falar com aquela coisa... aquilo constrange!

E depois os temas foram os 100 anos do 31 de janeiro, da República. A gente fez coisas sobre a República, não é? As Invasões Francesas... há muitos temas... O Cerco do Porto, as Revoluções Liberais. Os temas são diversificados. Também temos feito para as escolas. Há escolas que tem alunos a estudar esses assuntos nas matérias, então pedem para fazer e eu faço. Mas não é uma coisa que eu viva. Andei com muitos jovens rapazes e raparigas que fizeram disso uma espécie de profissão. (...)

(SR) O seu público é daqui? É local?

(GS) Não é só daqui. Ainda há pouco tempo andava uma brasileira de São Luís do Maranhão.

(SR) Mas que mora aqui...

(GS) Que veio cá pra estudar. Há muita gente que vem de cidades próximas. Já vieram da Galiza. Havia dois casais que que falavam espanho e eu disse assim: “Vocês são espanhóis!” E eles: “não, não, galegos!” (...) “É porque nossos avós foram aguadeiros, andavam aqui no Porto a entregar água e depois foram para a Galiza. E um deles tem negócios aqui no Porto”. Então ele me disse assim: “Vi que ia fazer um passeio e quis vir cá pra ver, pra falar, para ouvir.” Portanto, fazer perguntas sobre. Quer dizer que vem muita gente e não só daqui do Porto. Vem de Guimarães, vem de Aveiro...

(SR) Com relação a importância desse tipo de projeto cultural. Que tipo de impacto essas visitas têm no público? Você acha que o conteúdo mexe um pouco com o orgulho nacional...

(GS) Mexe. Mexe.

(SR) O que elas levam desses percursos?

(GS) Normalmente as pessoas que são do Porto (...) ouvem e depois ficam a saber que as ruas onde elas moram têm uma história. E eles passam a incentivar que as pessoas preservem mais a memória, cuidem mais sua rua. Portanto, fica sempre alguma coisa nas pessoas. E nos que vêm de fora também, pois têm sempre uma relação com o Porto. Ou pai foi daqui, ou viveram cá e depois foram para fora e querem voltar às origens. As pessoas sentem que vivem numa cidade que tem uma história, que foi pioneira em muitas coisas. Por exemplo: em Portugal, a primeira vez que se cantou ópera foi no Porto. Antes de Lisboa. A primeira Revolução Republicana foi no Porto -a tentativa. A primeira Revolução Liberal, que estamos agora comemorar os 200 anos, foi aqui no Porto, e estas coisas não acontecem por acaso. A Revolução Liberal não aconteceu em 1820 por acaso, assim espontânea. Não. Quer dizer, os portuenses desde o século XII, XIII, que andavam lá para fora a fazer negócios. Iam pra Flandres, para o norte de Europa, para a Inglaterra... Os próprios mercadores iam pra lá e conversavam com os seus pares lá para fazer negócio. Almoçavam, jantavam, sentavam-se a mesa, e ouviam doutrinas novas, conceitos novos que eles traziam e aplicavam no Porto. Nós temos um património cultural muito importante, por exemplo, em pintura, pintura holandesa... Os comerciantes traziam isso para cá. No século XV a Câmara já tinha mestre de ensino das letras. Pagava a mestres para ensinar. Os mosteiros abriam as tuas aulas ao público a quem quisesse. A Condessa de Balsemão, que em vivia ali no palácio da atual Praça Carlos Alberto, tinha uma grande biblioteca e facilitava a quem quisesse ir lá ler a sua biblioteca. Portanto é uma cidade que tem uma ligação muito grande com a cultura. (...) Uma cidade que tem um grande orgulho. (...) Eu costumo dizer - não gosto da palavra bairrista - somos um povo de carácter. (...) Lisboa foi uma cidade que viveu o sempre na ociosidade, viviam do ouro que vinha do Brasil. (...) O Porto trabalhava. Ainda hoje há um dito que diz: o Porto trabalha, Coimbra estuda, Braga Reza e Lisboa diverte-se. (...) No tempo da ditadura nós vivíamos com muitas dificuldades, os salários eram baixos e durante o período da Guerra houve muitas dificuldades de abastecimento, era muito difícil. No entanto, nós fomos um povo alegre. E há até uma expressão de um cantor que diz que estas pessoas vivem com grandes dificuldades, mas andam sempre a cantar. Muitas vezes, tiramos partido dos momentos mais difíceis, como é o caso das tripas do Porto. Isso é uma lenda, naquele tempo não havia feijão, por exemplo, e já havia pratos

semelhante em França, mas foi uma lenda que se criou e como as lendas são muito mais interessantes que a realidade, ficamos aí.

(SR) No caso da Misericórdia, quando você cria os percursos eles fazem pedidos específicos? Como funciona?

(GS) A Misericórdia, inicialmente, fez esses passeios para promover o Museu, junto aos cidadãos do Porto. Porque aqui no Porto há muitos sítios que as pessoas desconhecem. Depois foi expandindo. E nos passeios participam muitos professores de arte e falam muito das coisas da arte. Eu não. O próximo passeio que vou fazer para a Misericórdia, vamos percorrer aqueles caminhos dentre quintas. Começamos no Largo da Maternidade, que chamavam Campo Pequeno anteriormente e, depois, descemos dentre quintas. Porque aquele caminho era dos Ingleses: tem a Quinta do Tate- aquilo era a Via Vetera, era a estrada antiga. (...)

(SR) Você falou que a misericórdia, no início, fez os percursos para promover o museu, depois foi ampliando...

(GS) Foi ampliando... Eles começaram a ver que os passeios tinham sucesso e depois foram ampliando. Porque, inicialmente, nós tínhamos que fazer um percurso que passasse por instituições, por exemplo, os hospitais antigos do Porto que eram administrados pela Misericórdia, e terminava no Museu, na igreja.

(SR) Hoje já não é assim...

(GS) Já não é. Eu vou fazer este passeio, termino lá embaixo em Massarelos e pronto! Normalmente, eles pedem para fazer o traçado. E eu começo num sítio onde haja transporte e acabo num sítio onde há transporte, porque depois as pessoas apanham um metro ou autocarro.

(SR) E tem também a preocupação da duração, do tempo e do deslocamento...

(GS) Exatamente. Duas horas. Na Associação dos Jornalistas eu sugeri que acabasse o passeio com um almoço. Nem toda a gente iria ao almoço. Mas mesmos que fossem 7, 8 ou 10 pessoas, seria o motivo para uma conversa ainda mais alargada do tema

desenvolvido. E fazer esses almoços com temas, por exemplo, nós temos aqui uma gastronomia muito rica no Porto, com muitos pratos típicos. (...)

(SR) Geralmente, há um tema e vocês escolhem os vários pontos que estejam associados ao tema, limitado ao espaço e ao tempo.

(GS) Exatamente. O tempo é limitado. Duas horas é o normal. Começar as 10 horas e terminar ao meio dia.

(SR) Então, de qualquer forma, você tem que ter um roteiro. Você tem que pensar os lugares onde você vai parar...

(GS) Eu não sei eu não sei como é que os outros fazem. Eu adoto esse sistema: ando um bocado, paro e faço uma história dali daquele percurso. Porque andar e falar não dá. Tem que parar em determinados sítios. E faço essas coisas. No Natal, por exemplo, faço à noite, porque o Rancho Folclórico participa, vem com as suas coisas iluminadas. Vamos cantar as Janeiras, (...) fazemos essas coisas temáticas. Depois, eu tenho que fazer uma consulta prévia com algumas igrejas para entrar lá, para elas estarem abertas. Hoje é um bocado complicado, as igrejas estão a se transformar em atração turística, uma espécie de museu.

(SR) Os lugares onde você para pra falar são pensados antes?

(GS) Sim, sim, mais ou menos. Mas às vezes é onde der mais jeito. Ao domingo de manhã há menos trânsito, a cidade está mais parada. No sábado, não, há muita gente a fazer compras. É impensável em dia de semana fazer um passeio pela rua Santa Catarina.

(SR) Então a razão de escolherem o domingo de manhã é por isso?

(GS) Sim, é por isso. O domingo é mais fácil. Já tenho feito com chuva torrencial. E tenho colaborado com o Joel Cleto, somos muito amigos. Há coisas que não faço. Há dois meses uma senhora telefonou: “Ah, eu queria convidar que viesses fazer um passeio com um grupo restrito; meu marido é médico, faz anos e queria lhe oferecer uma prenda assim, uma coisa diferente”. E ele lhe digo: onde é que eu entro na prenda? “Minha senhora, me desculpe, eu não faço essas coisas.” E ela diz: “Ah, mas eu pago!”. Eu não faço isso por dinheiro!

(SR) Como funciona isso? Você não cobra, mas a instituição cobra!

(GS) Eu cobro na Misericórdia porque eles também pagam aos outros.

(SR) Na Associação dos Jornalistas cobram 10 euros por pessoa.

(GS) Cobram porque eles têm uma obra de assistência editorial. Eu sou dos corpos gerentes lá. Aquilo não é caixa de previdência, nem é um sindicato. A Associação dos Jornalistas é uma instituição cultural se dedica a atividades culturais, colóquios, apresentação de livros... mas tem uma parte que se dedica a publicação de muitas obras de jovens poetas, jovens ensaístas, e é pra esses fundos que vai esse dinheiro: para incentivar jovens a escrever e aparecer.

(SR) para Universidades Seniores não faz?

(GS) Já fiz. Para a Universidade fiz sobre o São João. Há um movimento na Reitoria da Universidade do Porto, um movimento para elevar a festa de São João a património imaterial da humanidade. E há tempos que pediram para fazer uns passeios e já tenho feito para a universidade.

(...)

Entrevista Joel Cleto

Data: 23/01/2021

Local: Aplicativo Zoom

Entrevista gravada com aplicativo Dictafone do iPhone.

Alguns excertos que não se relacionam com a investigação, de carácter pessoal ou redundantes foram suprimidos na transcrição, indicado pelo símbolo (...).

Por causa da má qualidade da internet algumas palavras não puderam ser compreendidas, sendo indicadas com (inaudível).

(Silvia Resende) Como você começou a fazer esses percursos culturais pela cidade?

(Joel Cleto) Eu faço visitas na cidade do Porto desde 1996. Eu faço visitas um pouco por todo país, mas obviamente com grande incidência no Porto e no Grande Porto. Há um grupo que me acompanha mensalmente desde 1996, chamado Romper os Sapatos, que nasceu no seio de uma ação de formação de professores. Eu sou formador de professores, e durante vários anos no Centro de Formação de Matosinhos, eu tinha uma ação de formação sobre as potencialidades pedagógicas do património, que incluía muitas visitas. Quando terminavam as ações os professores diziam: “é uma pena não continuarmos”. E ao fim de várias turmas, juntaram-se todos e fizeram um atelier. E foi assim que nasceu o Romper os Sapatos. Depois pediram para trazer os familiares, depois os amigos e os amigos de amigos e hoje é um grupo completamente aberto. Continua a ter muitos professores, mas tem gente de todas as proveniências. Assim que eu comecei a fazer as visitas no Porto de modo regular. Mais tarde outras instituições foram me desafiando para fazer visitas. Há vários anos que tenho um plano regular de visitas com a Ordem dos Médicos, com a Ordem dos Advogados.

(SR) Nessa época já havia a Tacitus?

(JC) Não, a Tacitus vai fazer este ano (2021) três anos. Durante muitos anos, as atividades pela cidade não tinham também essa vertente empresarial. Sendo que as visitas que faço hoje através da Tacitus na cidade são apenas uma pequena parte das muitas visitas que eu faço na cidade. Se falarmos de outras visitas pelo país, e as de fim-de semana, aí sim, as visitas que faço através da Tacitus tem um peso considerável, pois praticamente não faço para outras instituições fora do Porto, a não ser com a Tacitus.

(SR) Para a Confraria de Massarelos, quando você começou a fazer as visitas?

(JC) Não tenho aqui datas, mas já tem uns quatro anos que venho fazendo visitas com eles. Antes, já com a Ordem dos Médicos, e depois muitas visitas pontuais. Visitas com grupos de pessoas, de empresas, de clubes, grupos de amigos que querem fazer um aniversário diferente, empresas que encontram outra forma de team building para formar espírito de grupo conhecendo um pouco mais o seu território... Portanto, para

além dessas instituições regulares tenho feito muitas visitas pontuais para grupos desse tipo. Nesse contexto surgiram as Visitas da Misericórdia. No primeiro ano, somente eu e o Germano e depois o grupo tem vindo a alargar.

(SR) Eu percebo que as suas visitas tem um público superior ao de visitas de outros profissionais. A quem você atribui essa quantidade tão grande de seguidores?

(JC) Desde logo, à questão da visibilidade. O fato de ter um programa semanal na televisão deu-me uma visibilidade e uma notoriedade. Se calhar, o fato de algumas das instituições virem me convidar para fazer visitas tem a ver com essa visibilidade que eu tenho. Mentiria se te dissesse que acho que não existe essa componente. Mas também é verdade que eu já fazia muitas visitas antes de fazer televisão. Aliás, vou parar na televisão por causa das visitas. Quando foi criado o Porto Canal, eu recebi uma chamada do diretor do canal a dizer: “estamos a criar um canal de televisão na cidade do Porto e várias pessoas me disseram que, se calhar, o Joel Cleto é a pessoa que andamos a procura para fazer um programa sobre o património histórico”. E depois explicaram-me que foram vários professores que faziam visitas comigo (que haviam recomendado). Ou seja: são as visitas que me levam à televisão, embora depois a televisão tenha contribuído para eu fazer muito mais visitas. (...)

(SR) Você costuma divulgar seus percursos em redes sociais?

(JC) Não, somente recentemente, nos últimos 3 anos quando criei uma empresa, a Tacitus. Essa publicitação só faço para as visitas da Tacitus. Para as outras não faço porque são para instituições que me pedem e, portanto, a divulgação dessas visitas será feita pelas próprias instituições. A Ordem dos Médicos lança no início do ano a divulgação das visitas e as pessoas inscrevem-se. Eu sei que esgotam ao fim de poucas horas. O mesmo se passa com a Confraria de Massarelos, que divulga suas visitas e as pessoas inscrevem-se. No Romper dos Sapatos é diferente. De alguma forma divulgo. O que faço é: todos os meses envio um email para o grupo, marcando um ponto de encontro e dizendo qual o percurso. Quem quiser aparece, quem quiser não aparece. Não há obrigatoriedade.

(SR) São pagas?

(JC) São pagas. Portanto, correria o risco de divulgar e só lá estar meia dúzia de pessoas. Nunca aconteceu, mas é tudo muito livre, não ando lá a recolher o dinheiro, as pessoas depois entregam-me o dinheiro.

(SR) Falando um pouco sobre o conteúdo das visitas, quais são as regiões e as temáticas abordadas?

(JC) Grande parte das visitas são centradas no Porto e Grande Porto. Quando eu digo Grande Porto, digo Porto, Matosinhos e Gaia, que são fundamentalmente os temas de minhas visitas. Embora eu tenha também um outro tipo de visitas, que são muito concorridas, embora não sejam tão regulares, que são através dos Caminhos de Santiago, que são percursos bem definidos. (...) Mas o grande conjunto das visitas são no Grande Porto e na cidade. Felizmente é um mundo inesgotável de temas. O que eu costumo fazer: quando existem visitas pontuais para grupos, empresas ou aniversários, eu tenho um conjunto de 4 ou 5 propostas de visitas mais genéricas. Eu estou sempre muito recetivo que me digam: “gostaríamos que fosse nessa área ou que abordasse esse tema”. E eu adapto àquilo que o grupo me pede. Mas de regra geral estou aberto a sugestões. Essas visitas genéricas são mais abrangentes sobre a história do Porto, a zona histórica do Porto, o desenvolvimento urbano da cidade. Ando muito em torno do Centro Histórico e da Baixa, embora eu tenha também uma visita ali pra zona da Foz, do Rio Douro, da frente atlântica e da Foz Velha. De regra geral, as minhas visitas duram entre 2,5 horas e 3 horas. E nesses percursos tento contar um pouco da história da cidade e de grandes monumentos da história da cidade, e que tenham a ver com a identidade da cidade. Visitas que servem para explicar porque os portuenses são tripeiros, quais as muralhas da cidade, porque a cidade é Invicta, porque a ligação da cidade ao Dragão. São temas para as visitas mais pontuais.

(SR) As visitas feitas para a Ordem dos Médicos são restritas para quem integra a Ordem, certo?

(JC) Exatamente, acontece isso na Ordem dos Médicos, Ordem dos Advogados, A Confraria de Massarelos, não, é para toda gente. As visitas do Futebol Clube do Porto também são abertas para toda gente.

(SR) O Futebol Clube do Porto faz visitas com frequência?

(JC) Sim. É uma coisa chamada Rota do Dragão, um projeto que foi premiado pela Associação Portuguesa de Museologia em 2019 com o prêmio turismo. A Rota do Dragão tem duas componentes com duas visitas, uma ao museu -que é enorme e provavelmente um dos museus mais visitados da cidade do Porto. (...) A visita no museu é feita com um historiador que chama mais atenção pra relação do clube com a cidade, o impacto que o clube teve no urbanismo e na identidade da cidade. E depois tem uma segunda visita, feita no exterior, na cidade do Porto. Como sabe, o mascote do FCP é um dragão. E a cidade está repleta de dragões! E, a reboque dos dragões que existem nos monumentos e nas fachadas das casas, eu faço aquilo que fiz no museu, só que agora no exterior: cruzar a história do FCP com a própria história da cidade. Até porque, na sua esmagadora maioria, todos esses dragões que eu mostro na cidade são anteriores ao aparecimento do Futebol Clube do Porto. O dragão serve de protesto para falar da história e do património da cidade.

(SR) Nos seus percursos, você leva em condição a orografia, tempo paragens?

(JC) Eu ainda não acabei a questão anterior... Quando as visitas são pontuais eu tenho aquelas 4 ou 5 visitas. Quando estou a falar de ciclos de visitas de instituições para quem eu faço regularmente... Para a Ordem dos Médicos são 10 por ano. Outra instituição pra quem faço visitas exclusivas para seus sócios é o Sindicato dos Bancários do Norte. E também pro Clube Millennium BCP, funcionários do Millennium BCP. São grupos fechados que não os apanha na pesquisa porque são visitas restritas.

(SR) As do Montepio são abertas, certo?

(JC) São abertas. O Montepio foi uma das primeiras instituições que me pediu ciclos de visitas, antes da Ordem dos Médicos, há 7 ou 8 anos. E durante muito tempo foi muito regular, todos os meses fazia visitas pro Montepio. De início só para os sócios, depois começaram a abrir com essa diferença de ter um desconto para associados. Entretanto o Montepio começou a alargar imenso a sua oferta cultural e diminuir a minha

frequência. De 10 visitas anuais, passei hoje em dia para 3 a 4 visitas por ano para o Montepio.

Quando estou a falar de ciclos de visitas, o que tenho feito é temas. Nesses ciclos de 6, 8 ou 10 visitas, eu exploro um determinado tema que me vai levar a diferentes sítios da cidade. Por exemplo, um tema que é muito querido que são as Lendas do Porto. Como sabes, já publiquei alguns livros sobre as lendas da cidade. As lendas que nas visitas, tal como nos livros, são apenas pretextos para depois eu chegar àquilo que me interessa que é a história verdadeira e ao património pra lá do fabuloso.

Portanto, as lendas do Porto, o cerco do Porto, os Caminhos de Santiago. Mesmo aqui no grande Porto, pois como se sabe daqui do Porto se abrem vários percursos possíveis (para Santiago) e é outro ciclo de visitas que eu costumo fazer. Sendo que, escolhendo esse tema, não vou falar só dos Caminhos de Santiago, pois ao percorrer esses itinerários vamos passando por muitos sítios e muitos monumentos que obviamente aproveitamos para abordar, estando eles – ou não – diretamente ligados ao caminhos de peregrinação. As questões – hoje tão atuais – das doenças, pandemias e da saúde – podem ser um outro tema para organizar outro ciclo.

Quando falamos das visitas da Misericórdia obviamente que há aqui um denominador comum que é: serem sempre sítios, percursos e histórias que de algum modo se cruzam com a própria história e património da Misericórdia do Porto.

(SR) Para além dos temas, como você organiza o percurso: onde para, a distância, a orografia. Você também planeja isso quando cria o percurso?

(JC) Eu confesso que hoje, na cidade, eu já não faço uma visita prévia. Quando estamos a falar em percursos que faço fora da cidade do Porto, sim. Obviamente vou sempre testar previamente o percurso, restauração, alojamento. (...) Dentro da cidade, durante muitos anos também fazia isso. Hoje, vou conhecendo razoavelmente a topografia e as distâncias do território, portanto, intuitivamente, quando planejo um percurso já estou a ver as distâncias. Mas sim, indo ao local ou com conhecimento do local que já tenho, há obviamente essa planificação. Porque seria insano propor uma visita que começasse no Castelo do Queijo e terminasse nas Antas. Ou às vezes, mesmo alguns percursos que podem nos parecer muito pequenos, mas quando o tema tem muito a se dizer, pode ser complicado. (...)

(SR) Para concluir essa parte das visitas... Você costuma usar material de apoio, fotos...?

(JC) Raramente. Mas se calhar por algum facilitismo meu. Porque, por vezes, pode ser importante. Eu cheguei em um determinado sítio e quero falar de alguma coisa que já lá não existe, mas que existia: o que dou muita vezes comigo é a pegar no tablet e mostrar através do tablet. Mas confesso que não é algo que faço regulamentnte.

Tenho colegas que o fazem, e bem.

Uma coisa que eu uso sempre na Tacitus, mas que faz subir muito o preço das visitas são os audioguias. Tenho sensibilizado outras instituições onde faço visitas e que já estão a aderir. Isso acaba por ser de algum modo proporcionado nos últimos tempos por causa da pandemia. Tive algumas experiências após o primeiro confinamento, quando houve maior flexibilidade. Todas as visitas que eu fiz- e pra mim era condição- eram com rádio guias porque permite o distanciamento. As pessoas não precisam estar umas em cima das outras para escutar. Mas já antes da pandemia, na Tacitus eu usava isso. (...) Essa opção tem a ver com a qualidade do serviço. Quem acompanha não tem que estar amontado, pode estar a distância que continua a ouvir. Para quem fotografa, nem precisa estar a olhar pra mim, pode fotografar. É útil para o guia, porque sem o rádio guia eu tenho que esperar o grupo todo se concentre para me escutar, o que acaba por fazer perder tempo. Com o rádio guia eu consigo falar muito mais. (...) Claro que tem uma repercussão económica que eu acho que não é assim tão significativa. (...). Para universidades seniores, onde fui professor, comprometi-me uma vez por mês a fazer uma visita. Faço sempre uma paragem a meio, de 15 a 20 minutos para um cafezinho, um momento de pausa. (inaudível) Os próprios lugares de paragem são motivos de (somar? inaudível), pela importância do sítio ou por aquilo que estamos a comer. Por exemplo: uma visita na época de Natal, ir comer uma rabanada e falar um bocadinho sobre a rabanada...

(SR) Quem é o público alvo dos percursos e o que as pessoas buscam nesses passeios?

(JC) Esse é um estudo que eu nunca fiz... Como tenho muitos grupos, público é muito heterogéneo. Se fosse fazer um inquérito ao grupo da Ordem dos Médicos,

obviamente todos eram médicos. Se fizesse um inquérito ao grupo da Universidade Sênior, todos seriam reformados.

(SR) Mas esses grupos são orientados e fechados. Por isso eu escolhi a Misericórdia...

(JC) Exatamente. Nesses grupos mais abertos, baseado na minha experiência desde 1996, no Romper os Sapatos que, como te disse, começou com professores e foi alargando até se tornar completamente heterogéneo, enfim... ((pensa)) Acho que é mesmo heretogéneo. Claro que tem que haver um denominador comum, e esse é: gente que gosta de história, histórias e do património. Não necessariamente gente bairrista. No Romper os Sapatos eu tenho gente que vem de Braga, de Aveiro... E isso acontece em visitas da Misericórdia e de outros grupos. Tenho gente de todas as idades. Gente nova... Claro que gostaria de ter muito mais gente mais nova. Em regra geral, quem faz essas visitas são adultos e seniores. Mas em alguns grupos tenho jovens adultos e crianças, porque alguns adultos trazem crianças. (...) E depois tem um gap. Adolescentes, não há. Um ou outro, que são miúdos que gostam de história ou que são meus fãs televisivos. Mas é claramente o grupo menor, no ponto de vista da classe etária. (...)

(SR) O que essas pessoas buscam? Conhecer a cidade, encontrar com pessoas que conheceram nesses grupos...?

(JC) No Romper os Sapatos, pela forma como funciona e pelo preço – são 5 euros- (...) Eu admito que para um adolescente, que tem menos dinheiro, a menos que os adultos paguem não vão gastar dinheiro em património. Eu falo por mim. Quando era adolescente e jovem, sempre gostei muito de história de património, e era eu quem ia explorar a cidade, que ia às ruelas do Porto à descoberta. E já havia na altura algumas visitas com nomes históricos como o Helder Pacheco, Germano Silva, que hoje são minhas referências. Mas quanto eu era adolescente e jovem fui a pouquíssimas visitas deles. (...) Relativamente aos outros: é gente que gosta de história e património, mas acima de tudo é gente curiosa para conhecer melhor a sua cidade e o seu território, e descobrir coisas novas, diferentes. Para deixar-se surpreender por sítios por onde passam regularmente, que têm histórias e memórias que não desconheciam. E nesses grupos regulares, com cadência mensal de visitas, como o Romper os Sapatos e a

Misericórdia, acho que depois começa-se a criar uma dinâmica de grupo. E as pessoas também vão pelo convívio uns com os outros. (...) O Romper os Sapato já é um grupo de amigos; fazem a gestão da página do Facebook, encontram-se, partilham as fotografias, fazem fotografias uns com os outros e são uma espécie de um clube.

(SR) Qual a importância desses percursos pela cidade?

(JC) Para mim ou para o grupo?

(SR) Para os dois.

(JC) Pra mim são importantes porque sou profissional e tenho a felicidade de trabalhar numa coisa que gosto muito. E enquanto um homem da história e do património, sou investigador, professor, mas acima de tudo sou divulgador: alguém que, com seus conhecimentos de história e património procura divulgar junto de (um ente?) público essas temáticas. A importância para mim é porque sou profissional, mas vou te ser muito claro: sou profissional e vivo da minha profissão. Claro que as visitas que eu faço não são o principal rendimento pecuniário mensal, mas como profissional vejo nessas visitas também uma forma de ser remunerado. E acho que qualquer autor que responda esse inquérito - pode até não te dizer abertamente- mas claro que a questão financeira é relevante. Essas visitas pra mim são muito importantes. Sempre foram desde 1996 para eu medir o impacto da minha mensagem. Eu consigo fazer isso nas aulas de nas visitas, mas na televisão não consigo fazer. As visitas são pra mim uma forma de perceber e melhorar a maneira como eu comunico. (...)

(SR)E para a sociedade?

(JC) Eu acredito firmemente que a história e o património são fundamentais para a qualidade de vida das pessoas, das populações. (...) É nisso que acredito há muitos anos, mesmo antes de ser estudante de história. Eu disse-te que fazia visitas guiadas regulares desde 1996, mas já faço visitas pela cidade desde os anos 80, quando era jovenzinho, no seio de associações locais de defesa do património. No caso, uma Associação que existia chamada Comissão de Jovens de Ramalde, da qual fiz parte batendo pela salvaguarda de património, pela recuperação de uma Quinta. E fazia visitas guiadas pela freguesia, promovidas por essa Associação: Casa de Ramalde,

Quinta da Prelada, ali muito focado na zona de Ramalde e Carvalhido. E eu acredito firmemente nisso: a história e o património são fundamentais para a qualidade de vida das populações, quase tanto quanto o abastecimento da água, ou a rede de saneamento. Talvez porque cresci na freguesia de Ramalde, onde existem imensos bairros camarários. Nos anos 80, quando eu era jovem, esses bairros ainda não tinham muitos anos, pois tinham surgido nos anos 60 e 70. Eu vivia próximo desses bairros e talvez pelo meu envolvimento social junto a essas associações eu constatei muito bem o resultado do desenraizamento das populações. Muitas das pessoas que viviam nesses bairros, nos anos 80, era gente que tinha vivido na zona ribeirinha do Porto, a zona histórica da cidade, e que foram colocados na periferia do Porto de uma forma totalmente desenraizada. O que provocou, na época, graves problemas sociais. Ainda hoje há alguns bairros complicados em Ramalde, mas não tem nada a ver com o que se vivia nos anos 80 em Ramalde. Foi algo que eu constatei, que foi o problema do desenraizamento: tirar as pessoas dos seus sítios e colocá-las em outros espaços. Eram casas até mais qualificadas -porque elas viviam em ilhas com péssimas condições de salubridade- mas desenraizadas. o desenraizamento provocou graves problemas sociais: criminalidade, drogas, conflitos no interior dos bairros. Não era falta de água, de saneamento, ou de recolha de lixo: o que faltava era identidade, laços de vizinhança, a festinha, a romaria. (...) E eu muito jovem apercebi-me da importância que tinha a história, o património e a identidade das pessoas. E eu acredito que valorizar a história e o património, e perceber que aquilo que existe numa cidade ou numa freguesia é partilhado por todos permite-nos aproximarmos uns dos outros. E isso tem a ver com a qualidade de vida das pessoas. Viver anónimo num sítio que nos é anónimo, tendo água, tendo saneamento, isso não é qualidade de vida. Eu acredito nisso. É a minha profissão e a minha missão. (...) É isso que eu espero que seja a importância que as visitas têm para as pessoas: que quando termine a visita elas estejam mais identificadas com aquele espaço e, se calhar, sintam-se mais próximas umas das outras. Porque também acredito que a história e o património sejam importantes instrumentos da democracia e da cidadania. O património é de todos, mesmo quando o palácio pertence à uma família. É um imóvel que está lá e que é uma referência de todos e tem uma história que é comum a todos.

(SR)O que acha que poderia melhorar nesses percursos? Você já citou os audioguias.

O que mais poderia enriquecê-las? Ou até atrair um público mais jovem?

(JC)Eu já lá não chego! ((risos)) Meu maior desafio seria captar os jovens. E eu já lá não chegou porque teria que ser jovem. Quando eu fazia essas visitas nos anos 80 eu era jovem e tinha muitos jovens comigo nas visitas. Eu hoje faço visita para jovens porque sou professor na licenciatura de turismo, mas sinto que não são visitas, são aulas. Eles vão porque são forçados. (...) O trabalho é arranjar guias jovens, malta das faculdades para isso. Temos muitos guias jovens na cidade que fazem visitas para turistas, mas não sei a qualidade dessas visitas. Os jovens identificam-se muito mais com guias jovens do que um Joel Cleto ou um Germano Silva.

Do ponto de vista tecnológico, vou dando comigo a usar o tablet para mostrar imagens. Se calhar, no futuro as visitas poderão passar por aí, pelas questões das realidades virtuais, mesmo nas visitas. (...)

(SR)Como se dá a escolha dos temas para as Visitas D´Autor da Misericórdia?

(JC) Nas Visitas D´Autor, no meu caso, o que tento fazer são percursos que- seja através dos tema ou dos monumentos - se cruzem com a própria Misericórdia do Porto. Posso fazer uma visita sobre uma lenda, como a do Rei Ramiro, que nos leva a percorrer as margens do Douro do lado de Gaia, mas essa lenda tem um epílogo num determinado sítio, que é o Morro do Castelo de Gaia, que desde o final do século XIX pertence à Misericórdia do Porto. Posso fazer uma visita sobre Ramalde e focar na história de Ramalde, mas terminar na Quinta da Prelada que é um espaço da Misericórdia. Ou posso abordar um tema que passe por vários sítios da Misericórdia, como é o caso das histórias dos hospitais da cidade do Porto: desde o Dom Lopo até o Santo António cruzamos sempre com a própria história da Misericórdia.

Uma visita muito concorrida e que acontece num único sítio é a visita ao Hospital do Conde Ferreira, ou Hospital dos Alienados, como era designado no início. Toda a visita é só no interior do Hospital e, portanto, um equipamento da Misericórdia. O que me levou a fazer essas visitas para a Misericórdia, para além das coisas que já referi, tem muito a ver com o fato de ser para uma das instituições mais antigas da cidade, histórica e de prestígio. Apesar do ponto de vista financeiro ser muito pouco atrativo,

tem esse peso histórico e patrimonial. Permite-me levar a sítios que não conseguirei ir com outros grupos, como o Hospital Conde Ferreira. (...)

(SR) É curioso nas visitas da Misericórdia limitam o número de participantes a 30 pessoas, mas nas suas visitas tem 80.

(JC) Nas visitas de Massarelos também limitam, e embora seja um limite flexível, é habitual ter que repetir a visita. Elas têm um custo simpático, já não lembro quanto é, mas acho que essa questão do preço também conta. (...) Massarelos está a seguir o caminho da Misericórdia: começou comigo, depois eu e o Cesar (Santos) e agora vai incluir o Tedim e um geógrafo, portanto estão a alargar o número de guias.

Apêndice J

Percursos Culturais da CMP

Quadro J1 Temas recorrentes nos Percursos Culturais da CMP

Título do percurso e descrição	Orientador(es)	Datas de realização
Caminhos do Romântico – Do alto da cidade, passando pela Quinta da Macieirinha até a beira-rio, itinerário que revela aspetos da cidade romântica.	Isabel Andrade Francisco Sousa Rio Liliana Pereira	julho 2013 setembro 2013 novembro 2013 janeiro 2014 março 2014 agosto 2015 (x2) setembro 2015
Caminhos de Santiago do Porto - Percurso que levava os peregrinos da Ribeira a Sé e, dali, até o Campo do Olival, de onde seguiam para Santiago.	Manuel Araújo	julho 2013 janeiro 2014 (2x) março 2014 (x2) maio 2014 (x2) julho 2014 novembro 2014 março 2015 maio 2015 outubro 2016 novembro 2016 fevereiro 2019
Itinerário das Lojas e do Comércio do Porto – Percurso pelas lojas mais emblemáticas do Porto, revisitando memórias da evolução comercial da cidade. Término no Gabinete de Numismática.	Isabel Andrade	julho 2013 setembro 2013 novembro 2013 janeiro 2014 março 2014 abril 2014 julho 2014

		novembro 2014 março 2015 dezembro 2018
Os Teatros do Porto - Percurso pelos antigos teatros da Baixa do Porto, do século XVIII aos dias atuais.	Isabel Andrade Sofia Santos	julho 2013 setembro 2013 novembro 2013 fevereiro 2014 março 2014 abril 2014 agosto 2014 dezembro 2014 fevereiro 2015 setembro 2015 dezembro 2016 março 2017
A Mitologia na Cidade – Observação de pormenores arquitetónicos que transportam o observador ao mundo da mitologia clássica.	Isabel Andrade	julho 2013 setembro 2013 novembro 2013 janeiro 2014 fevereiro 2014 maio 2014 agosto 2014 outubro 2014 fevereiro 2015 janeiro 2018 fevereiro 2018 março 2018 (x2)
O Porto de Júlio Diniz - Percurso a partir da obra “Uma Família Inglesa” de Júlio Diniz, com destaque na Rua Infante D. Henrique	Graça Lacerda	setembro 2013 novembro 2013 fevereiro 2014

		abril 2014 novembro 2014 fevereiro 2015 outubro 2015
Da Sé à Ribeira- Visita ao Centro Histórico do Porto, Património Mundial, descendo da Sé à Praça da Ribeira.	António Moura	julho 2013 agosto 2013 outubro 2013 novembro 2013 dezembro 2013 fevereiro 2014 junho 2014 agosto 2014 outubro 2014 março 2015 outubro 2016 abril 2017 dezembro 2017
Da Vitória à Miragaia – Percurso pela Vitória, começando pela Cadeia da Relação, Rua de S. Miguel até a nova Alfândega do Porto.	António Moura	setembro 2013 novembro 2013 março 2014 setembro 2014 dezembro 2014 fevereiro 2015 novembro 2016 janeiro 2020
Brasileiros de Torna-Viagem - Percurso coloca em evidência na cidade o enorme contributo dos emigrantes brasileiro ao nível das finanças, da banca, da arquitetura, do comércio e obras beneméritas.	Isabel Andrade	junho 2014 setembro 2014 novembro 2014 janeiro 2015 maio 2015

		junho 2018 março 2019
Gastronomia típica no Porto - Percurso destaca três pratos típicos do Porto como as Tripas à moda do Porto, Bacalhau à Gomes de Sá e a Francesinha com base em documentação do Arquivo Histórico e visita ao Centro Histórico.	Graça Lacerda	setembro 2013 outubro 2013 novembro 2013 dezembro 2013 março 2014 maio 2014 julho 2014 agosto 2014 outubro 2014 março 2015
Arte pública e arte urbana - Percurso pelas obras mais emblemáticas de escultura e escultores portugueses, e também por obras contemporâneas de autores menos conhecidos: iconografia, autores e conservação. Percursos por diferentes trechos da cidade com a Cordoaria, São Lázaro e Jardim das Virtudes.	Manuel Araújo Maria Augusta Martins Alda Bessa Luis Branco Tânia Ribeiro Isabel Andrade	março 2014 setembro 2014 janeiro 2015 agosto 2015 outubro 2015 novembro 2016 julho 2019 (x2) agosto 2019 (x2) setembro (x2)
31 de Janeiro- Itinerário da Revolução – Realizado sempre em janeiro para marcar a data, segue o itinerário dos revoltosos e destaca as consequências de caráter político, social e cultural da Revolução.	Manuel Araújo	janeiro 2016 janeiro 2017 janeiro 2018
O Palácio Cristal - Passeio pela história dessa zona verde da cidade, com diferentes títulos e abordagens.	Helena Pimentel Isabel Andrade	fevereiro 2015 julho 2015 (x2) setembro 2015 (x3) maio 2016

	Rui Afonso	
Porto Desaparecido - Localização e reconhecimento de edifícios, fontes, chafarizes, cruzeiros e situações invisíveis aos olhos mas descritos em documentos.	Isabel Andrade	agosto 2013 outubro 2013 dezembro 2013 fevereiro 2014 maio 2014 outubro 2014 março 2015 outubro 2016
Memórias de N Sra do Ó – A partir de gravuras e manuscritos do acervo do Arquivo Histórico sobre a festa de N ^a Sra ^a do Ó, visita à capela de N ^a Sra ^a do Ó, Muralha Fernandina e Praça da Ribeira.	Graça Lacerda	setembro 2013 outubro 2013 dezembro 2013 maio 2014 setembro 2014 dezembro 2014

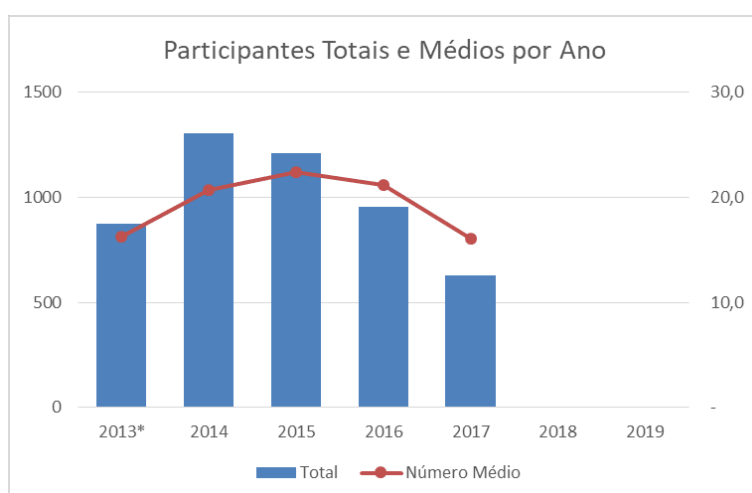
Fonte: Autoria própria com base na análise de toda a programação dos Percursos Culturais, disponível em desdobráveis fornecidos pela CMP.

Figura J1: Percursos Realizados por Ano



Fonte: Elaboração própria com base em dados fornecidos pela CMP.

Figura J2: Participantes Totais e Médios por Ano



Nota. A CMP não forneceu o número de participantes referente aos anos de 2018 e 2019.

Fonte: Elaboração própria com base em dados fornecidos pela CMP.

Apêndice K

Percursos do Programa Passo a Passo com Germano

Tema	Data de realização
O Porto e as suas origens	3.03.2019
O rio e a cidade	14.04.2019
Os mosteiros antigos da cidade	12.05.2019
O São João do Porto	16.06.2019
A cidade dos ofícios	7.07.2019
O Porto dos estrangeiros	1.09.2019
Os antigos hospitais e albergarias	6.10.2019
As judiarias do Porto	3.11.2019
Natal, naturalmente	22.12.2019

Fonte: www.torredosclerigos.pt

Apêndice L

Protocolo de Administração de Entrevistas

Protocolo de Administração

Para a realização das entrevistas com guias foram seguidas algumas normas:

1. Envio por e-mail da solicitação de entrevista. Diante da situação da pandemia, foi facultado ao entrevistado a escolha entre as modalidades de entrevista presencial ou virtual (através de aplicativo Zoom ou Facetime).
2. As entrevistas feitas de modo presencial foram realizadas em data, hora e local de escolha do entrevistado.
3. Nas entrevistas online foi usado o aplicativo Zoom, com envio prévio do link de acesso.
4. O entrevistado foi previamente comunicado que o tema da investigação e seus principais objetivos são: a caracterização dos percursos pedestres guiados realizados na cidade do Porto, e o desenvolvimento de estudo sobre as temáticas e públicos das Visitas D'Autor do MMIPO.
5. Também foi informado que a entrevista seria gravada, transcrita, editada e posteriormente enviada para que o entrevistado autorizasse o seu uso na investigação.
6. Foi usado um aparelho telemóvel para a gravação do áudio da entrevista, através do aplicativo Dictafone, em ambas as modalidades (presencial ou à distância). Antes da gravação, o aparelho teve sua bateria totalmente carregada, foi colocado em modo de voo, e foi feito um teste para verificar se estava a gravar.
7. Terminada a gravação, agradeceu-se a participação do convidado.
8. A entrevista foi transcrita e editada, tendo alguns excertos retirados por não se relacionarem com o objetivo da investigação ou por conterem informações de caráter pessoal.
9. A entrevista transcrita foi enviada para o entrevistado atestar a conformidade do conteúdo e autorizar sua utilização através de protocolo de consentimento informado.

Apêndice M

Matriz de Entrevistas

Categoria	Perguntas da investigação	Guião de perguntas
História dos percursos	Quando e como surgem no Porto? Quem os realiza?	Como começou a guiar visitas pela cidade? Para quais instituições faz percursos regularmente? Quais outras instituições promovem percursos na cidade? Saberia informar quais os primeiros grupos a realizar percursos guiados pela cidade, e quais as primeiras temáticas abordadas?
Guias	Quem guia esses percursos? Qual a formação desses guias?	Qual a sua formação? Como consegue atrair uma quantidade tão grande de participantes aos percursos, qual seu diferencial?
Conteúdo das visitas	Existe um roteiro prévio? O que é previamente programado? O que querem divulgar?	Que regiões abrangem seus percursos? Quais as temáticas mais abordadas? Onde busca informação para os percursos (fontes de pesquisa)? O que leva em consideração ao montar seus roteiros (orografia, dificuldade, tempo, paragens de descanso, acesso ao início e fim do percurso)?

		Costuma usar materiais de apoio (panfletos com roteiro, fotos e informações)? Porquê?
Públicos	Quem frequenta essas visitas? Quais as expectativas dos públicos? Os públicos são formados por locais ou turistas?	Como descreve o seu público-alvo? O que essas pessoas buscam nas visitas?
Valor/ Objetivo	Que valores querem transmitir?	Qual a importância desse projeto para a sociedade? Que sentimentos desperta nos públicos?
Melhorias	O que poderia ser melhorado no projeto?	Que aspetos poderiam ser melhorados nessas visitas?

Nota. Essa entrevista não seguiu um modelo estruturado, mas baseou-se numa conversa em torno de tópicos pré-definidos conforme a tabela acima, procurando recolher dados de carácter geral sobre a história dos percursos culturais no Porto.

Apêndice N

Formação e perfil profissional dos autores das Visitas d'Autor

Nome	Formação
Germano Silva	Doutor Honoris Causa pela Universidade do Porto, jornalista e autor de muitas obras sobre o Porto, sendo reconhecido como um dos maiores conhecedores da “Invicta” e suas histórias (Macedo, 2016). Alguns dos livros publicados: Porto, Profissões (quase) desaparecidas, Clérigos, Caminhar pelo Porto, Porto Revisitado, Porto Desconhecido & Insólito, Porto- Viagem ao Passado, Porto- Nos Recantos do Passado, Porto- Nos Lugares da História, Porto – História e Memórias, Porto – Casa das Letras, Porto – Sítios com História, Porto – Da História e da Lenda, Porto – Caminhos e Memórias, Passeios pelo Porto de Outros Tempos, Porto – A Revolta dos Taberneiros e Outras Histórias, O Elevador dos Guindais, À Descoberta do Porto, Porto – Uma Cidade a Descobrir, Fontes e Chafarizes do Porto, Cedofeita, Vitória, A História da Misericórdia do Porto (2 volumes).
Joel Cleto	Licenciado em História, Mestre em Arqueologia, formador de professores nas áreas de arqueologia e história, acreditado pela Universidade do Minho, docente na European Business School/ISAG. Apresentador de programas sobre História e Património no Porto Canal. Colaborador das revistas O Tripeiro e História- Jornal de Notícias. É proprietário da empresa TACITUS. Património & História Lda, promotora de atividades culturais, excursões temáticas e percursos pelo Porto. Autor de diversas obras sobre o Porto: Lendas do Porto (5 volumes), Lendas de Natal, O Porto de Nasoni.

José Ferrão Afonso	Mestre em História da Arte e Doutor em Teoria e História de Arquitetura. Trabalhou como professor e coordenador na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa e é investigador em História Urbana do Porto, tendo publicado diversos artigos sobre arquitetura e história portuense. É autor de livros sobre arquitetura no Porto. Alguns dos livros publicados: A Herança do Muratore, A Rua das Flores no Século XVI- Elementos Para a História Urbana do Porto Quinhentista.
José António Nogueira Parada Ferreira Silva	Licenciado em História da Arte e pós-graduado em Recursos Patrimoniais na FLUP, é doutorando em Estudos do Património nesta instituição e investigador no CITCEM. Na Misericórdia do Porto é técnico superior no MMIPO, na área de Estudos e Investigação.
José Guilherme Abreu	Doutor em Estudos do Património e Conservação e Restauro de Bens Culturais; Mestre em Conservação e Restauro de Bens Culturais. É coordenador da Rede de Informação, Investigação e Intervenção de Arte Pública - R3iAP e Professor Auxiliar Convidado. Autor dos livros: A Escultura no Espaço Público do Porto e Rayond Abellio- Caminhada para o Conhecimento.
José Manuel Tedim	Doutor em História e investigador sobre Barroco e sobre a Sociedade Portuguesa, com mais de 50 artigos publicados. Foi reitor da Universidade Portucalense e professor do Mestrado em Conservação e Restauro desta universidade, e também docente da Universidade de Coimbra. É co-autor do livro Porto Visto de Cima.
Manuel de Sousa	Licenciado em Ciências Históricas, é mestre e doutorando em Turismo, tendo atuado na área de Comunicação e Marketing. Autor da página “Porto Desaparecido” no Facebook, em que partilha memórias sobre a cidade,

	o que lhe valeu, em 2013, a atribuição da Medalha Municipal de Mérito pela CMP. Também é autor do livro Porto d’Honra.
Alcides Gonçalves	Licenciada em arquitectura paisagista, com mestrado em Cidadania Ambiental e Participação, e doutoramento em Sustentabilidade Social e Desenvolvimento. Desenvolve pesquisa em assuntos ligados a História da Arte dos Jardins Históricos. Colaborou em diversos gabinetes, no âmbito do ordenamento de território, estudos de impacte ambiental, projetos de jardins e espaços abertos, e atividades de recreio e turismo. Atuou como investigadora no Centro de Investigação e Formação em Artes e Design – CIFAD, e integra atualmente o conselho Fiscal da Sociedade de Ética Ambiental – SEA. Foi docente na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - UTAD e no Instituto Politécnico de Viana de Castelo - IPVC.

Fonte: Elaboração própria a partir de consultas a autores.

Apêndice O

Protocolo de Consentimento Informado



Entrevista nº:
Data:
Hora:

Protocolo de Consentimento Informado

Eu, _____, com o número de cartão cidadão nº _____, aceito participar de livre vontade no estudo de autoria de Silvia Resende Oliveira, orientado pela Professora Doutora Alice Semedo (Professora Associada do Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora integrada do CITCEM), no âmbito da dissertação do Mestrado em Ciências da Comunicação, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Foi-me explicado e compreendo os objetivos principais deste estudo como sendo:

1. Caracterização dos percursos pedestres guiados realizados na cidade do Porto.
2. Desenvolvimento de estudo sobre as temáticas e públicos das Visitas D'Autor.

Compreendo que a minha participação nesse estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo pra mim.

Confirmo que a transcrição e edição da entrevista apresentada juntamente com este documento está em conformidade com o que foi dito por mim durante a gravação e autorizo que este conteúdo seja anexado aos apêndices deste estudo.

Entendo ainda que toda a informação obtida nesse estudo apenas será utilizada para fins académicos, a menos que eu o autorize por escrito.

Assinatura _____

Data ____/____/____

Apêndice P

Relação entre Áreas Temáticas e Questões do Inquérito Visitas d'Autor

Áreas Temáticas	Questões do inquérito Visitas d'Autor MMIPO
Validação da participação	1. Já participou de algum dos percursos guiados do projeto Visitas d'Autor do MMIPO?
Contexto da visita	2. Quantas vezes participou da atividade Visitas d'Autor? 3. Como soube da existência das Visitas d'Autor? 4. Como se deslocou até o ponto de encontro desta visita? 5. Fez a Visita... 6. Se acompanhado, com quem fez a Visita?
Motivações e expectativas	7. Que razões o/a levaram a participar das Visitas d'Autor? (marcar até 3 opções)
Experiência e avaliação	8. Como avalia as Visitas d'Autor (Muito mau, Mau, Razoável, Bom, Muito bom)? 9. Já abandonou uma visita antes do seu encerramento? 10. Com quais desses guias gosta mais de realizar visitas? (assinalar até 2) 11. Justifique a resposta anterior (marcar até 2): 12. De modo geral, em que medida ficou satisfeito com as Visitas d'Autor? 13. Recomendaria as Visitas d'Autor para outras pessoas? 14. Que aspetos poderiam ser melhorados nas Visitas D'Autor?

Segmentações	15. Participa de rotas culturais promovidas por outras empresas/grupos? 16. Se já participou num percurso realizado por outra instituição, informe qual.
Construção de significados, identidade.	17. De acordo com a sua experiência com as Visitas D´Autor, indique o seu grau de concordância com as seguintes afirmações. O programa Visitas D´Autor.... (Discordo totalmente, Discordo, Indiferente, Concordo, Concordo totalmente).
Variáveis demográficas	18. Eu sou (género)... 19. A minha idade... 20. A minha nacionalidade é... 21. Eu moro em... 22. O meu nível de escolaridade mais elevado é... 23. A minha profissão é... 24. A minha condição perante o trabalho é...
Interesse pessoal em contribuir com melhorias	25. No âmbito desta investigação, gostaríamos de aprofundar alguns tópicos deste questionário. Estaria disponível para ser contactado/a para lhe colocarmos outras questões? 26. E-mail? 27. Telefone?

Fonte: Elaboração própria com base no modelo de Semedo et al. (2015, p.33).

Apêndice Q

Serviços Prestados Pela Misericórdia do Porto

Setor	Estabelecimentos e programas
Saúde	Hospital da Prelada; Centro Hospitalar Conde Ferreira; Centro de Reabilitação do Norte – Dr. Ferreira Alves;
Ensino especial	Centro Integrado de Apoio à Deficiência (CIAD);
Educação	Colégio Nossa Senhora da Esperança;
Justiça	Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo (EPSCB);
Ação Social	Departamento de Intervenção Social (DIS); Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPI); Serviço de Apoio Domiciliário (SAD); Serviço de Atendimento e Acompanhamento Social (SAAS); Projeto Incorpora; Centro de Convívio; Programa Chave de Afetos; Casa Santo Antônio- Casa Abrigo; Casa da Rua – Comunidade de Inserção; Centro de Alojamento Social. D. Manuel Martins; Cantinas Sociais; Banco do Vestuário; Loja Solidária; Colégio Barão de Nova Sintra – Lar de Infância e Juventude; Apartamento de Pré-Autonomização Manuel Ramos; Projeto Arco Maior;
Cultura	Museu da Misericórdia do Porto (MMIPO); Casa da Prelada; Bibliotecas (na Casa da Prelada e no Centro Hospitalar Conde de Ferreira); Igreja da Misericórdia do Porto; Cemitério Privativo (no Prado do Repouso);

	Hospital Santo Antônio (bens culturais);
Ambiente e Agricultura	Quinta D´Alva; Jardins da Casa da Prelada; Quinta da Prelada; Parque José Avides Moreira;

Fonte: (Martins, 2018, p. 58 e 59; SCMP, 2021).

Apêndice R

Dados sobre as Visitas d'Autor

Quadro R1 Números das Visitas d'Autor

<i>Ano</i>	<i>Guias</i>	<i>Edições</i>	<i>Participantes</i>	<i>Preço</i>
2016	2	8	-	5€
2017	5	20	-	5€
2018	6	21	873	5€
2019	6	21	822	6€
2020	6	12	354	6€

Fonte: Autoria própria com base em informações fornecidas pelo MMIPO.

Quadro R2 Detalhes das Visitas d'Autor em 2019

Título do percurso e descrição	Orientador	Participantes	Freguesia visitada
Quatro igrejas do património restaurado do Porto: percurso pela Igreja de São José das Taipas, São João Novo, Capela de Nossa Senhora do Ó e Igreja de São Nicolau.	José Tedim	38	União das Freguesias do Centro Histórico do Porto
Do Terreiro da Sé ao Museu da Misericórdia: um percurso	Germano Silva	52	União das Freguesias do

evocativo dos caminhos de Santiago do Porto			Centro Histórico do Porto
Capelas famosas desaparecidas- Relembra a história de três capelas famosas da cidade que já não existem:	Germano Silva	24	União das Freguesias do Centro Histórico do Porto
Cinema Batalha – visita a famosa sala de espetáculo, classificada em 2013 como monumento de interesse público.	José G. Abreu	36	União das Freguesias do Centro Histórico do Porto
Inglese no Porto- A influência dos ingleses na formação do património cultural da cidade.	Manuel Sousa	45	União das Freguesias do Centro Histórico do Porto
O Castelo de Gaia e a Lenda do Rei Ramiro- passeio pelas margens do Douro, do lado de Gaia.	Joel Cleto	65	Freguesia de Santa Marinha e São Pedro da Afurada (Gaia)
Os Noronha e Menezes e a Quinta da Prelada - visita à Casa e Quinta da Prelada, um dos legados de Nicolau Nasoni na cidade, relembrando a história dos benfeitores que fizeram essa doação para a Misericórdia.	José Ferreira	23	Ramalde

Os antigos mosteiros do Porto-Monchique, S. Francisco, S. Domingos, Ave Maria, Santa Clara, Carmelitas e S. João Novo	Germano Silva	64	União das Freguesias do Centro Histórico do Porto
A descoberta dos benfeitores da Misericórdia no Cemitério de Agramonte	José Ferreira	37	União das Freguesias do Centro Histórico do Porto
Italianos no Porto - influência italiana na cidade, sobretudo na arquitetura de Nasoni.	Manuel Sousa	43	União das Freguesias do Centro Histórico do Porto
Igreja de Sto Ildefonso à Capela dos Alfaiates	José Tedim	35	União das Freguesias do Centro Histórico do Porto
Visita de São João - Percurso da Lapa à Rua das Flores, falando sobre as tradições pagãs e populares, e passando por lugares por onde se festeja o São João o Porto.	Germano Silva	38	União das Freguesias do Centro Histórico do Porto
De São Francisco à Ribeira	José Tedim	22	União das Freguesias do Centro

			Histórico do Porto
Visita ao conjunto de estatuária do Palácio de Cristal	José Abreu	15	Massarelos
A cidade dos ofícios - baseado na sua obra "Porto, Profissões quase desaparecidas", esse percurso vai da Praça da Batalha ao MMIPO.	Germano Silva	61	União das Freguesias do Centro Histórico do Porto
Do Morro da Sé, ao Jardim do Morro: uma travessia pela Ponte Luis I	José Tedim	23	União das Freguesias do Centro Histórico do Porto
Franceses no Porto- a influência dos imigrantes franceses na cidade.	Manuel Sousa	35	União das Freguesias do Centro Histórico do Porto
Visita de São Martinho: Através de Cedofeita, Igreja de S Martinho e Palacete Araújo Porto	Joel Cleto	69	União das Freguesias do Centro Histórico do Porto
Alemães no Porto - A relação da cidade com os alemães, desde a II Guerra Mundial, quando esses estrangeiros foram expulsos de Portugal.	Manuel Sousa	30	União das Freguesias do Centro Histórico do Porto

Do Hospital de Santo António ao MMMIPO- Factos, figuras e estórias	José Ferreira	14	União das Freguesias do Centro Histórico do Porto
Visita com 6 autores - Tradições natalícias do Porto.	Todos os guias juntos	53	União das Freguesias do Centro Histórico do Porto

Fonte: Autoria própria com base na análise da programação das Visitas D´Autor.

Apêndice S

Fatores Motivacionais e Correlações com Motivações do Questionário

FATORES MOTIVACIONAIS: DIMENSÕES E CATEGORIAS			
<i>Aprendizagem e Descoberta</i>	<i>Escapismo</i>	<i>Interação social e familiar</i>	<i>Respeito e admiração / Autorrealização</i>
Saber mais sobre o Porto	Passear pela cidade	Estar com amigos	Admiro os guias
Saber mais sobre a SCMP	Fazer uma atividade física	Conhecer pessoas	Tenho orgulho da cidade
Explorar novos lugares	Fazer algo diferente	Acompanhar alguém	Ouvi falar dos guias
Fins de estudo e investigação	É divertido	Fui convidado	
Fins profissionais	Quero sentir-me como turista no Porto	Tenho familiares que viveram aqui	

Fonte: Elaboração própria baseado em Semedo et al. (2018, pp. 106-107).

Apêndice T

Aspetos que Poderiam ser Melhorados (n=67)

Aspetos referidos	Nº de menções
A qualidade do som/ uso de aparelhos de audioguia	31
Redução no número de participantes	6
Nada, está tudo bom	5
Visita a interiores	4
Ampliação dos temas abordados	3
Realizar percursos com mais frequência	3
Ampliação da zona geográfica de cobertura	2
Comunicação prévia do ponto de partida e de encerramento	2
Melhorar a divulgação	2
Gratuidade dos percursos	1
Disponibilização de equipamento de proteção em caso de mau tempo	1
Fornecimento de um elemento de recordação	1
Convidar mais autores	1
Avisar antecipadamente o grau de dificuldade do percurso	1
Falar mais dos benfeitores da SCMP	1
Voltar a conceder um bilhete de aceso ao MMIPO	1
Fazer a introdução dos temas em local sentado	1
Andar mais, passar menos tempo parado num só lugar	1

Fonte: Autoria própria com base em inquérito.

Apêndice U

Inquérito por questionário

Questionário sobre Visitas D´Autor

25/03/21, 14:44

Questionário sobre Visitas D´Autor

Está a ser convidado/a para participar num estudo sobre a atividade de percursos orientados Visitas D´Autor, do MMIPO - Museu e Igreja da Misericórdia do Porto, que procura conhecer melhor os participantes e avaliar o seu nível de satisfação com esta atividade. A sua participação, caso aceite colaborar, envolverá responder a um questionário online onde lhe colocaremos perguntas sobre as motivações da sua participação e opiniões sobre esta atividade cultural.

A participação neste estudo não implica riscos para si ou para a sua família. Os benefícios potenciais dizem respeito a ajudar a entender melhor o que leva as pessoas a participar nesta atividade e como a instituição pode melhorar alguns aspetos da sua organização e funcionamento.

De forma a obtermos informação válida, é importante que responda da forma mais sincera possível. A recolha de respostas é feita de forma voluntária e anónima e a base de dados que será criada a partir dessa recolha estará totalmente anonimizada. No final do questionário será colocada uma questão relacionada com a sua disponibilidade para a realização de uma entrevista num outro momento, mas, tal como no caso do questionário, esta decisão não é vinculativa. Se aceitar participar, mas mais tarde mudar de ideia, quer durante o preenchimento do questionário quer durante a eventual realização de entrevista, poderá sair do estudo a qualquer momento sem quaisquer consequências, garantindo-se que as respostas entretanto dadas não serão consideradas. O preenchimento deste inquérito tem uma duração aproximada de 3 minutos.

Esta pesquisa é realizada por Silvia Resende no âmbito da Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura (Faculdade de Letras da Universidade do Porto) com a orientação de Alice Semedo. O inquérito é distribuído pelo MMIPO com a supervisão de José Ferreira e Silva.

Para qualquer esclarecimento adicional ou para conhecer os resultados da investigação, poderá contactar a responsável do estudo, através do seguinte contacto: up201803869@letras.up.pt

Ao carregar em "seguinte", declaro que:

Li todas as informações, que tomei conhecimento dos objetivos, e que aceito participar neste estudo, permitindo a utilização dos dados recolhidos para efeitos da investigação descrita nos termos apresentados no texto de informação ao participante.

***Obrigatório**

Participação

https://docs.google.com/forms/u/1/d/1kBAD30dwyampq_gMAI_WPQifcaYc6x-e3BBpbueFRQs/printform

Página 1 de 14

1. Já participou de algum dos percursos guiados do projeto Visitas D'Autor do MMIPO? *

☐ Sim

☐ Não

Contexto da visita

2. Quantas vezes participou da atividade Visitas D'Autor? *

☐ 1 vez

☐ 2 a 3 vezes

☐ 4 a 5 vezes

☐ 6 ou mais vezes

3. Como soube da existência das Visitas D'Autor? *

☐ Por amigos, familiares ou conhecidos

☐ Através de email enviado pelo MMIPO

☐ Pelo rádio ou TV

☐ Jornal impresso ou online

☐ Internet/ Redes Sociais

☐ Não me lembro

☐ Outra: _____

4. Como se deslocou até o ponto de encontro desta visita? *

- ☐ Carro
- ☐ Táxi
- ☐ A pé
- ☐ Autocarro/ metro
- ☐ Bicicleta
- ☐ Motociclo
- ☐ Outra: _____

5. Fez a Visita... *

- ☐ Sozinho
- ☐ Acompanhado

Se fez a visita acompanhado...

6. Com quem fez a visita? *

- ☐ Meu cônjuge/ companheiro (a)
- ☐ Membros da família incluindo crianças
- ☐ Membros da família NÃO incluindo crianças
- ☐ Amigo (s)
- ☐ Com membros de uma associação
- ☐ Outra: _____

Motivações

7. Que razões o/a levaram a participar das Visitas D'Autor? (Marcar até 3 opções) *

- ☐ Saber mais sobre o Porto
- ☐ Saber mais sobre a Misericórdia do Porto
- ☐ Passear pela cidade
- ☐ Estar com amigos
- ☐ Conhecer pessoas
- ☐ Fazer uma atividade física
- ☐ Explorar novos lugares
- ☐ Fins de estudo e investigação
- ☐ Fins profissionais
- ☐ Acompanhar alguém
- ☐ Porque ouvi falar dos guias
- ☐ Porque admiro os guias
- ☐ Tenho orgulho da cidade
- ☐ Fazer algo diferente
- ☐ É divertido
- ☐ Tenho familiares que vivem ou viveram aqui
- ☐ Fui convidado/a
- ☐ Quero sentir-me como um turista no Porto

Outra: ☐ _____

Experiência e avaliação

8. Como avalia as Visitas D'Autor? *

	Muito mau	Mau	Razoável	Bom	Muito bom
Duração do percurso	☐	☐	☐	☐	☐
Grau de dificuldade para me deslocar durante o percurso	☐	☐	☐	☐	☐
Temas abordados	☐	☐	☐	☐	☐
Qualidade da informação prestada pelo guia	☐	☐	☐	☐	☐
Qualidade do som/possibilidade de ouvir bem o que é dito durante o percurso	☐	☐	☐	☐	☐
Facilidade de aquisição do bilhete de acesso à atividade	☐	☐	☐	☐	☐
Facilidade de acesso ao ponto de encontro inicial do percurso	☐	☐	☐	☐	☐
Escolha do local de encerramento do percurso	☐	☐	☐	☐	☐
Preço do bilhete	☐	☐	☐	☐	☐

9. Já abandonou uma atividade antes do seu encerramento? *

- ☐ Nunca
- ☐ Sim, porque tive compromissos
- ☐ Sim, porque não gostei do tema
- ☐ Sim, porque estava cansado (a)
- ☐ Sim, porque não gostei do guia
- ☐ Sim, porque a pessoa que me acompanhava não gostou do tema
- ☐ Outra: _____

10. Com quais destes guias mais gosta realizar visitas? (assinalar até 2) *

- ☐ Joel Cleto
- ☐ Germano Silva
- ☐ José Ferreira e Silva
- ☐ José Guilherme Abreu
- ☐ Manuel de Sousa
- ☐ José Ferrão Afonso
- ☐ Alcides Gonçalves
- ☐ José Manuel Tedim
- ☐ Todos
- ☐ Não me lembro
- ☐ Não sei
- ☐ Nenhum

11. Justifique a resposta anterior (marcar até 2): *

- ☐ Criatividade
- ☐ Simpatia
- ☐ Qualidade da informação prestada
- ☐ Forma como aborda dos temas
- ☐ Recursos utilizados
- ☐ Capacidade de passar a mensagem

Outra: ☐ _____

12. De modo geral, em que medida ficou satisfeito com as Visitas D'Autor? *

	Muito insatisfeito(a)	Insatisfeito(a)	Nem satisfeito(a), nem insatisfeito(a)	Satisfeito(a)	Muito satisfeito(a)
Grau de satisfação:	☐	☐	☐	☐	☐

13. Recomendaria as Visitas D'Autor para outras pessoas? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez
- ☐ Não sei

14. Que aspetos poderiam ser melhorados nas Visitas D'Autor?

15. Participa de percursos culturais promovidos por outras instituições? *

- ☐ Sim, sempre
- ☐ Sim, às vezes
- ☐ Já participei uma vez
- ☐ Nunca participei

16. Se já participou em um percurso realizado por outra instituição, informe qual.

Participação nas Visitas D'Autor

17. De acordo com sua experiência com as Visitas D'Autor, indique seu grau de concordância com as seguintes afirmações. O programa Visitas D'Autor.... *

	Discordo totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo totalmente
Proporciona uma experiência de aprendizagem	☐	☐	☐	☐	☐
Propicia lembranças sobre o passado ou recordações	☐	☐	☐	☐	☐
Valoriza os bens culturais com os quais me identifico	☐	☐	☐	☐	☐
Cria um sentimento de comunidade	☐	☐	☐	☐	☐
Protege e valoriza o património cultural do Porto	☐	☐	☐	☐	☐
Promove um sentimento de orgulho nacional	☐	☐	☐	☐	☐
É uma fonte de auto-estima pessoal	☐	☐	☐	☐	☐
É uma fonte de inspiração e prazer	☐	☐	☐	☐	☐
É uma atividade de família "para mais tarde recordar"	☐	☐	☐	☐	☐
É um espaço seguro para conhecer pessoas	☐	☐	☐	☐	☐

Caracterização sociodemográfica

18. Eu sou... *

- ☐ Homem
- ☐ Mulher
- ☐ Outro

19. A minha idade é... *

- ☐ Até 18
- ☐ 19 a 25
- ☐ 26 a 35
- ☐ 36 a 45
- ☐ 46 a 55
- ☐ 56 a 65
- ☐ 66 a 75
- ☐ Mais de 75 anos

20. A minha nacionalidade é... *

- ☐ Portuguesa
- ☐ Brasileira
- ☐ Espanhola
- ☐ Outra: _____

21. Eu moro em... *

- ☐ Amarante
- ☐ Baião
- ☐ Felgueiras
- ☐ Gondomar
- ☐ Lousada
- ☐ Maia
- ☐ Marco de Canaveses
- ☐ Matosinhos
- ☐ Paços de Ferreira
- ☐ Paredes
- ☐ Penafiel
- ☐ Porto
- ☐ Póvoa de Varzim
- ☐ Santo Tirso
- ☐ Trofa
- ☐ Valongo
- ☐ Vila do Conde
- ☐ Vila Nova de Gaia
- ☐ Outra: _____

22. Meu nível de escolaridade mais elevado é... *

- ☐ Sei ler e escrever, mas não possuo nenhum grau
- ☐ Ensino básico
- ☐ Ensino secundário
- ☐ Pós-secundário não superior
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado
- ☐ Pós-doutorado

23. A minha profissão é... *

24. A minha condição perante o trabalho é... *

- ☐ Trabalhador independente
- ☐ Trabalhador por conta de outrem
- ☐ Proprietário/ empresário
- ☐ Estudante ou investigador
- ☐ Reformado
- ☐ Desempregado
- ☐ Ocupo-me das tarefas do lar
- ☐ Outra: _____

No âmbito desta investigação, gostaríamos de aprofundar alguns dos tópicos deste questionário. Estaria disponível para ser contactado/a para lhe colocarmos outras questões?

25. *

☐ Sim☐ Não

Se sim, deixe aqui seu contato

26. E-mail

27. Telefone

Obrigado por sua participação!

Termina aqui este questionário

Obrigado
por sua
participação!

Essa é uma pesquisa de satisfação acerca das Visitas D'Autor do Museu da Misericórdia. Caso tenha participado de algum dos percursos integrantes desse programa, volte para a pergunta anterior e escolha a opção "Sim". Caso nunca tenha participado, fica o nosso convite para conhecer essa atividade, assim que as Visitas sejam retomadas. Até breve!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

